



Camélias Portuenses do Século XIX

Joana Andresen Guedes

Camélias Portuenses do Século XIX

Joana Andresen Guedes

Ficha técnica

Título: Camélias Portuenses do Século XIX

Autora: Joana Andresen Guedes

Revisão, edição e tratamento de

imagem: João Almeida

Concepção gráfica: GSA Design

Impressão e acabamento: Empresa Diário do Porto

ISBN: 978-989-33-1337-4

Depósito Legal: xxxxxx

1.ª Edição: xxx de x de 2021

© 2021 Joana Andresen Guedes

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no seu todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios electrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem a prévia autorização escrita da autora.

A autora escreve segundo a antiga ortografia.

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao meu marido Roberto, à minha irmã Teresa, à Clara Gil de Seabra e ao Armando de Castro Oliveira pelo seu interesse, amizade e ajuda inestimáveis na revisão deste texto, bem como ao João Almeida e ao João Tiago Santos na edição e design deste livro.

Agradeço a cedência e autorização de publicação de imagens a:

Arquivo Histórico Municipal do Porto, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Centro Português de Fotografia, Cleveland Museum of Art, Direção-Geral do Património Cultural/Arquivo de Documentação Fotográfica (Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Museu Nacional de Soares dos Reis, Museu Nacional dos Coches, Palácio Nacional da Ajuda), Hemeroteca Municipal de Lisboa, Universidade de Coimbra, VERITAS Art Auctioneers, Wellcome Collection, Ana Sofia Andresen Castro Henriques, António Assunção, Armando de Castro Oliveira, Casimiro Alves, Clara Gil de Seabra, Diogo Campos, Francisco R. V. Olazábal, Francisco Xavier Olazábal, Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, José Alberto e Isaura Allen (HAAGA), José da Costa Reis, José Horácio Garcia, Luís Braga da Cruz, Maria do Carmo Andresen, Miguel Costa, Nuno Guedes de Almeida.

Camélias Portuenses do Século XIX

Joana Andresen Guedes



À memória dos meus pais,
Teresa e Gustavo Andresen



A thing of beauty is a joy forever.

J. Keats, "Endymion"

*O Porto é como um rio correndo
entre camélias.*

Giosuè Carducci



Índice

Nota prévia	13
1. O Porto, cidade das camélias	15
2. Chegada das primeiras camélias a Portugal e à Europa	21
3. Primeiras referências a camélias no Porto de Oitocentos	37
4. <i>O Jardim Portuense</i> e as camélias portuenses do primeiro período	45
5. As primeiras exposições agrícolas do Porto	51
6. O Palácio de Cristal e a Exposição Internacional do Porto — início do segundo período das camélias oitocentistas portuenses	57
7. José Marques Loureiro e a época áurea das camélias	67
8. As camélias nos catálogos do Horto das Virtudes	83
9. As camélias e o <i>Jornal de Horticultura Prática</i>	93

10. Duarte de Oliveira — a alma do <i>Jornal de Horticultura Prática</i>	103
11. Exposições de camélias no Palácio de Cristal — 1877, 1880, 1889 e 1891	123
12. Outros horticultores de Oitocentos que se dedicaram às camélias	137
13. As camélias de Oitocentos e os seus entusiastas	149
14. Nomes das camélias — um reflexo do espírito do Porto	175
15. As camélias na arte	183
16. Alguns jardins com camélias oitocentistas na região do Porto	195
Anexo I — Origem do nome de várias camélias oitocentistas do Porto	227
Anexo II — Algumas camélias portuenses do século XIX	233
Notas	258
Bibliografia	263
Créditos das imagens	266

Nota prévia

As camélias, flores do romantismo, fizeram furor no Porto a partir do início do século XIX. Camélias portuenses do século XIX são as camélias portuguesas com origem no Porto no sentido mais lato, ou seja, do grande Porto, durante esse século. Das mais de 400 camélias registadas de origem portuguesa, 355 são do século XIX, e na sua quase totalidade obtidas no Porto e arredores.

Este livro irá debruçar-se sobre o Porto de Oitocentos, os seus horticultores e entusiastas de horticultura na medida em que se relacionam com as camélias. Foi motivado em grande parte pelo interesse despertado pela personalidade de José Marques Loureiro e pela leitura do *Jornal de Horticultura Prática* (1870-1892), uma publicação de grande nível que existiu durante 23 anos e tão bem retratou esta época — sobretudo através dos textos de Duarte de Oliveira, Jr., seu co-fundador, juntamente com Marques Loureiro, e editor durante 18 anos.

Escrevi-o pensando no público em geral, e não como uma obra científica ou académica. Para uma maior facilidade de leitura referirei as variedades de *Camellia japonica* apenas pelos seus nomes. Por exemplo, quando escrevo camélia ‘Duarte de Oliveira’, refiro-me à *Camellia japonica* ‘Duarte de Oliveira’.

Em vez de empregar a actual designação “cultivar” para referir as diferentes camélias dentro de uma mesma espécie, optei pelo termo “variedade”, utilizado no século XIX e até há bem pouco tempo, coadunando-se mais com a época em que o livro se integra, e também para evitar diferenças entre as várias transcrições e o texto em si.

Quanto à ortografia das camélias portuguesas oitocentistas, o nome por que são actualmente conhecidas vem escrito segundo o modo como surge pela primeira vez, e também no sentido de uma melhor homologação com o *International Camellia Register* da ICS (Sociedade Internacional das Camélias). Daí haver nomes que poderão parecer estranhos e obsoletos, tais como ‘Nympha de Fiaes’ ou ‘Dona Stephania, Rainha de Portugal’.



Fig. 1 José Marques Loureiro e Duarte de Oliveira na Quinta da Revolta. Fotografia de Aurélio da Paz dos Reis.



I

O Porto, cidade das camélias

O nome camélia (ou *tsubaki* em japonês, que significa “árvore de folhas luzidias”) foi criado em 1735 por Lineu (1707-1778) que quis homenagear o padre jesuíta Joseph Kamel (1661-1706), famoso naturalista e botânico, que se pensava ter sido o primeiro a trazer as sementes desta planta para a Europa. Lineu latinizou o nome Kamel — *Camellus* — que passou a designar o género a que pertence a *Thea chinensis* ou *Thea japonica*, ou seja, a *Camellia*. A camélia pertence à família Theaceae, membro da tribo Gordoniae, género *Camellia* L. Das várias espécies, a *japonica* é a que mais se distingue pela sua grande beleza e valor ornamental.

Na Europa do século XIX há um enorme entusiasmo pelo exótico e pela novidade, e as camélias, vindas do longínquo Oriente, também chamam a atenção. Adaptam-se muito bem ao clima e solo do Porto e Norte de Portugal, a ponto de serem alvo de admiração de vários estrangeiros que por aqui passaram.

Fig. 2 O Porto visto através das camélias.



Fig. 3 Camélias, granito e água.

O poeta italiano Giosuè Carducci, durante a sua visita ao rei Carlos Alberto da Sardenha em 1849, descreveu o Porto como sendo «... um rio correndo entre camélias...»¹. Em 1880 Joaquim de Melo e Faro afirmava: “Dizem os belgas que a sua cidade de Gand é a cidade das flores; e nós, os portugueses, podemos dizer que o Porto é a cidade das *Camélias*.”² De facto, é a primeira cidade da Europa a ser conhecida como tal. Gabriel de Saint-Victor, em 1891, vai ainda mais longe. Para ele: “O Porto e os seus arredores são a verdadeira pátria das camélias. Vemo-las por todo o lado; elas são enormes, cobertas de flores no Inverno e amontoam-se até nos cemitérios, se é que podemos usar esta expressão.”³

E o botânico belga Emile Rodigas, na revista *L'illustration Horticole* de 1889, menciona as camélias em Portugal, dizendo que no Porto “Há Camélias por todos os lados (...) tanto no pequeno jardim burguês como no jardim dos ricos. No cemitério da cidade do Porto há Camélias com copas soberbas a ladear a avenida central.



Fig. 4 Jazigo rodeado por camélias no cemitério de Agramonte.

Por toda a parte no Porto as Camélias são plantadas como outra árvore qualquer, em terra normal, sem mistura de outras terras especiais, tal como a sua cultura, que também não requer quaisquer cuidados especiais.”⁴

António José de Campos Porto, durante uma reunião dos principais horticultores e entusiastas de horticultura realizada em 1892, ao propor que se realize todos os anos uma exposição de camélias no Porto, afirma: “Sendo, pois o Porto a pátria de mais de cento e cinquenta variedades,

e além disso a verdadeira região da *Camélia* em Portugal, é justo que seja nesta cidade, à qual tão afeiçoado sou, que se lhe prestem as homenagens a que tem jus, como verdadeira rival da *Rosa*, e como incontestável *Rainha do Inverno*.”⁵

É sabido que as camélias encontraram em Portugal as condições ideais para se desenvolverem, não só no Porto, mas também em Guimarães, onde se podem ver, entre outras, as magníficas camélias do Palácio Vila Flor, da Quinta do Costeado e, mais recentemente, do viveiro Camélias Park Flavius, pertencente ao Sr. António Assunção, que tanto se tem empenhado em preservar as camélias antigas portuguesas, juntamente com o Prof. Armando Oliveira. Entre os numerosos jardins de camélias do Norte de Portugal, são emblemáticos a Casa do Casal em Santo Tirso,

a Quinta da Aveleda em Penafiel, a Casa da Companhia em Paço de Sousa, a Quinta de Curvos em Esposende, várias casas e quintas de Celorico de Basto e tantas outras. Mais para Sul, há camélias em profusão no vale do Mondego, em Viseu, em Sintra, na Serra de Monchique, e ainda na Madeira e nos Açores. Exemplo disso são as camélias da Quinta da Ínsua e do Parque do Buçaco, e das várias quintas de Sintra, com especial ênfase para a magnífica colecção do Parque da Pena. Infelizmente, várias das muitas camélias antigas do jardim da Quinta do Palheiro Ferreira, na Madeira, tratadas com paixão por Christina Blandy, morreram há cerca de dois anos devido a um enorme incêndio. Uma delas chama-se ‘The Count’s Buttonhole’, por ser usada na lapela pelo conde de Carvalhal. Nos Açores, além das camélias ‘Açoreana’ e ‘Independência dos Açores’, há muitíssimas camélias oitocentistas e grandes entusiastas, como o Eng. João Forjaz Sampaio e o Sr. Fernando Costa, que têm organizado vários encontros internacionais de camélias antigas e belíssimas exposições de camélias.

Em Portugal há quatro jardins que receberam a distinção de *International Camellia Garden of Excellence*, outorgada pela International Camellia Society (ICS): a Quinta de Curvos (Esposende), o Parque da Pena (Sintra), o Parque Terra Nostra (S. Miguel, Açores) e o Jardim Botânico do Porto.

No entanto foi na região do Porto que surgiu a grande maioria das camélias portuguesas, onde foram objecto de um verdadeiro culto, e daqui foram levadas para outros pontos do país e para o estrangeiro.

Segundo Vera Cálem: “Recordando, já no exílio, uma visita ao Porto em 1893, o escritor, estadista e incansável viajante Manuel Teixeira Gomes deixou páginas encantatórias acerca da cidade onde vivera durante os primeiros anos da década de 1880: «Antes de procurar algum dos meus amigos dei uma volta pela cidade, que julgo ser, nas suas dimensões, a mais pitoresca do mundo (...).”

Nessa atmosfera de suaves cambiantes se atenua a rudeza do granito escuro das construções; e no tempo das camélias, que ali recamam, da base ao topo, verdadeiras árvores de tupida ramagem, a cada passo surgem trechos de iluminura persa. Nessa atmosfera, no cinzento do granito, a envernizada folhagem das

camélias, os tons de rosa, de vermelho, de púrpura das suaves flores redobram de intensidade, e há momentos em que diria que ardem.

Então como eu as vi mais de uma tarde, nos jardins do Palácio de Cristal, onde elas pululam e atingem enormes proporções, ao pôr-do-sol, com o céu todo doirado a servir-lhes de fundo, não há esmaltes de Damasco, nem pinturas de Isfahan, ou porcelana da China, que se lhes compare em sumptuosidade e graça.»⁶

Não há dúvida que Teixeira Gomes conseguiu captar com olhos de artista a magia tão especial das camélias associadas ao granito e à luz doce do Porto.



Fig. 5 Tapete de camélias.

2

Chegada das primeiras camélias a Portugal e à Europa

Antes de falar no Porto do século XIX, irei fazer um breve historial das camélias e da sua chegada a Portugal e à Europa. Estas plantas são originárias de uma longa faixa de território que se estende desde o Vietname à China, às ilhas do Mar da China e ao Japão.

Muito se tem especulado sobre a data da chegada das primeiras camélias à Europa. Vários factores apontam para os descobridores portugueses, que terão trazido esta planta no regresso das suas viagens, mas até hoje não se conhecem provas escritas, sobretudo devido ao terramoto de 1755 em Lisboa que destruiu os arquivos da Casa da Índia. Apesar dos muitos indícios que sugerem que as camélias tenham chegado a Portugal a partir de meados do século XVI/princípios do século XVII,

Fig. 6 Biombo Namban representando a chegada de uma caravela portuguesa a um porto do Japão, possivelmente Nagasaki. Período Momoyama, final, 1600-1610 (em cima) e panela em faiança portuguesa com representação de uma camélia, tendo na frente a inscrição da data: 1608 (em baixo).

As duas obras, existentes no Museu Nacional de Soares dos Reis, são da mesma época, o que prova que as camélias, então chamadas rosas do Japão e da Cochinchina, já eram conhecidas em Portugal no início do século XVII.



não existe documentação, ao contrário de Inglaterra, onde existem provas da chegada de exemplares vivos de camélias no século XVIII.

O botânico Tomé Pires redigiu a sua *Suma Oriental* entre 1512 e 1515, partindo para Cantão em 1516. Jörg Daehnhardt (1947-2012), um alemão cuja família criou raízes em Portugal e que tinha uma enorme dedicação ao nosso país, chamou a atenção para um livro de cantochão português de cerca de 1520, reinado de D. Manuel I, da autoria de António de Holanda, em cujas iluminuras, tal como nos forais manuelinos, podemos ver flores cujas características em tudo se assemelham às das camélias.⁷ Este facto vem amplamente demonstrado nos três livros de Jorge Garrido: *Camélias... outros olhares*, *Camélias Portuguesas – História & Formosura* e *Como cuidar das minhas Camélias*. E em 1563 Garcia de Orta publicou os *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, tornando conhecidas plantas e drogas medicinais desta parte do globo. Seria interessante averiguar se nestas obras haverá alguma informação relacionada com as teáceas...

Jorge Álvares chegou em 1513 à ilha de Sanchuão, perto de Macau, onde levantou um padrão com as armas de Portugal; em 1516 os portugueses estabeleceram relações comerciais com a China e em 1553 obtiveram a concessão da cidade colonial de Macau, o primeiro entreposto europeu em solo chinês, cujo comércio se efectuava entre a China, a Europa e o Japão. Este facto pode indicar que os portugueses terão sido os primeiros europeus a conhecer a camélia (na altura sob o nome de *thea*) permitindo a sua divulgação na Europa.

Segundo Ana Clara Abreu: “Após a concessão de Macau aos portugueses em 1553, formou-se uma comunidade com governo autónomo onde os missionários e a tripulação dos navios tiveram o privilégio de serem os primeiros habitantes da Europa a beber o chá verde da China que veio a ser exportado posteriormente para o Ocidente (...). No século XVI, os portugueses mantinham o monopólio da rota do Cabo, impedindo o acesso de navios europeus aos mares da China. Lisboa era na altura o mercado que abastecia a Europa de riquezas orientais, entre elas o chá, símbolo de exotismo e de poder de compra. As mercadorias, notícias, técnicas e costumes chegavam à Europa pela via de Macau.



Fig. 7 Planta da Fortaleza de Macau, 1635.

Surgem na cidade de Lisboa postos de desembarque destas mercadorias, salientando-se a Casa da Índia.”⁸

Durante a dinastia Ming (1368-1644), um período de elevadíssimo nível cultural, as camélias eram muito apreciadas, e não seria de admirar que estas plantas estivessem representadas nas artes... É muito provável que as primeiras *theas* tenham chegado à Europa sobretudo a partir da zona de Cantão, através do porto de Macau (de onde, quem sabe, poderão também ter sido enviadas algumas camélias para o Japão).

Em 1542 os mercadores portugueses chegaram ao Japão, onde em troca de armas de fogo, marmelos e outros produtos, traziam, muito provavelmente, folhas de chá e, quem sabe, plantas de camélia. Nagasaki foi fundada pelos portugueses em 1570, onde mais tarde os jesuítas chegaram e exerceram a evangelização. Os biombos

Namban existentes no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu Nacional de Soares dos Reis, pintados por japoneses em finais do século XVI/inícios do século XVII, mostram a chegada das “carracas” portuguesas — os barcos pretos ou caravelas — a Nagasaki e cenas de intercâmbio comercial entre as duas civilizações.

A planta do chá, *Thea sinensis*, terá certamente chegado até nós antes de 1662, data do casamento da infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. A infanta terá levado consigo um baú com folhas de chá que foi assim introduzido em Inglaterra e, desde então, passou a ser a bebida da corte, estendendo-se depois a toda a população. O nome “chá” em português vem do cantonês “cha”. Na maioria dos países europeus designa-se por tea, te, thé, tee e thee e só é chamado chá em Portugal e em alguns países do leste europeu e da Ásia que, provavelmente, recebiam o chá directamente da Rota da Seda.

Alguns dos magníficos exemplares de camélias monumentais do Norte de Portugal são um autêntico testemunho de que elas terão chegado muito antes do século XIX a uma região onde o solo e o clima são ideais para o seu desenvolvimento.

Restam algumas tradições orais, como no caso da Casa da Cruz de Cima, em Celorico de Basto, em que Fernão Carvalho da Cunha Coutinho, com uma brilhante carreira em África e na Índia, terá trazido do Oriente por volta de 1550 as primeiras camélias.⁹ O mesmo se passa na Quinta de Campo Belo, em Vila Nova de Gaia, onde, segundo a tradição familiar, as enormes camélias terão sido plantadas no século XVI. Uma delas, considerada (juntamente com as camélias de Pillnitz, na Alemanha, e de Caserta, em Itália) como uma das mais antigas da Europa, infelizmente morreu em 2015.

Outros exemplos são a camélia já desaparecida de Vila Boa de Quires, de flor vermelha singela, que em 1998 tinha de altura pelo menos 8,2 metros e uma copa com 13 metros de diâmetro¹⁰, e outra, com uma circunferência de 3 metros e uma envergadura de 13,15 metros (dados de 2003), em Perosinho, Vila Nova de Gaia. As flores desta camélia fazem lembrar as da antiga variedade ‘Rosa Sinensis’.¹¹

O mesmo se pode dizer de várias quintas do Norte de Portugal, cujos proprietários poderão ter trazido plantas de camélia, ou japoneiras, como também eram chamadas, no regresso das suas viagens ao Oriente. Mas provas, não as há...



Fig. 8 O núcleo de camélias antigas da Quinta de Campo Belo.



Fig. 9 Camélia em Perosinho.



Fig. 10 *C. japonica* ‘Pomponia Rosea’, Casa do Costeado, Guimarães.



Fig. 11 *C. japonica* ‘Paeoniiflora Rosea’, Quinta da Aveleda, Penafiel.



Fig. 12 Ilustração de tsumacky por Andreas Cleyer, 1689.

Fig. 13 Ilustração de tsubaki no *Amoenitatum Exoticarum* de Engelbert Kaempfer, 1712.



1439. **FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA.** Escreveu: *Historia da fundação do Real Convento de Santa Monica, da Cidade de Goa, côrte do Estado da India, e do Imperio Lusitano no Oriente, &c.* Lisboa, na Officina de Antonio Pedroso Galvão. 1699. 4.

Rosas do Japão, Candidas Açucenas, e Ramallete de fragrantes e peregrinas flores, colhidas no Jardim da Igreja do Japão, sem que os espinhos da infidelidade e idolatria as podessem murchar, &c. Lisboa, na Officina de Antonio Pedroso Galvão. 1709. 4.

Rosas do Japão e da Cochinchina, Candidas Açucenas, e Ramallete de fragrantes e peregrinas flores, colhidas nos Jardins da Igreja do Japão e da Cochinchina, &c. Part. 2. Lisboa Occidental, na Officina de Pedro Ferreira. 1724. 4.

Fig. 14 Obras de Frei Agostinho de Santa Maria mencionando as "Rosas do Japão e da Cochinchina" (1709 e 1724).

A primeira observação escrita e respectivo desenho que conhecemos de uma camélia, observada no Japão, são de 1689, da autoria de Andreas Cleyer, botânico holandês ao serviço da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais, que ilustrou uma *tsumacky*¹².

James Cunningham, médico e naturalista escocês ao serviço da Companhia Britânica das Índias Orientais, esteve na China, em Amoy, em 1698, e depois na ilha de Chusan em 1700, morrendo no regresso a Inglaterra. O seu herbário foi parar às mãos de James Petiver, membro da Royal Society, que descreveu e ilustrou esta coleção de plantas secas nas suas *Philosophical Transactions* (1702-1703), entre as quais se encontrava uma camélia singela vermelha, a que atribuiu o nome de *Thea chinensis*.¹³

Em 1709 o português Frei Agostinho de Santa Maria, missionário jesuíta no Japão, menciona no título de uma obra as "Rosas do Japão e da Cochinchina", como então eram chamadas, revelando que já nessa altura eram conhecidas dos portugueses.¹⁴ Também é costume referir a gravura de uma *tsubaki* no *Amoenitatum Exoticarum*, obra publicada pelo médico e naturalista Engelbert Kaempfer, em 1712.



Fig. 15 Ilustração de pavão por George P. Edwards, onde se vê, alegadamente, uma camélia, 1745.

Nos finais do século XVIII e princípios do século XIX o comércio com o Japão estava fechado, pelo que nessa altura a importação de camélias foi feita através do porto de Macau ou outros entrepostos chineses como Fujian, a região onde o chá era comercializado com os ingleses. Daí o facto de as primeiras camélias que chegaram à Europa nessa altura, como por exemplo a ‘Alba Plena’, a ‘Variegata’, a ‘Pompone’ e a ‘Waratah’, serem de origem chinesa.

Contudo, é só em finais de Setecentos, na *Flora Cochinchinensis*¹⁶ do padre João de Loureiro, jesuíta, matemático e naturalista na corte do rei da Cochinchina, actual Vietname, que aparecem as primeiras descrições desta espécie feitas por um português. João de Loureiro menciona três variedades do género *Thea* — *T. cochinchinensis*, *T. cantoniensis* (onde se refere à *Thea bohea*, *Thea viridis* e *Thea sinensis*) e *T. oleosa*, e no segundo volume, já depois de ter tomado conhecimento

A primeira camélia viva de que há registo na Europa chegou a Inglaterra num barco da Companhia Inglesa das Índias Orientais trazida por missionários, e em 1739 já se encontrava na estufa de lorde Petre em Thornhall. Deve ter vindo da China, pois chamavam-lhe “Rosa chinesa”.

No livro *A Natural History of Uncommon Birds and of Some Other Rare and Undescribed Animals*, de George E. Edwards, ornitólogo e naturalista inglês, publicado entre 1743 e 1751, existe uma gravura impressa a cores representando um pavão da China, juntamente com umas flores, que são consideradas como aparentemente pertencendo à referida camélia existente na estufa de lorde Petre.¹⁵

da obra de Lineu (que lhe foi entregue pelo capitão inglês Thomas Riddel), uma *Camellia* — *C. drupifera*. Foi um naturalista de renome internacional, que teve acesso a livros de botânica e sobretudo à obra de Lineu, essencial para reconhecer e classificar as plantas. Os fragmentos do seu herbário encontram-se no Museu de História Natural de Paris.

João de Loureiro (1710-1791) é uma figura esquecida e fascinante, um jesuíta que viveu cerca de 40 anos no Oriente, dos quais 36 na Cochinchina. Correspondia-se com Daniel Solander, um sueco que acompanhou o célebre capitão James Cook nas suas viagens, e ainda com o capitão Thomas Riddel, seu bom amigo. Foi membro da Royal Society de Londres a convite de Sir Joseph Banks (que tinha acompanhado o capitão Cook na sua expedição no *Endeavour* em 1768), com quem também se correspondia, e sócio da Academia Real das Ciências. Segundo E. Breitschneider no seu *Botanicon Sinicum*, publicado em 1822: “O primeiro trabalho científico relativo à flora da China que tenta dar os termos chineses equivalentes aos nomes botânicos de algumas plantas chinesas é a *Flora Cochinchinensis*, escrito em 1778 por Loureiro [embora publicado mais tarde]. (...) Quanto aos nomes chineses de plantas encontrados no livro de Loureiro, estão na sua maioria correctos e serviram, posteriormente, de base para investigações do mesmo tipo.”¹⁷ No *Botanical Register*¹⁸ de 1815, ilustrado por Sydenham Edwards, na descrição da camélia *sasanqua* ‘Lady Banks’s Camellia’ supõe-se que esta será a *Thea oleosa* de que fala o padre Loureiro. O mesmo afirma Philip Andreas Nemnich em 1793, na sua obra *Allgemeines Polyglotten Lexicon des Natur Geschichte*, em que refere ainda a *Camellia drupifera*,



Fig. 16 *C. sasanqua* ‘Lady Banks’s Camellia’/Thea Oleosa Lour.(?), 1815.

Loureiro. Cochinch. Cay deau fo.¹⁹ Foi convidado por Sir Joseph Banks, presidente da Royal Society, para vir para Londres onde este se oferecia para publicar a sua obra, mas o padre Loureiro respondeu que já tinha muita idade e queria acabar os seus dias em Portugal, o que veio a acontecer em 1791, um ano depois da publicação da sua obra mais importante. Acabou os seus dias na penúria, sem ter o reconhecimento dos portugueses pelo seu trabalho magistral. Estes dados são-nos fornecidos pelo Dr. António Bernardino Gomes, que em 1865 leu o elogio histórico do padre João de Loureiro perante a Academia Real das Ciências de Lisboa.²⁰

O botânico, médico e naturalista alemão Heinrich Friedrich Link, no seu livro sobre a viagem a Portugal entre 1797 e 1799, escreve: “Os jardins em redor do Porto são bonitos e agradáveis, e as plantas do Cabo [África do Sul] e da Nova Holanda [nordeste do Brasil] cultivam-se ao ar livre com groselhas e outros frutos dos países mais frios da Europa, que não se vêem na zona de Lisboa. Vi jardins de que gostei muito, nos quais, entre árvores alemãs, cresciam como que bravias, as magnólias, o jasmim-do-Cabo (*Gardenia florida*), a oliveira-aromática (*Olea fragrans*), a planta do chá e o gerânio-do-Cabo.”²¹

Sobre esta planta do chá comenta que “Se alguma nação comercial europeia estivesse interessada no cultivo do chá no seu próprio solo, as províncias do Norte de Portugal adaptar-se-iam excelentemente para esse fim.”²²

Nas artes decorativas portuguesas do século XVII encontramos motivos florais com camélias, nomeadamente no azulejo, na faiança, na talha dourada, nos frescos e no bordado, um indício de que estas flores já eram bem conhecidas dos portugueses.

A influência do Oriente fez-se sentir nos azulejos de padrão (grupos de azulejos que formam uma composição e que, depois de repetidos várias vezes, formam um padrão) e uma das “famílias” mais utilizadas foi a da camélia. Este padrão é muito prolífico, e o seu tema central é uma flor já representada em porcelanas

orientais, de pétalas imbricadas*, radiando do centro principal de rotação, assemelhando-se à estilização de uma flor oriental. Santos Simões, para facilitar a identificação desta padronagem, chamou-lhe “camélias”. Este padrão encontra-se em dezenas de locais e com muitas variantes, e está datado entre meados e finais do século XVII, primeiro em policromia e depois apenas em azuis.²³ Este tipo de flor aparece também em albarradas e frontais de altar.



Fig. 17 Paineis de azulejos de padrão “camélias” no Mosteiro de Salzedas, século XVII.

* Parcialmente sobrepostas.



Fig. 18 Gamil em faiança portuguesa, decorado com a flor identificada, nas peças e azulejos do século XVII, com a camélia. Datado de 1638. Museu Nacional de Soares dos Reis.

As camélias estão também presentes na faiança do início do século XVII, como o comprovam várias peças de fabrico nacional. A peça mais antiga que se conhece é uma panela de pequenas dimensões existente no Museu Nacional de Soares dos Reis, tendo na frente uma data — 1608 — e na parte de trás a representação de uma camélia que, segundo Margarida Correia, “será tão frequente em peças da 1.ª metade do século XVII”²⁴. Neste museu existem ainda um belíssimo gomil e um pote da mesma época, com camélias integradas nos motivos vegetalistas.

Na talha dourada, uma expressão artística em que a escola portuense atingiu uma mestria e beleza verdadeiramente espectaculares, as camélias também são muitas vezes representadas, sobretudo no revestimento dos altares das igrejas. Na sacristia da Igreja dos Grilos, no Porto, há duas molduras barrocas de quadros de Sto. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier em que encontramos uma flor em tudo semelhante à antiga camélia chinesa, designada por ‘Waratah’ ou ‘Anemoniiflora’. Em muitas outras igrejas do Porto e Norte de Portugal existem representações de camélias com a sua imbricação característica.



Fig. 19 Quadro de Sto. Inácio de Loyola, na sacristia da Igreja dos Grilos, Porto.

Fig. 20 Pormenor da moldura deste quadro, onde se vê uma grinalda de camélias.

Fig. 21 Camélia representada na talha de um altar na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Ponta Delgada.





Fig. 22 Casula do século XVII e pormenor do bordado. Sacristia da Igreja dos Grilos, Porto.

Podemos ver camélias nos frescos, como por exemplo na Igreja de S. Francisco, no Porto, e também no bordado, nomeadamente numa casula do século XVII existente na Igreja dos Grilos, também no Porto.

Além das artes decorativas, creio que as camélias também foram representadas na pintura portuguesa do século XVII, como o demonstra a miniatura a óleo sobre cobre representando uma senhora (D. Luísa de Gusmão?) e que foi exibida na exposição *Rosas do Japão, representações da camélia na arte em Portugal*, realizada no Museu Nacional de Soares dos Reis em 2014.

Todos estes exemplos são um indício de que as camélias já eram conhecidas no Portugal do início de Seiscentos, muito antes de ser registada a primeira camélia viva na Europa, e sobretudo muito antes de Lineu ter criado a palavra "camélia" para homenagear o padre Joseph Kamel. Espero que com o avanço da investigação em breve possamos ter provas mais concludentes.



Fig. 23 Miniatura a óleo sobre cobre representando, possivelmente, D. Luísa de Gusmão. Século XVII. Museu Nacional de Soares dos Reis.



3

Primeiras referências a camélias no Porto de Oitocentos

José Marques Loureiro, dono do Horto das Virtudes, refere em 1882 que existiam, em Portugal e na Europa, camélias anteriores ao século XIX, e que as primeiras camélias importadas para o Porto datam de 1808-1810: A camélia “foi introduzida na Europa em 1739, mas só no princípio deste século, quando, pela cultura se começaram a obter as belas variedades de flores dobradas e cores diversas, que hoje possuímos e tanto admiramos, é que esta formosa planta adquiriu uma reputação que não tem enfraquecido. (...) Enquanto as novas variedades se iam multiplicando e faziam da *Camélia* a planta da moda, a espécie-tipo, a antiga *Camellia japonica*, foi perdendo a sua importância, e hoje só serve para nela se enxertarem as variedades fornecidas pela sementeira, que apenas se perpetuam por este meio.”²⁵

Fig. 24 Camélia monumental no colégio de N. Sra. de Lourdes, antiga Quinta de Vilar.

Referindo-se às camélias anteriores ao século XIX, afirma: “algumas destas *Camélias* primitivas, tais como a *Peonia*, no jardim que foi do Sr. José Vicente, com um tronco de uma altura superior a 16 metros e uma copa frondosa de enorme circunferência; a *Pomponia alba*, *Pomponia rosea*, *Anemona cadente*; a *Rajada* ou *Almiscarada*, hoje conhecida sob a designação de *variegata*; e por último, a *Myrtifolia chinesa* e *Alba plena*, que são as únicas, das antigas, que cultivamos, por serem realmente distintas. Das *Camélias Pomponia alba*, *P. rosea* e *variegata*, saíram as primeiras sementeiras que se fizeram no Porto, e foi na Quinta de Fiães, freguesia de Avintes, pertencente ao Sr. van Zeller, que foram obtidas as primeiras variedades de semente. Como é bem de supor, a princípio ordinárias, depois sofríveis, e, mais tarde, algumas de merecimento notável. No entanto, estavam lançados os primeiros fundamentos para levar esta planta à altura a que chegou entre nós.”²⁶

E, mencionando as camélias posteriormente importadas da Europa, já no século XIX: “Para o Porto, as primeiras *Camélias* que vieram foi aí por 1808 a 1810, encomendadas pelo Sr. van Zeller e outros distintos amadores, alguns dos quais exerciam então os primeiros lugares na alfândega desta cidade. Foram eles os Srs. Silvestre, de Santa Catarina; José Vicente, de Vilar, e Bento Gomes, do Carregal.”²⁷

Esta afirmação foi confirmada através de um estudo realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Novembro de 2009, sobre a idade do tronco ainda existente de uma camélia abatida em 1980 na Quinta de Fiães, pertencente à família van Zeller, em Avintes, Vila Nova de Gaia, que, segundo testemunhos anteriores ao seu abate, era uma ‘Alba Plena’.²⁸

Concluiu-se que a camélia foi plantada em 1805, e teria actualmente 215 anos, o que prova que a idade das camélias vindas para o Porto seria um pouco anterior à mencionada por Loureiro. Isto faz sentido, pois as plantas encomendadas deveriam ter cerca de 3 anos. Junto do tronco desta camélia existe uma ‘Variegata’ que tudo leva a crer ser da mesma data, pois foram ambas importadas da China para Inglaterra ao mesmo tempo. Segundo Herbert Short, esta é provavelmente a mais antiga ‘Variegata’ ainda viva da Europa.²⁹ Os testes realizados a outras camélias de grandes dimensões existentes nesta quinta e noutros locais provaram que são de finais de 1830.



Figs. 25 e 26 Tronco de camélia abatida na Quinta de Fiães, e base da mesma camélia depois de cortado o tronco.



Fig. 27 *C. japonica* ‘Alba Plena’.



Fig. 28 *C. japonica* ‘Variegata’ em Fiães, muito provavelmente de 1805 (215 anos).



Fig. 29 *C. japonica* ‘Variegata’.



Fig. 30 Camélias no Palácio Vila Flor, Guimarães.

Um outro exame de datação efectuado a outros exemplares de camélias de grande porte em jardins portugueses, como por exemplo na Casa da Companhia, em Paço de Sousa, prova que também foram plantados na década de 1830. A corpulência destas camélias é mencionada no *Jardim Portuense* e no artigo acima referido de Marques Loureiro intitulado «A Camélia».

O gosto pelas camélias surge no início do século XIX, aliado ao aparecimento de vários apaixonados pelas plantas, na sua maioria donos de casas e quintas de recreio com os seus jardins. Ao elaborar juntamente com o Prof. Armando Oliveira a *Lista das Camélias Portuguesas*, cheguei à conclusão de que a obtenção de camélias



Fig. 31 *C. japonica* 'Paeoniiflora Rosea' em Fiães, de 1830 (190 anos).

Fig. 32 Pormenor do tronco da mesma camélia.

Fig. 33 *C. japonica* 'Pompone' na Casa Tait, Porto.



oitocentistas portuguesas pode dividir-se em dois períodos: um primeiro, que vai de 1808-1810 até 1865, data do primeiro catálogo de José Marques Loureiro (de quem falarei adiante) e um segundo, a partir de 1865 até ao final do século.

O Porto na primeira metade do século XIX

Em Portugal, após as invasões francesas no início do século XIX, seguiu-se um período dominado pelas lutas liberais. Depois do desembarque de D. Pedro no Mindelo em 1832 e de uma guerra civil de dois anos, o partido liberal obteve a vitória em 1834. Finalmente estavam reunidas as condições para um período de paz, a “pax liberalis”. É o início do processo romântico nacional, na sua fase de instauração e de uma mudança sociocultural no país. Os liberais apoiantes de D. Pedro tinham vivido exilados sobretudo em França e em Inglaterra, onde absorveram as novas ideias do iluminismo e dos ideais jacobinos de 1820. Esta estadia no estrangeiro foi decisiva para tirar Portugal do isolamento e do obscurantismo. Trazem uma nova mentalidade, uma maneira de sentir própria de uma época agitada por grandes acontecimentos, como a Revolução Francesa. Defendem os valores de “país real”, e o ideal romântico de liberdade e justiça é rapidamente absorvido pela sociedade portuense. São os chamados “anos da inocência e da loucura”, que se estendem até 1851, data do movimento burguês de Regeneração. O Porto desde sempre se manteve fiel a D. Pedro, aos bravos do Mindelo e aos ideais do liberalismo, e como tal idealizava as grandes figuras deste movimento, como os duques da Terceira e Palmela (a espada e a inteligência de D. Pedro IV), a dinastia liberal de Bragança, nobres, militares, escritores e poetas como Almeida Garrett, burgueses e outras pessoas que se destacaram na defesa do liberalismo.³⁰ Como se verá mais tarde, os nomes das camélias portuenses irão reflectir estes ideais.



Fig. 34 Estátua equestre de D. Pedro IV, na Praça da Liberdade, Porto.



'Picturata Plena Portuensis'

4

O Jardim Portuense e as camélias portuenses do primeiro período

A primeira revista portuguesa de horticultura foi o *Jardim Portuense*, uma publicação de curta duração, pois foi publicada apenas entre Outubro de 1843 e Fevereiro de 1845 por Luís A. Pereira da Silva.

No fascículo de Abril de 1844 há um artigo, «Variedades – Camélias Portuenses», seguido da primeira relação que se conhece de 38 variedades de camélias portuguesas e portuenses:

“A *Camellia japonica*, a que vulgarmente chamamos *Roseira do Japão*, ou *Camélia* (...) ocupa com razão o primeiro lugar nos jardins do Porto, onde parece que a sua introdução não data de poucos anos, atenta à grande corpulência de alguns indivíduos, que neles se encontram, e que porventura não serão os primeiros que chegaram. E tão bem talhado é o nosso clima para as *Camélias*, que elas cá, não só se conservam e aperfeiçoam, mas até todos os anos produzem por sementeira

Fig. 35 Camélia 'Picturata Plena Portuensis', obtida antes de 1844 na Quinta de Fiães.



Fig. 36 Capa do primeiro número da revista *Jardim Portuense*.



Fig. 37 Ilustração de *Rosa centifolia* no *Jardim Portuense*.

variedades novas, que não cedem em beleza e estimação às peregrinas. Muitas destas variedades, devidas ao zelo e constância dos curiosos e hortelões portugueses, são muito procuradas pelos apaixonados de dentro e de fora do país; e algumas gozam já da honra de ocuparem nas colecções mais escolhidas da Europa um lugar distinto, a par das lindas *Camélias*, que originariamente vieram da China e do Japão, que destas procederam por núpcias legítimas, adulterinas, ou incestuosas, que os apaixonados estrangeiros com tanto desvelo promovem.”³¹

É de notar que já em 1844 se exportavam algumas destas variedades obtidas pelos horticultores portuenses, e que eram muito procuradas, não só dentro como fora do país. E algumas já ocupavam na Europa um lugar distinto, a par das bonitas camélias

que vieram da China e do Japão! O redactor do *Jardim Portuense* refere ainda que estas camélias portuenses ou não tinham nome ou eram conhecidas “por frases incompletas e absurdas”, razão pela qual vários amigos se reuniram para “concordarem em uma nomenclatura regular e definitiva com que d’ora em diante fossem conhecidas as camélias portuenses dentro e fora do país (...) e com tanta mais urgência, quanto actualmente havia a satisfazer algumas encomendas para Inglaterra, aonde era desairoso e inconveniente que aparecessem ainda inominadas.”³² Pede ainda aos obtentores de novas camélias que as tragam para se poderem caracterizar, descrever, pois disso resultarão vantagens comerciais. Neste mesmo número, Luís A. P. da Silva, em «Retrospecto do mês de Março» ainda se refere às camélias que nesse ano continuavam a florir e que “disputaram o primeiro lugar às bolbosas e ranunculáceas próprias da estação. É para admirar a riqueza das camélias que há no Porto, todas belíssimas, umas vindas de fora, e outras obtidas de sementeira cá mesmo feitas.”³³

A lista de 38 camélias portuenses foi elaborada por iniciativa de Manuel António Malheiro e “alguns dos seus amigos entendidos e apaixonados do objecto”³⁴. As descrições — encantadoras, vagas e poéticas — enquadram-se na primeira tentativa de sistematização do abade Berlèse*, que é bastante confusa.

Os nomes, também reflexo da época, são na sua maioria atribuídos à pessoa que obteve as camélias, normalmente de sementeira. É o caso de horticultores como João José Gomes, jardineiro de S. Lázaro, com a ‘Gomesia’, Pedro Rodrigues, o “Pedro das Virtudes”, com a ‘Pedrotia’, de amadores como António F. Pinto Basto com a ‘Bastiana’, o visconde de Beire (Pamplona) com a ‘Pamplonia’, e de padres como o reverendo Manuel Silvestre com a ‘Silvestria’.

Destas 38 camélias, onze são obtidas por João José Gomes (1796-1869), o primeiro viveirista de que há notícia, e que no “seu estabelecimento hortícola,

* O abade Lorenzo Berlèse (Itália, 1874-1863) foi um sacerdote italiano que viveu alguns anos em Viena, indo depois para Paris, onde se dedicou afincadamente ao estudo do género *Camellia*, criando um método de classificação que foi adoptado no século XIX. As suas obras mais importantes são: *Monographie du genre Camellia* — 3 edições, Paris, 1837, 1840 e 1845, e *Iconographie du genre Camellia*, obra monumental em 3 volumes que, além da descrição científica das camélias, inclui belíssimas estampas a cores ilustradas por J. J. Jung.

na Rua Formosa, consagrou-se apaixonadamente à cultura das *Camélias*, chegando a obter novas variedades, às quais se refere com louvor o *Jardim Portuense*.³⁵

Da lista do *Jardim Portuense* vale ainda a pena referir também António Ferreira Pinto Basto, Jr., dono da Quinta do Sacramento (actual Quinta da Macieirinha), que, além da 'Bastiana' acima referida, foi o criador de mais quatro camélias: 'Belfortia', 'Eduardia', 'Cavifolia' e 'Minima' e também Pedro Rodrigues, o "Pedro das Virtudes", com 2 pomponias: 'Pomponia Portuensis' e 'Pomponia Pedrotia'.

Também os padres, talvez seguindo a tradição dos botânicos e dos missionários jesuítas, e inspirados no célebre abade Berlèse, se dedicaram à cultura das camélias aplicando-lhes os seus nomes, como uma forma de passarem à posteridade. É o caso do padre José de Almeida com a 'Almeidia'.

As primeiras camélias portuenses foram obtidas a partir das camélias que tinham sido importadas (e porventura das que aqui já se encontravam anteriormente), no início do século XIX, sobretudo de Inglaterra, mas também da Bélgica, França e Itália. Terão sido obtidas por sementeira, intencional ou espontânea, ou como mutações (sports) das originais importadas. Duarte de Oliveira, Jr. (sob o pseudónimo de A. d'Almeida) refere no seu artigo «Fiães, Éden das Camélias» que Roberto van Zeller plantou na sua Quinta de Fiães as melhores camélias então conhecidas. Sabe-se que as mais antigas remontam a 1805, importadas por seu tio Luís van Zeller ou por seu pai, Francisco van Zeller. "Essas *Camélias* cresceram pouco a pouco, tornando-se algumas em árvores frondosas. Começaram a frutificar e as sementes, caídas naquele ubérrimo solo, germinaram produzindo novas variedades. Foi assim que de Fiães saíram numerosas *Camélias* de merecimento".³⁶

A maioria destas camélias antigas ainda perdura, sendo tidas como uma referência entre as obtenções portuenses de Oitocentos. Alguns exemplos são a 'Bella Portuense', cuja história é um pouco complicada, pois além de ser a original 'Anagua do Padre Manoel' depois rebaptizada por Camilo Aureliano com aquele nome, foi levada para Itália, o que levou a crer que era original daquele país; a 'Picturata Plena Portuensis', obtida em Fiães em 1844; a 'Minima' e a 'Perdix', ou 'Olho de Perdiz', descritas no *Jardim Portuense* em 1844; e a 'Pamplonia', a 'Gomesia', a 'Bastiana', a 'Silvestria' ou a 'Pomponia Pedrotia', que constituem uma memória de jardins e apaixonados por camélias já desaparecidos. Eis algumas destas camélias antigas:



Fig. 38 *C. japonica* 'Picturata Plena Portuensis'.



Fig. 39 *C. japonica* 'Pomponia Portuensis'.



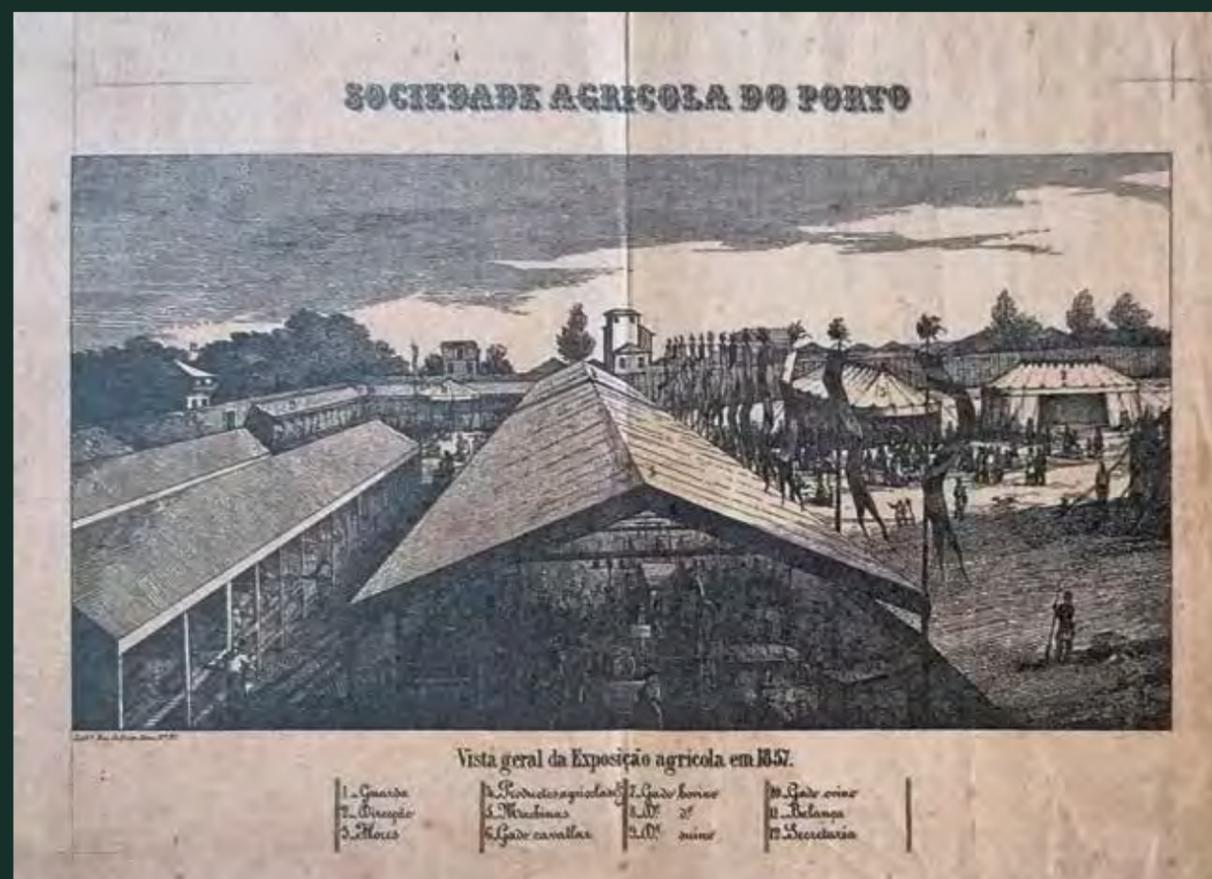
Fig. 40 *C. japonica* 'Vanzelleria'.



Fig. 41 *C. japonica* 'Perdix'.

5

As primeiras exposições agrícolas do Porto



A menção seguinte a camélias em publicações surge no *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*. Esta sociedade foi criada em 1855, e na «Introdução» ao primeiro volume do seu jornal, em Janeiro de 1856, depois de descrever o estado de abatimento e ignorância em que se encontrava a agricultura em Portugal, informa que resolveu publicar um jornal, pois era necessário haver alguém que apresente aos agricultores “não teorias engenhosas, e especulações transcendentales, mas conhecimentos populares, que ensinem os meios de tirar partido para os usos da vida dos princípios da ciência, que eles possam entender e applicando-os, dêem conta dos resultados obtidos.”³⁷ A Sociedade organizou a primeira Exposição Agrícola do Porto a 12, 13 e 14 de Julho de 1857, nos antigos campos da Torre da Marca, onde se localizam actualmente os jardins do antigo Palácio de Cristal, na Quinta da Macieirinha e ainda na Quinta do Sr. van Zeller. O seu primeiro presidente foi Roberto van Zeller, com José Frutuoso Aires de Gouveia Osório e Alfredo Allen actuando como primeiro

Fig. 42 A primeira Exposição Agrícola do Porto, em 1857.

e segundo secretários. Esta exposição foi o reflexo no Porto do novo impulso industrial e agrícola no sentido de incentivar os agricultores à produção e às novas tecnologias. Teve cerca de 10.000 visitantes, o que para a época foi significativo.

A exposição foi inaugurada por D. Pedro V e, a propósito da sua organização, Duarte de Oliveira, Jr. refere-se no artigo atrás mencionado «Fiães, Éden das Camélias» a Roberto van Zeller (1815-1868), nas seguintes palavras:

“Um abastado de primorosa ilustração (...) mas sem pretensões balofas (...). Foi em grande parte devido a ele que em Julho de 1857 se realizou, nos antigos campos da Torre da Marca, a primeira e uma das mais brilhantes exposições agrícolas do Porto, e, quando na véspera da abertura do certâmen Roberto van Zeller trabalhava, como qualquer simples obreiro, em mangas de camisa, pregando os panos que cobriam um étalage de máquinas, o chorado D. Pedro V apareceu-lhe inesperadamente e, vendo-o tão azafamado, disse-lhe com aquela sua voz melíflua que caracterizava a bondade do seu coração:

— Não interrompa o serviço. Venho para auxiliá-lo. O que posso fazer?

— Perdão, real senhor. Não contávamos agora com a presença de V. Majestade.

— Eu aprecio — retorquiu-lhe El-Rei — os homens que trabalham pelo progresso e engrandecimento do meu país.

Roberto van Zeller fez menção de vestir o casaco, mas D. Pedro V, pondo-o muito à vontade, observou-lhe:

— Não se incomode e não perca tempo porque a hora da festa está a chegar.

E Roberto van Zeller, acatando as palavras d’El-Rei, prosseguiu no serviço a que estava dando o último de mão.”³⁸

Além de Roberto van Zeller, também o Barão de Forrester e Alfredo Allen muito se evidenciaram pelo seu esforço em realizar este evento, tendo sido os três distinguidos com o prémio de honra do Grande Conselho da Exposição.

Pela primeira vez aparece a palavra “japoneira” em publicações hortícolas como sinónimo de camélia. A partir do número 8 do *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*, de Agosto de 1857, vem publicado o catálogo desta exposição, onde entre



Fig. 43 Diploma atribuído a Roberto van Zeller na primeira Exposição Agrícola do Porto.

Fig. 44 Medalha do prémio de honra atribuído a Roberto van Zeller pela qualidade dos objectos expostos na Exposição Agrícola do Porto e pelo modo distinto como a ela concorreu.

os artigos expostos aparecem 22 nomes de *Camellia japonica* expostas por António Fernandes Pereira, alguns deles bastante caricatos, como ‘Repolho’ e ‘Três corações’, e outros semelhantes aos da lista do *Jardim Portuense* como por exemplo ‘Olho de Perdiz’, ou ‘Perdix’, e ‘Estrelinha’, além da primeira referência a uma *Camellia Sasanqua* Thun.^{*}, exposta por Cristiano Kopke. Isto é de admirar, pois em Agosto

* Uma das espécies do género *Camellia*; Thun. refere-se ao médico e naturalista sueco Thunberg, que esteve no Japão entre 1777 e 1778, onde descreveu e desenhou muitas plantas, entre as quais a *Camellia Sasanqua*.



Fig. 45 Roberto van Zeller.

Fig. 46 Barão de Forrester.

Fig. 47 Alfredo Allen.

já não havia camélias em flor! Provavelmente estariam em vaso, com etiquetas indicando os respectivos nomes. Entre os expositores, contavam-se vários membros das colónias inglesa, alemã e holandesa no Porto.

Em 1860 voltou a ter lugar outra exposição no mesmo local, inaugurada por D. Pedro V e pelos infantes D. Luís e D. João, sendo considerada superior à anterior, “não só no arranjo e boa colocação dos objectos, mas também pela excelência dos produtos expostos”³⁹. Esta exposição também é descrita em termos elogiosos no *Arquivo Pitoresco* de 1863, realçando que: “Em homenagem a este acto de pública dedicação do grande rei, de saudosíssima memória, e para que se transmitisse às idades futuras, a sociedade promotora da exposição o comemorou no reverso da medalha, como se vê da gravura junta.”⁴⁰



Fig. 48 Fac-simile da medalha oferecida aos expositores premiados na Exposição Agrícola do Porto em 1860, inaugurada por D. Pedro V.



6

O Palácio de Cristal e a Exposição Internacional do Porto — início do segundo período das camélias oitocentistas portuenses

Com a revolução industrial as condições socioeconómicas do Porto foram melhorando, e o movimento burguês da Regeneração significa um novo período histórico de relativa estabilidade. A ponte pênsil D. Maria II tinha sido inaugurada em 1843. A máquina a vapor já tinha sido utilizada como força motriz, e em 1863 o caminho-de-ferro passou a ligar Vila Nova de Gaia a Lisboa. O Porto era um “estaleiro a céu aberto” com a construção de vários edifícios como o Palácio da Bolsa, cuja construção se iniciou em 1842, no local das ruínas do convento de S. Francisco, e a Alfândega Nova (que veio substituir o pequeníssimo e exíguo edifício na

Fig. 49 O Palácio de Cristal e a Exposição Internacional do Porto de 1865.



Fig. 50 O Palácio de Cristal antes da inauguração.

As famílias abastadas gostavam de se divertir, e de assistir a espectáculos culturais, como o teatro e a ópera, cujas representações atingiram um nível muito elevado para a época. Nos teatros Bacquet e de S. João assistiram-se a espectáculos de grande qualidade, com as mais famosas cantoras estrangeiras. Algumas habitações particulares tinham inclusivamente o seu próprio teatro, como por exemplo a casa da Condessa de Santiago de Lobão. Também gostavam de viajar, cultivar-se, conhecer o mundo, e valorizavam o convívio social. Interessavam-se em criar jardins, cultivando o gosto pela horticultura e pelas plantas exóticas.

As exposições universais estavam na moda desde a Grande Exposição de Londres em 1851. São um reflexo deste bem-estar económico, têm grande sucesso, e vão abranger um vastíssimo leque de produtos agrícolas, industriais (mineiros, têxteis, etc.) mobiliário, metais e pedras finas, instrumentos musicais e de educação, tipografia e belas-artes. É neste sentido que um grupo de cidadãos, na sua maioria membros da Sociedade Agrícola do Porto, decide criar a Sociedade do Palácio de Cristal e construir um edifício à semelhança do *Crystal Palace* de Londres, para o

Rua do Infante). Este crescimento da cidade estendeu-se desde o Infante às zonas de Cedofeita — actuais ruas do Breyner e de Miguel Bombarda —, da Cordoaria e de Vilar.

A burguesia do Porto queria mostrar a sua prosperidade. Alguns negociantes, além da sua residência habitual, construíram uma casa de campo ou de recreio fora da cidade.

qual contrataram o arquitecto inglês Thomas Dillen Jones, que construiu aquele grandioso edifício em menos de um ano.

D. Pedro V assistiu ao lançamento da primeira pedra, em 1861, dizendo que o Porto sempre mostrou ser o primeiro em todas as iniciativas úteis e fecundas do país. Este esforço congregou burgueses e pessoas abastadas, portugueses que fizeram fortuna no Brasil, entusiastas de horticultura e académicos. Os grandes incentivadores deste projecto foram Alfredo Allen, visconde de Villar d'Allen e o Dr. António Ferreira Braga. Este último foi o defensor entusiasta da construção do Palácio de Cristal, e ainda da ideia de a sua inauguração se realizar com uma Exposição Internacional. Encontram-se os dois justamente enaltecidos no *Arquivo Pitoresco*⁴¹.

É de referir que, quando a Sociedade do Palácio de Cristal enfrentou graves problemas económicos, o Dr. António Ferreira Braga pôs a sua fortuna pessoal à disposição para que o palácio ficasse pronto a tempo de se realizar a exposição, ficando quase na miséria. Outros portuenses que colaboraram neste projecto foram Roberto van Zeller, António Bernardo Ferreira, Frutuoso Aires de Gouveia Osório, Francisco Pinto Bessa, o conde de Samodães, o visconde de Pereira Machado e o conde de Alves Machado. O edifício destinava-se a expor e vender todo o tipo de produtos, e realizar festas e concertos.



Fig. 51 Rei D. Pedro V.



Fig. 52 Interior da nave central do Palácio de Cristal durante a Exposição Internacional do Porto.

exposição, inaugurando-a juntamente com os reis D. Luís I e D. Maria Pia.

Os jardins do Palácio de Cristal estiveram a cargo de Emílio David, jardineiro paisagista alemão chamado em 1864 pelo visconde de Villar d'Allen para os desenhar e plantar, a que se seguiu mais tarde o jardim da Cordoaria. Alfredo Allen, director da Sociedade do Palácio de Cristal e detentor do pelouro da jardinagem da Câmara do Porto foi o principal impulsionador de todos estes trabalhos. Emílio David dirigiu os jardins da Sociedade do Palácio de Cristal até 1869, data em que se tornou sócio de José Marques Loureiro.

Nasce assim o Palácio de Cristal, inaugurado em 1865 com a realização da primeira Exposição Internacional do Porto, a primeira da Península Ibérica. E esta data, 1865, representa o início do segundo período e do apogeu das camélias portuguesas. A exposição foi um marco significativo na era industrial portuguesa, com a participação de 3.139 expositores, dos quais 1.073 eram estrangeiros vindos dos 5 continentes, incluindo a Austrália. D. Pedro V — o rei de saudosa memória — entretanto tinha morrido, e D. Fernando foi nomeado presidente da

HORTICULTURA E JARDINAGEM			
Feb 1865 Lisboa 1865			
O M. S. José Marques Loureiro			
COMPROU À SOCIEDADE DO PALACIO DE CRYSTAL PORTUGUESE			
QUANTIDADE	INDICAÇÃO DAS PLANTAS, ETC.	PREÇO	TOTAL
2	<i>Camélias floras</i>	500	1000
2	<i>Camélias grandes</i>	500	1000
1	<i>Camélias pequenas</i>		1000
1	<i>Camélias grandes</i>		1000
1	<i>Camélias pequenas</i>	500	
1	<i>Camélias grandes</i>	500	
			600

Recebi 6000 Reis
Emílio David

Fig. 53 Factura da Sociedade do Palácio de Cristal Portuense assinada por Emílio David.

Fig. 54 Capa do Catálogo N.º 6 de José Marques Loureiro e seu sócio Emílio David.

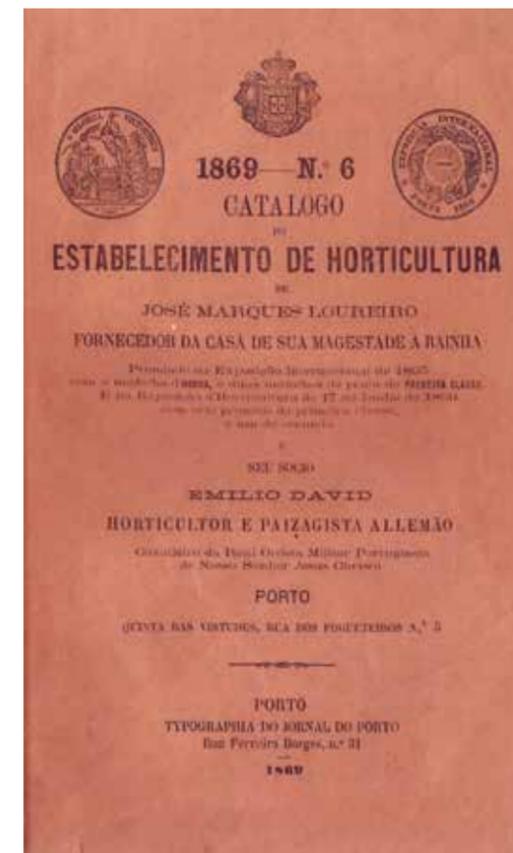




Fig. 55 Rainha D. Maria Pia, já viúva, rodeada pelos últimos membros da dinastia de Bragança.

medalhas de prata de primeira classe. A exposição teve lugar em Setembro, quando as camélias já não estavam em flor, e Marques Loureiro exibiu uma árvore genealógica da casa constitucional de Bragança feita com 18 camélias baptizadas com os nomes da família real, mas reproduzidas em cera, tais como a camélia ‘Imperador e Rei D. Pedro IV’, a ‘Dom Fernando II de Portugal’ e a belíssima ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’, entre outras, tendo obtido por este conjunto o prémio da medalha de primeira classe. Esta colecção foi depois oferecida à rainha D. Maria Pia.

Nesse ano D. Maria Pia nomeou-o fornecedor da sua casa e, sempre que a rainha vinha ao Porto, Loureiro enviava ao paço real (Palácio dos Carrancas) um “formosíssimo *bouquet*”⁴³.

“Camélias e genealogia bragantina – Sua Majestade a Rainha dignou-se aceitar no domingo o oferecimento de uma árvore genealógica da casa de Bragança desde o Senhor D. Pedro IV, feita com camélias e exibida na Exposição Internacional Portuguesa.

É composta de dezoito camélias portuguesas de 1.^a ordem, nascidas de semente no estabelecimento hortícola do Sr. José Marques Loureiro, na Quinta das Virtudes, nesta cidade. São camélias que ainda não estão no mercado.

O Sr. Marques Loureiro, expositor, teve o pensamento de organizar com elas, apropriando-lhes os nomes da família real, uma árvore genealógica que começa no augusto avô de Sua Majestade El-Rei, colocando-se nas respectivas posições as pessoas reais, segundo as idades.

Os membros da casa real bragantina indicados por camélias são: Suas Majestades e Altezas D. Pedro IV, D. Isabel Maria, D. Leopoldina, D. Amélia (imperatriz), D. Amélia (princesa), D. Maria II, D. Fernando II, D. Pedro V, D. Estefânia, D. João, D. Maria Ana, D. Fernando, D. Antónia, D. Augusto.

A árvore é coroada por Suas Majestades El-Rei e a Rainha, de quem nascem o Príncipe herdeiro e seu augusto irmão, ainda sem nome.

Vasos de porcelana da Vista Alegre com os nomes das pessoas reais contêm os arbustos enxertados em estufa à francesa pelo expositor.

Como nesta estação não podiam aparecer as flores naturais, copiou-as do natural em cera o Sr. Jerónimo Filipe Simões, à proporção que iam aparecendo, trabalho de uns cinco meses, porque muitas vezes foi preciso esperar quinze dias que abrisse um botão.

Em toda a colecção há apenas duas camélias que não saíram do estabelecimento hortícola do expositor, e são as intituladas D. Fernando II e D. Leopoldina. A primeira, que é muito notável, obteve-a do reverendo padre Manuel Moreira da Cunha, de Campanhã; a segunda, que ainda não foi ao mercado, teve-a de semente do Sr. Custódio Veloso de Araújo.”⁴⁴



Fig. 56 *C. japonica* 'Dom Pedro V, Rei de Portugal'.



Fig. 57 *C. japonica* 'Dom Carlos Fernando, Principe Real'.

Segundo Duarte de Oliveira, Jr.: “Em 1866 enviava o Sr. Loureiro ao seu amigo de Gand, M. Ambroise Verschaffelt, como brinde, algumas das *Camélias* da árvore genealógica”⁴⁵. Na *Illustration Horticole* de Fevereiro de 1873 e Janeiro de 1874 aparecem, respectivamente, ilustrações de duas destas camélias: a ‘Dom Carlos Fernando, Principe Real’ e a ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’.

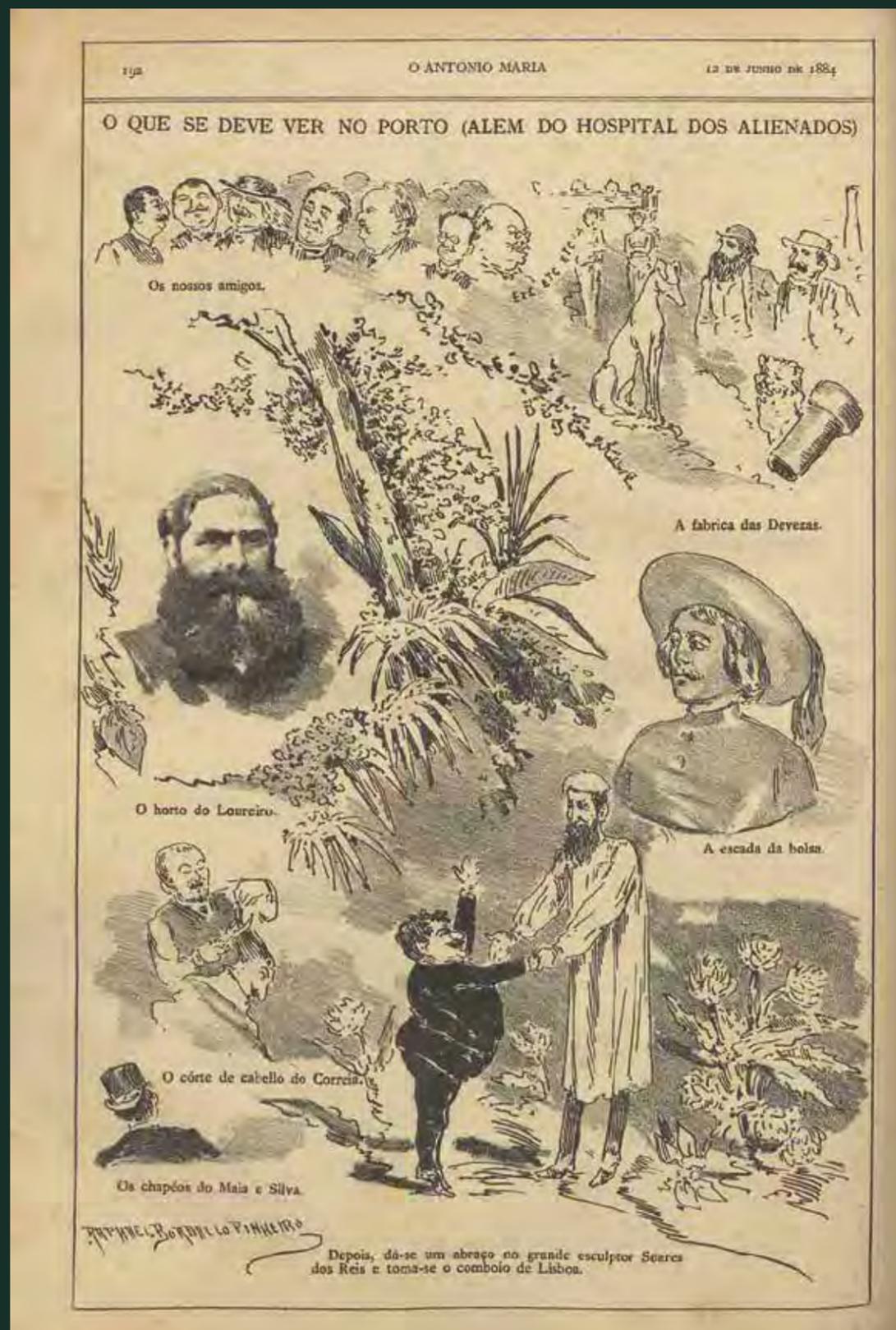


Fig. 58 *C. japonica* 'Lembrança da Exposição'.

O segundo e terceiro quartéis do século XIX foram a idade de ouro das camélias na Europa. Em Portugal, sobretudo a partir de meados do século, a sua popularidade chegou ao auge. O solo e o clima do Porto e do Norte do país reúnem as condições ideais para a sua aclimação, numa época de economia agrária já beneficiada pela revolução industrial. Assiste-se a uma fase de grande desenvolvimento económico e cultural, incluindo o gosto pela horticultura. Com a vitória do liberalismo, o ideal romântico de liberdade e justiça é rapidamente absorvido pela elite social portuense. O período da Regeneração caracterizou-se por um bem-estar económico e uma relativa paz, embora o povo continuasse a viver miseravelmente.

Os portuenses mais cultos e abastados viajam pela Europa — o *Grand Tour* —, visitam as grandes exposições internacionais, e também são atraídos pelo exótico, pelas plantas desconhecidas que querem obter.

Não podemos esquecer os estrangeiros que cá se tinham estabelecido, sobretudo os ingleses, dedicados ao comércio do vinho do Porto, e cuja influência tanto se fez sentir. Esta exposição foi um acontecimento marcante, e a atestá-lo existe uma camélia obtida na Quinta de Fiães chamada ‘Lembrança da Exposição’.



7

José Marques Loureiro e a época áurea das camélias

O início do período áureo das camélias no Porto coincide com a altura em que José Marques Loureiro passou, provavelmente, a ser proprietário do Horto das Virtudes.

José Marques Loureiro (1830-1898) nasceu em Besteiros, no distrito de Viseu. O início da grande divulgação das camélias no Porto surge depois da sua entrada aos 14 anos para o Horto das Virtudes, que pertencia a Pedro Rodrigues, o Pedro das Virtudes, como era conhecido, e onde cultivava as plantas da moda, como as japoneiras e os alecrins. Pedro, cansado de ouvir Loureiro dizer-lhe que devia alargar os horizontes do horto, propõe passar-lhe o negócio mediante um arrendamento mensal, e, possivelmente por volta de 1863, Loureiro torna-se o seu proprietário, sob o nome de “Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro – Horticultor e Jardineiro Multiplicador”.

Fig. 59 Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro em *O António Maria*, incluindo o “Horto do Loureiro” como um dos locais a visitar no Porto, 1884.



Fig. 60 José Marques Loureiro.

A data do início do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro permanece uma incógnita. Em 1884, Joaquim de Melo e Faro refere que o Pedro das Virtudes passou o estabelecimento a Marques Loureiro em 1850⁴⁶; no verso do Catálogo N.º 45 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, de 1909, vem referido que o estabelecimento foi fundado em 1849; no Catálogo N.º 50, de 1914, da Companhia Hortícola vem uma fotografia de Marques Loureiro com a seguinte legenda: José Marques Loureiro – Fundou o seu estabelecimento em 1849.

Segundo uma inscrição em madeira encontrada no tecto de uma sala da Cooperativa Árvore (sediada no mesmo local do antigo Horto Loureiro), e de acordo com o Catálogo N.º 88

(1948-1949) — Centenário — da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, Lda., o estabelecimento foi fundado em 1849⁴⁷. Nessa altura Loureiro tinha apenas 19 anos.

Por outro lado, em 1898, Duarte de Oliveira refere: “Aí por 1860 aparecia o Gentil Gomes da Silva que, como o Pedro, era jardineiro, mas mais fura-vidas. (...) Loureiro não se continha vendo o émulo do seu patrão ganhando terreno, e, todos os dias, pregava um sermão de moral ao seu protector, até que por fim o velho, cansado de o ouvir, propôs passar-lhe o negócio, ficando com obrigação de lhe dar um tanto por dia. Não se fez contrato nem escritura nenhuma, pois que já a esse tempo



Fig. 61 Inscrição no tecto de uma das salas da Cooperativa Árvore, local do antigo estabelecimento de Marques Loureiro.

Marques Loureiro era tido como um homem de bem.”⁴⁸ Portanto, nunca houve contrato de venda ou aluguer, nem se conhece contrato da fundação do estabelecimento.

Passados cerca de dez anos, José Augusto Carneiro escreve: “vindo [Loureiro] em 1844, com 15 anos incompletos para o Porto colocar-se ao serviço de Pedro Marques Rodrigues, nas Quinta das Virtudes, onde com este se conservou ininterruptamente até 1863, aprendendo as partes rudimentares da sua arte”.⁴⁹ Apesar dos factos constatados acima, esta data parece mais credível, pois Loureiro já teria 33 anos e muito mais experiência.

Aqui trabalhou quase até morrer, em 1898. Com o seu sensato e vigoroso impulso, entregou-se de alma e coração à horticultura conseguindo um extraordinário desenvolvimento.⁵⁰

O Horto das Virtudes era considerado o mais importante estabelecimento de horticultura do país e da Península Ibérica. Relativamente às camélias, o próprio Loureiro, no Catálogo N.º 1, de 1865, sob o título «Especialidades – Camélia (*vulgarmente roseira do Japão*)», exalta esta flor que descreve como: “A *rainha* do Inverno, *rainha* pela elegância do porte, *rainha* pela beleza da sua folhagem persistente, e sobretudo *rainha* pela grandeza, formosura, e belo colorido de suas elegantes

flores. (...) Nós possuímos mais de 750 variedades de primeira ordem, obtidas dos principais estabelecimentos da Europa, e coligidas entre as mais notáveis de origem portuguesa, grande parte desconhecidas, porque não aparecem nos mercados. Podemos asseverar que a nossa colecção não tem rival em Portugal e na Península, devido a grandes esforços e muito dispêndio.”⁵¹ Neste catálogo incluem-se, efectivamente, 841 variedades de camélias, das quais 169 portuguesas, havendo ainda 284 provenientes de França em 1864, e que ainda não estavam disponíveis para venda.

No *Jornal do Porto* de 23 de Junho de 1865 vem publicado um anúncio da “Grande Exposição Hortícola” na Quinta das Virtudes, em que Loureiro convida os seus fregueses a visitar o estabelecimento, que acabara de enriquecer com variadíssimas colecções de plantas, entre as quais mais de 750 variedades de camélias.

Alguns entusiastas de horticultura, como o conselheiro Camilo Aureliano, Aloísio de Seabra, Roberto van Zeller e Duarte de Oliveira, Jr., cedo notaram as extraordinárias capacidades de Loureiro, a quem dão o seu apoio e valiosas orientações. É assim que ele estabelece relações com Ambroise Verschaffelt e Van Houtte, os dois famosos horticultores de Gand, a quem encomenda grande número de camélias. Do seu relacionamento com botânicos e horticultores estrangeiros conseguiu reunir no Porto a mais rica colecção de plantas do país, e talvez mesmo da Península Ibérica.



Fig. 62 Capa do primeiro volume do *Jornal de Horticultura Prática*, 1870.

Em 1869 fez sociedade com Emílio David, jardineiro paisagista de rasgo, projectista dos jardins do Palácio de Cristal e da Cordoaria, bem como dos jardins de D. Camila de Faria, do Sr. Arnaldo Ribeiro de Faria e da baronesa do Seixo. Infelizmente a sociedade durou pouco tempo pois Emílio David, apesar do seu enorme talento, entrou em conflito com o espírito trabalhador de Marques Loureiro. Como diz Duarte de Oliveira: “Infelizmente, o talentoso alemão, não nascera para ser sócio de Marques Loureiro, que era um homem matinal, trabalhador, ao passo que aquele de quem tanto havia a esperar, preferia gozar as espirais do fumo do seu charuto havano, às canseiras deste mundo.”⁵² Infelizmente este notável paisagista morreu passados poucos anos.

Acedendo ao desafio do seu grande amigo Duarte de Oliveira, em 1870, Loureiro aceitou dar início ao *Jornal de Horticultura Prática*, uma publicação de excelente nível que durou 23 anos, e em que não faltam referências a camélias.

O seu horto foi crescendo em quantidade e qualidade, destacando-se pela variedade de produtos que oferecia. Nos primeiros anos eram as camélias que imperavam, chegando a incluir no seu Catálogo N.º 3, de 1866, 893 variedades de camélias portuguesas e estrangeiras. E daqui, deste berço de camélias que é o Porto, seguiram muitas variedades portuguesas e estrangeiras para o Norte de Portugal, Sintra (sobretudo para o Parque da Pena), Lisboa, Viseu, Coimbra, enfim, para todo o país. Loureiro introduziu muitas camélias na Galiza, designadamente na Escola de Agricultura de Pontevedra e no Paço de Santa Cruz de Ribadulla. Daqui haver nesta região de Espanha grande



Fig. 63 Capa do Catálogo N.º 41, 1907, da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense – Entrada do Horto das Virtudes.

número de camélias portuguesas. Loureiro trabalhava com muito entusiasmo e paixão mas, infelizmente, não tinha grande sentido comercial, pelo que, exceptuando as camélias levadas para a Galiza e as enviadas a Ambroise Verschaffelt, poucas foram as camélias portuguesas que se tornaram conhecidas além-fronteiras.

Na Exposição Internacional de 1877 no Palácio de Cristal, Loureiro evidenciou-se não só pelas maravilhas que expôs, mas também pela sua apresentação, recebendo os melhores prémios e distinções, o mesmo acontecendo nas muitas outras exposições em que participou. À medida que o estabelecimento ia crescendo, foi necessário aumentar a área das culturas, com a aquisição da Quinta da Pena, em



Fig. 64 Rei D. Luís.



Fig. 65 *C. japonica* 'Duca di Genova'.

Vilar, e da Quinta das Águas Férreas. Chegou inclusive a abrir uma sucursal em Lisboa. Loureiro ambicionava tirar o público da ignorância e dar-lhe a conhecer as maravilhas da horticultura, tendo grandes amigos entre os botânicos e horticultores estrangeiros e portugueses.

As estufas das Virtudes continham autênticas preciosidades, e mal aparecia no estrangeiro um feto, uma palmeira ou uma begónia, Loureiro encomendava-os logo. O seu estabelecimento era conhecido em todo o país. O Horto das Virtudes era um *must* para os lisboetas que vinham ao Porto.⁵³

Também a família real o visitava quando aqui vinha, elogiando-o muito e fazendo compras avultadas de plantas exóticas e outras, entre elas grande número de camélias para o Parque da Pena e outros jardins em Sintra. O rei D. Luís, grande orquidófilo, dizia-lhe: “«Não posso vir ao Porto sem visitar o seu estabelecimento»”⁵⁴. Loureiro era muito cioso da sua colecção de plantas raras e não se queria separar das que mais estimava. A. Vieira, num artigo sobre uma visita ao Horto Loureiro⁵⁵, conta que quando D. Luís lhe perguntou o preço de um exemplar de *Neottopteris nidus* — um feto raro —, este respondeu-lhe: “Não se vende”. A rainha D. Maria Pia, também grande apreciadora e pintora de camélias, ficou agradavelmente surpreendida com o aspecto dos jardins e estufas, dizendo que antes de o visitar não fazia ideia do que era o estabelecimento de Marques Loureiro.

Várias personalidades estrangeiras que visitavam o Porto também queriam conhecer o seu horto. Segundo Duarte de Oliveira na «Crónica Hortícola-Agrícola» de Abril de 1878: “O estabelecimento (...) foi honrado com a visita do Sr. Duque de Génova. Sua alteza (...) admirou as belas colecções de plantas que ali existem. Louvou e elogiou muito o distinto horticultor portuense, e durante a sua visita escolheu algumas *Camélias* portuguesas, que lhe eram desconhecidas (...) e rivalizavam em formosura com as mais belas variedades italianas”.⁵⁶

José Marques Loureiro, que se intitulava “horticultor e jardineiro multiplicador”, dedicava-se à horticultura mais por paixão do que pela ambição do lucro.



Fig. 66 Estufa fria de José Marques Loureiro.

Segundo A. M. Pereira: “No Porto têm-se realizado exposições hortícolas, que sem o valioso e indispensável concurso deste homem, deixariam muito a desejar. (...) Não é a ambição dos prémios que o leva àqueles certames: é a satisfação íntima de ver as suas plantas queridas serem o objecto da admiração de entendidos e de estranhos porque (...) o Sr. Marques Loureiro é mais amador de plantas do que negociante. A sua grande aspiração é possuir quanto o reino vegetal vai produzindo. E essa aspiração desmedida, esse desejo insaciável tem-lhe custado caro, muito caro.”⁵⁷

Também Ernest Bergman, num artigo da revista da Société Nationale d’Horticulture de France, se refere em 1890 ao Horto de Marques Loureiro nos termos mais elogiosos: “Visitámos com prazer o estabelecimento do Sr. Marques Loureiro, o primeiro horticultor português. Possui um grande número de estufas e jardins situados



Fig. 67 Duas perspectivas do Horto das Virtudes.

numa parte elevada da cidade, tudo disposto em socalcos. É preciso subir e descer, atravessar velhos muros, muitas escadas; tudo isto com um aspecto que não denota um estabelecimento de horticultura; sente-se que se está na propriedade de um homem que se dedica ao seu trabalho por paixão e não por necessidade. As diversas plantas que aí podemos admirar são numerosas e tivemos o enorme prazer de poder colher ao ar livre uma gardénia maravilhosa.”⁵⁸

Em 1880 Duarte de Oliveira foi convidado a ir à Bélgica para fazer parte do júri na exposição comemorativa dos 50 anos da independência belga, incentivando Loureiro a acompanhá-lo. Segundo ele: “A nossa viagem restringir-se-á à Inglaterra, França e Bélgica, e, segundo todas as probabilidades, teremos por companheiro nesta excursão o Sr. José Marques Loureiro.

O nosso amigo, que nunca saiu da ditosa pátria sua amada, e que só conhece a horticultura do estrangeiro pelo que contam os livros, ficará surpreendido ao percorrer os jardins ingleses, os *squares* franceses e as estufas belgas.

Que a nossa viagem seja feliz, são os votos que fazemos ao largarmos a pena para colocarmos o binóculo e o saco ao tiracolo!⁵⁹

Depois Duarte de Oliveira continua a escrever a sua crónica mensal⁶⁰, já em Londres, “verdadeira Babilónia dos nossos dias”, onde visitou com Loureiro os principais jardins, o estabelecimento de William Bull, o jardim de Kew — “o primeiro estabelecimento botânico da Europa” — e os jardins do *Crystal Palace*. Aí foram a uma exposição de rosas e pelargónios cujos expositores eram os principais horticultores e amadores dos subúrbios de Londres. Ficaram maravilhados com a qualidade e perfeição das rosas expostas, e também com os magníficos prémios tais como salvas de prata, ao passo que no Porto, em concursos idênticos, o prémio consistia apenas numa medalha de prata “no valor de 980 réis”!

No mês seguinte descreve a ida à exposição hortícola em Bruxelas, a que concorreram nomes sonantes como Van Houtte, Smet, Linden, Van Geert, Pynaert, Verschaffelt, Dallièrre e muitos outros. Elogia a forma como as plantas estavam expostas e o recinto da exposição, a simular um jardim inglês, com ruas sinuosas em vários níveis. O júri — de que Duarte de Oliveira fazia parte — era composto por mais de 150 membros, e mais de 200 pessoas assistiram ao congresso de botânica e horticultura, cujos temas principais foram a filoxera e a convenção de Berna. De Paris não dá quaisquer notícias; sabemos apenas que ambos receberam um diploma e uma medalha pela sua participação na exposição.

Desta visita conclui-se que Loureiro adquiriu não só novos conhecimentos, mas também grande quantidade de plantas até aí desconhecidas, com as quais muito enriqueceu o seu estabelecimento.

Casimiro Barbosa faz o elogio das suas estufas com palmeiras, cicas, fetos e muitas outras plantas, dizendo que “o Horto Loureiro é (...) o que mais tem

contribuído para difundir entre nós o gosto pela cultura das plantas.”⁶¹

Em 1890, sentindo faltar-lhe a saúde, Loureiro constituiu, com Jerónimo Monteiro da Costa, a Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, mantendo-se, como director efectivo.

No entanto, a sua falta de saúde não impediu que a Quinta das Virtudes fosse palco de uma magnífica Festa das Rosas em 1891, organizada por Loureiro e Jerónimo Monteiro da Costa, juntamente com um grupo de rosicultores. A exposição foi um êxito, com mais de 6.500 visitantes. Foi armado “um extenso pavilhão coberto de lona (...) graciosamente ornamentado com escudetes, troféus de bandeiras e de instrumentos agrícolas e grupos de plantas que produzem um belo efeito. (...) As ornamentações florais foram dirigidas pelo abalizado jardineiro paisagista, o Sr. Jerónimo Monteiro da Costa”⁶². O júri era composto por António José de Campos Porto, Albano da Silveira Pinto e Cristiano van Zeller. Num dos salões da Companhia Hortícola-Agrícola realizou-se um banquete oferecido pela comissão aos membros do júri. O salão estava “adornado primorosamente pelo Sr. Jerónimo da Costa. Tanto as paredes como o tecto que é apainelado estavam completamente cobertos de pétalas de rosas. (...) Às 5 e meia horas da tarde de ontem, a comissão promotora da exposição permitiu que os visitantes retirassem das caixas as rosas que quisessem. A esta permissão seguiu-se um verdadeiro assalto!



Fig. 68 Os organizadores da Festa das Rosas.

As ornamentações florais foram dirigidas pelo abalizado jardineiro paisagista, o Sr. Jerónimo Monteiro da Costa”⁶². O júri era composto por António José de Campos Porto, Albano da Silveira Pinto e Cristiano van Zeller. Num dos salões da Companhia Hortícola-Agrícola realizou-se um banquete oferecido pela comissão aos membros do júri. O salão estava “adornado primorosamente pelo Sr. Jerónimo da Costa. Tanto as paredes como o tecto que é apainelado estavam completamente cobertos de pétalas de rosas. (...) Às 5 e meia horas da tarde de ontem, a comissão promotora da exposição permitiu que os visitantes retirassem das caixas as rosas que quisessem. A esta permissão seguiu-se um verdadeiro assalto!



Fig. 69 Rei D. Fernando de Saxe-Coburgo.

Em menos de 10 minutos os mais belos exemplares tinham passado das rústicas caixas para as delicadas mãos de donairosas assaltantes. Foi quase um rapto das sabinas aplicado às rosas.”⁶³

Em 1892, Loureiro escreveu a sua «Última Página – Despedida», no derradeiro volume do *Jornal de Horticultura Prática*, agradecendo a todos os que colaboraram nesta publicação de 23 anos, e confessando estar demasiado cansado para poder prosseguir na propaganda hortícola a que se tinha dedicado de alma e coração: “Tout casse, tout passe, tout lasse, e a minha idade avançada não permite que lhe continue dispensando os entusiasmos de outrora.”⁶⁴

Muito honesto, recusou sempre as várias condecorações que lhe ofereciam, respondendo: “Eu quero morrer Jardineiro das Virtudes.”⁶⁵ Morreu em 1898 com 68 anos depois de toda uma vida consagrada à horticultura.



Fig. 70 Diplomas atribuídos a Cristiano van Zeller na festa em honra de Loureiro no Jardim da Cordoaria em 1898 (expositor, à esquerda, e colaborador, à direita).



Fig. 71 A “Flora”, mostrando na base a effigie de Marques Loureiro que desapareceu em 2007, vítima de vandalismo.

Fig. 72 *C.japonica* ‘José Marques Loureiro’.

Fig. 73 Fotografia de Loureiro, incluindo na moldura as muitas medalhas que ganhou e a data da fundação do seu estabelecimento – 1849.

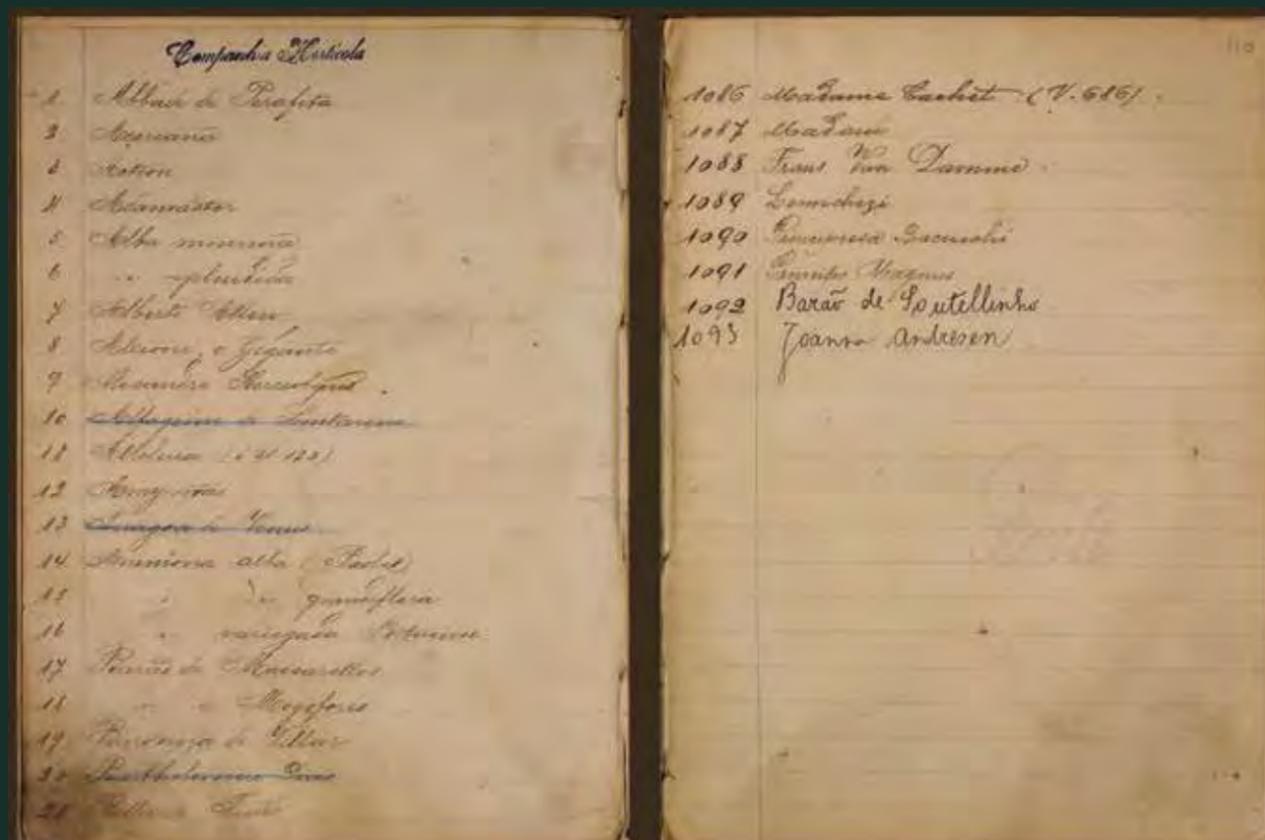


O valor de Loureiro fica bem patente nestas palavras do rei D. Fernando durante uma exposição: “Este homem é um benemérito do país: Portugal deve-lhe muito.”⁶⁶

Ao “Jardineiro das Virtudes” se deve o grande desenvolvimento da horticultura em Portugal, não só através das inúmeras plantas importadas, até aí inexistentes no nosso país, mas também pelo seu incentivo e profissionalismo.

Em 30 de Outubro de 1898 os seus muitos amigos e admiradores organizaram uma Festa Floral em sua homenagem no Jardim da Cordoaria, como se pode ver em dois belíssimos diplomas de expositor e de colaborador.

Também se juntaram para lhe erguer nesse mesmo jardim uma estátua da autoria de Teixeira Lopes, inaugurada em 1904.



8

As camélias nos catálogos do Horto das Virtudes

Em 1865, no mesmo ano da Exposição Internacional do Porto, surge o primeiro *Catálogo do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro – Horticultor e Jardineiro Multiplicador*, a que já nos referimos. Tem 50 páginas e a camélia ocupa um lugar de destaque sob a rubrica «Especialidades». Como já referido, neste catálogo constam 841 variedades de camélias, das quais 169 são portuguesas. Por aqui se vê a qualidade e dimensão do Horto das Virtudes!

Segundo Marques Loureiro: “vangloriamo-nos de sermos os primeiros em Portugal que apresentamos no mercado enxertos iguais aos que vêm de França, Bélgica e Inglaterra. (...) adoptámos uma nomenclatura regular à imitação dos estrangeiros, fazendo desaparecer os nomes extravagantes com que por aí as alcunham.”⁶⁷

Fig. 74 Primeira e última páginas da *Relação original manuscrita de camélias* da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense (ou Horto das Virtudes). Porto, 1914.

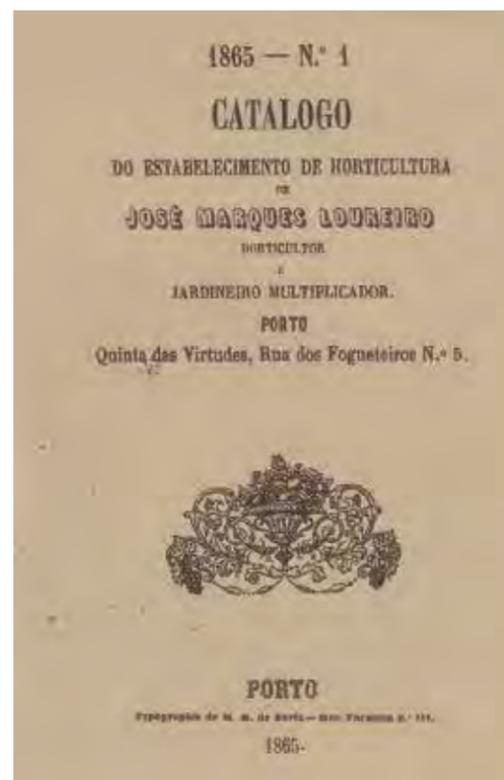


Fig. 75 Capa do Catálogo N.º 1 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1865.

Neste catálogo nota-se uma grande diferença em relação à lista de camélias do *Jardim Portuense*. Mais tarde, no *Jornal de Horticultura Prática*, Camilo Aureliano refere-se a “aquela época, em que todas as *Camélias* brancas, estriadas de rosa ou carmim, eram *Anaguas*. Assim, tínhamos a *Anagua do Pedro*, a *Anagua do Baralha*, a *Anagua do Padre Manuel*, a que eu dei o bem merecido nome de *Bella Portuense*, e por que hoje é geralmente conhecida.”⁶⁸

A descrição das camélias (um importante trabalho feito por Loureiro com a colaboração do conselheiro Camilo Aureliano, segundo a metodologia do abade Berlèse) era bastante incompleta, agrupando as flores segundo cores e formas, o que sob o ponto de vista comercial não era prático.

No mesmo ano é publicado o Catálogo N.º 2, relativo às fruteiras, e no ano seguinte, 1866, surge o Catálogo N.º 3, com descrições individuais das camélias, por ordem alfabética e muito mais completas, incluindo a respectiva referência. A partir deste catálogo Loureiro já se intitula “Fornecedor da Casa de S. M. a Rainha”.

Na introdução à Camélia, Loureiro acrescenta: “Neste Catálogo seguimos uma ordem inversa da anterior. Separámos as *Camélias* portuguesas das estrangeiras, relacionámo-las por ordem alfabética, e juntámos a cada uma delas uma ligeira descrição; folgaremos com que este ímprobo trabalho possa facilitar aos nossos fregueses uma boa escolha.”⁶⁹

O catálogo tem 100 páginas, das quais 35 são dedicadas às camélias, descrevendo 202 camélias portuguesas e 688 estrangeiras — uma quantidade impressionante —, incluindo ainda três novidades estrangeiras, uma das quais da espécie *sasanqua*. Nota-se não só um grande esforço no sentido de acompanhar os mais recentes catálogos estrangeiros e trazer para o Porto as últimas novidades, mas também de criar novos cultivares, testemunho do considerável desenvolvimento deste estabelecimento.

O Catálogo N.º 5, de 1868, é quase igual ao N.º 3, com a particularidade de incluir algumas notas, em que Loureiro se insurge contra Gentil Gomes da Silva. Este horticultor era um dos filhos de João José Gomes (o jardineiro de S. Lázaro) e seu grande rival, não só quanto a produtos à venda, mas também nas várias exposições de horticultura. Acontece que Gentil Gomes da Silva apareceu em 1860, e que, como o Pedro das Virtudes, era jardineiro, mas, nas palavras de Duarte de Oliveira, mais “fura-vidas”⁷⁰. Tinha recebido o alvará de “Jardineiro Honorário da Casa Real” (mercê de D. Luís I, de 19 de Fevereiro de 1866) enquanto Loureiro era apenas “Fornecedor da Casa de Sua Magestade a Rainha”. Daqui surge uma “luta” declarada, em que Loureiro ataca o seu rival pela falta de rigor no nome que dá a várias camélias...

A partir do Catálogo N.º 9 (1872-1873), Loureiro informa que a cultura das camélias é uma das principais especialidades do seu estabelecimento. Na capa, passa a



Fig. 76 Capa do Catálogo N.º 3 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1866.

intitular-se também “Proprietário do Jornal de Horticultura Prática”, publicação iniciada em 1870. No Catálogo N.º 12 (1875-1876), alerta para o facto de alguns horticultores menos escrupulosos darem “a capricho”⁷¹ a algumas camélias nomes iguais aos dele, donde resulta uma grande confusão e avisa que deixou de reproduzir algumas das camélias ainda mencionadas neste catálogo por serem pouco distintas.

Até ao Catálogo N.º 25 (1890), há uma distinção entre camélias portuguesas e camélias estrangeiras; a partir daí deixa de haver esta distinção, embora seja raro o ano em que não apareçam novas obtensões portuguesas.

Dentro dos catálogos a que houve acesso, a partir do N.º 17 (1881-1882) o Horto das Virtudes passa a designar-se Real Estabelecimento Horticola de José Marques Loureiro.

Em 1890, Loureiro faz sociedade com Jerónimo Monteiro da Costa, constituindo a Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense. No Catálogo N.º 27 (1892), os directores passam a ser José Marques Loureiro e Jerónimo Monteiro da Costa, sendo a empresa designada como “sucessora dos estabelecimentos J. Marques Loureiro e de Costa & Costa”. Informa que tem 40.000 exemplares de camélias para venda!

No Catálogo N.º 29 (1895), refere que “Todas estas *Camélias* são fortes e prestes a florescer. Podemos fornecer boas plantas, porque possuímos mais de 60.000 exemplares.”⁷² No final da relação de camélias indica alguns exemplares de camélias fortes, entre os quais as portuguesas ‘Alexandre Herculano’, ‘Dama do Paço’, ‘Dom João de Castro’, ‘Filinto Elysio’, ‘Maria da Fonte’ e ‘Viscondessa da Silva Monteiro’.

No Catálogo N.º 31, (1897), um ano antes de morte de Loureiro, a lista de camélias ascende a 578, portuguesas e estrangeiras, seguindo-se uma outra referência a «Camélias Fortes – Formando bonitos arbustos muito copados e com muitos botões», entre as quais figuram as portuguesas ‘Alexandre Herculano’, ‘Bella Portuense’, ‘Dom Diniz, o Lavrador’, ‘Duque de Saldanha’, ‘Gran Vasco’, ‘Manoelinho d’Evora’, ‘Marquez de Ficalho’, ‘Padeira d’Aljubarrota’ e ‘Rainha Santa Isabel’.



Fig. 77 Capa e contra-capá do Catálogo N.º 31 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1897.

O número de variedades de camélias constantes nos catálogos seguintes ronda as 600, mesmo após a morte de Loureiro. Em 1899 e 1901, já com Jerónimo Monteiro da Costa como único director, as camélias nos catálogos aparecem quase todas sem descrição. Em 1902 voltam a aparecer as descrições das camélias e, em 1907, o número de variedades está reduzido a apenas 81. Em 1910 o número de variedades de camélia deste estabelecimento aumenta para 102, mas é largamente ultrapassado pelo de Jacinto de Matos, com 293 variedades.

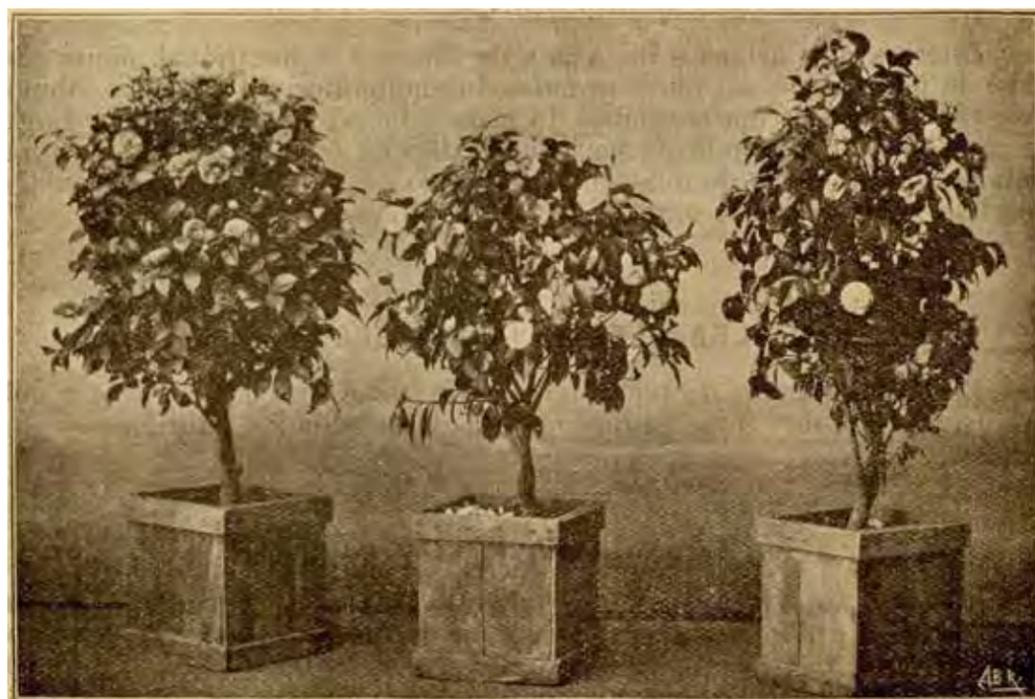


Fig. 78 Camélias em vaso no Horto das Virtudes.

Jerónimo Monteiro da Costa consta como director do Horto das Virtudes até 1909. A partir dessa data, e até 1911, a direcção é assumida pelo seu filho José. Em 1911, com a queda da monarquia, o estabelecimento passa a denominar-se Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, SARL, sendo também conhecido como Companhia Hortícola – Quinta das Virtudes. Os catálogos deixam de mencionar o nome do director. Na década de 1950 passou a ter como logotipo o simbólico trevo de quatro folhas. Os catálogos incluíam apenas cerca de 30 camélias. A companhia foi extinta na década de 70 do século xx.

Para além dos catálogos, existe ainda a lista original manuscrita das camélias da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense (o antigo Horto das Virtudes),



Fig. 79 Alporques de camélia fixados com cortiça na Companhia Hortícola/Horto das Virtudes.

redigida por ordem alfabética e por ordem numérica, e que foi muito importante para uma melhor identificação das camélias deste estabelecimento. A maior parte desta relação foi elaborada por volta, ou ainda antes, de 1906, pois nota-se que até à referência n.º 1085, ‘Dona Marianna Relvas’ (que aparece pela primeira vez no Catálogo N.º 40, de 1906), está tudo escrito com a mesma caligrafia. Em 1907 são adicionadas mais três camélias (que surgem no Catálogo N.º 41). Em 1914 aparece nova intervenção com outra caligrafia: as referências n.º 1092, ‘Barão de Soutellino’, e a última, n.º 1093, ‘Joanna Andresen’, que só surgem no Catálogo N.º 50. Inclui ainda o carimbo da “Companhia Hortícola”, o local e data: Porto, 23/7/914.

No catálogo N.º 50, de 1914, da Companhia Hortícola, aparece uma imagem com três camélias em vaso. A título de curiosidade, numa fotografia mais recente, vêem-se alporques de camélia feitos na Companhia Hortícola, fixados com placas de cortiça.

Os catálogos do Horto das Virtudes, sob as suas várias designações ao longo dos tempos, constituem uma referência crucial para o estudo das camélias portuguesas. Nota-se que na viragem do século as camélias vão ficando fora de moda, sendo destronadas sobretudo pelas rosas, mas também por cravos, dália, orquídeas e outras flores.



Fig. 80 Capa do Catálogo N.º 88 da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, comemorando o Centenário do Horto das Virtudes, 1949.



Fig. 81 Fotografia da Companhia Hortícola por volta de 1959.



Fig. 82 Aspecto actual da Quinta das Virtudes.



9

As camélias e o Jornal de Horticultura Prática

Por incentivo de Duarte de Oliveira, Jr., Marques Loureiro resolve fundar em 1870 o *Jornal de Horticultura Prática*, publicação mensal de grande nível que existiu durante 23 anos. Esta revista teve como principal redactor o próprio Duarte de Oliveira durante 18 anos, temporariamente substituído durante a sua viagem com Loureiro pela Europa em 1881 por Joaquim de Melo e Faro, continuando até 1888, ano em que Casimiro Barbosa se encarregou dessa tarefa. A partir de 1889 Duarte de Oliveira vê-se obrigado a tratar dos negócios familiares, e o novo redactor passa a ser Eduardo Sequeira, até 1892, ano em que termina esta publicação. Teve colaboradores portugueses e estrangeiros de renome, como Ambroise Verschaffelt, E. Pynaert, Edmond Goeze, Émile Rodigas, Charles Joly, Ed. Morren, Adolpho Moller, Camilo Aureliano, Dr. Júlio Henriques, Joaquim Casimiro Barbosa, Joaquim de Melo e Faro e Luís de Mello Breyner, entre muitos outros.

Fig. 83 Estampas no *Jornal de Horticultura Prática* das *C. japonica* 'Princesa Real' (ilustração de P. de Pannemaeker) e 'Duarte de Oliveira' (ilustração de F. Pellereau).



Fig. 84 Capas do *Jornal de Horticultura Prática* de 1871 (Vol. II), à esquerda, e de 1891 (Vol. XXII), à direita, mostrando as medalhas ganhas por esta publicação ao longo dos anos.

Na introdução do primeiro volume, Loureiro propõe-se com esta publicação, entre outros objectivos: “Chamar a atenção do público para um ramo de cultura que ainda não tem entre nós a importância devida; encontrar da parte das pessoas competentes a coadjuvação necessária para uma publicação de tal género; (...) proporcionar aos (...) amadores e ao público (...) um guia instrutivo e que satisfizesse a necessidade que se fazia sentir”⁷³. Seria uma publicação relacionada com a horticultura no seu sentido mais lato, incluindo a agricultura, a arboricultura, a floricultura, a viticultura, etc., ou seja, “a arte de cultivar, multiplicar e aclimar os vegetais.”⁷⁴

Esta revista acompanhou as várias actividades do sector hortícola, como o tratamento da filoxera, novas espécies de plantas, exposições horticolas, novos instrumentos agrícolas, artigos decorativos para jardins, conselhos aos agricultores, enfim, uma grande diversidade de temas que reflectem o alto nível de conhecimentos adquiridos nessa época. Além das mais variadas notícias, foram mencionados muitos aspectos da sociedade portuguesa e sobretudo portuense. Nas palavras de Loureiro, “O *Jornal de Horticultura Prática*, tornando conhecido um grande número de plantas (...) despertou a atenção dos seus numerosos leitores (...) a tal ponto, que as flores e as plantas ornamentais encontram-se por toda a parte, podendo dizer-se que hoje não há talvez habitação, por mais modesta que seja, onde um ou outro espécime da flora não ocupe um lugar distinto. (...) E se o progresso da horticultura se manifestou de uma maneira geral no nosso país, na jardinagem do Porto deu ele especialmente assombroso passo.”⁷⁵ Nas exposições horticolas em que participou, o *Jornal de Horticultura Prática* recebeu numerosos testemunhos de reconhecimento, sendo premiado com a medalha de prata em exposições horticolas realizadas em Gand, Bruxelas, Amesterdão, Lyon, Barcelona e Porto.⁷⁶

As camélias são mencionadas com frequência, começando no primeiro volume com «A [camélia] Rainha Santa Isabel» e terminando no último com o artigo «Fiães, Éden das Camélias», sobre o qual falarei no próximo capítulo, dedicado a Duarte de Oliveira.

Quatro destes artigos são escritos pelo conselheiro Camilo Aureliano, grande amigo de Loureiro e entusiasta das camélias, que cultivava na sua Quinta do Pinheiro. Sobre a camélia ‘Rainha Santa Isabel’, obtida por Loureiro, diz que “simboliza hoje na *Flora Portuense* uma das mais belas e mimosas flores que a enriquecem (...). É de forma ranúnculo e de uma imbricação perfeitíssima. A pura neve não a excede na alvura”⁷⁷.

Quanto à camélia ‘Duarte de Oliveira’, descoberta por Loureiro num jardim nos arredores do Porto, Camilo Aureliano refere que “o certo é que esta beleza sem se não (...) vai correr mundo galharda e louçã, ufanando-se do nome que lhe dera o seu descobridor, em obséquio ao seu particular [e grande] amigo, o Sr. José Duarte de Oliveira Júnior.”⁷⁸ No início deste artigo vem uma bonita estampa desta camélia, mandada fazer por Loureiro a Frederico Pellereau.



Fig. 85 *C. japonica* 'Rainha Santa Isabel'.



Fig. 86 *C. japonica* 'Duarte de Oliveira'.

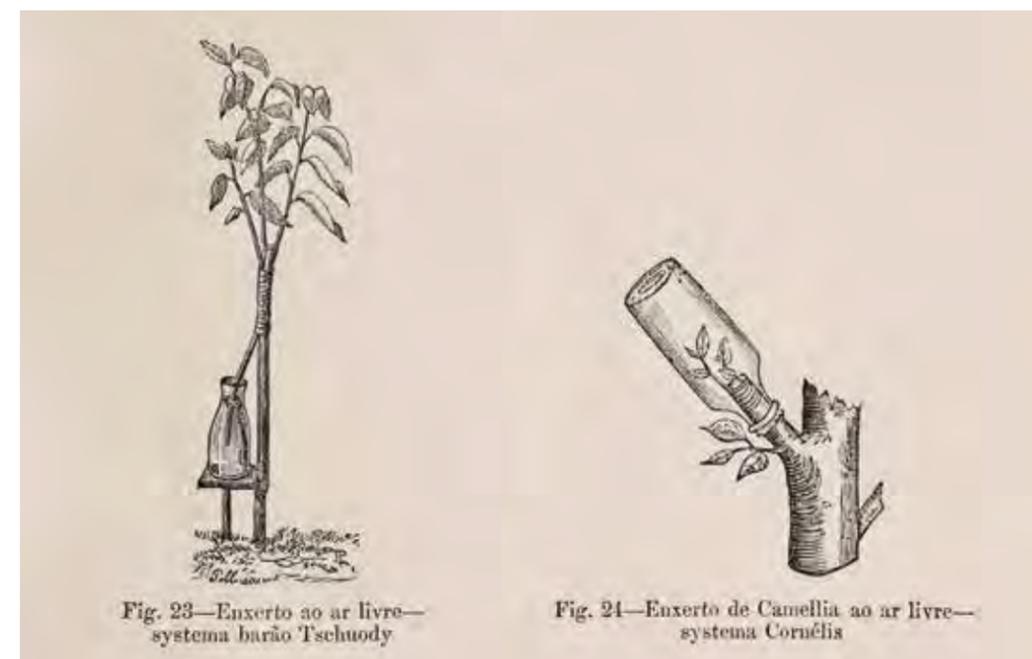


Fig. 87 Dois tipos de enxerto de camélia.

Camilo Aureliano escreve ainda um ensaio sobre a «Propagação da Camélia» explicando como se procede no enxerto por aproximação, enxerto de *placage*, enxerto de fenda e em dois tipos de enxerto ao ar livre: o do barão Tschuody e o de Cornélias.⁷⁹

Em «As camélias Primeiro de Fevereiro e Quatro de Abril» fala do seu grande amigo Roberto van Zeller, que um dia lhe entrou em casa, acompanhado de um criado com um vaso na mão com uma camélia com flor aberta. «Aqui a tem, disse-me ele, é a original obtida de semente na minha Quinta de Fiães. Quando for tempo dar-me-á um enxertinho dela.»⁸⁰ Infelizmente Roberto van Zeller morreu pouco depois. O baptismo da dita camélia foi complicado... Acabaram por lhe chamar 'Primeiro de Fevereiro', dia em que a recebeu. Descreve depois a camélia. Passados uns anos, repara numa mutação muito bonita dessa mesma camélia. Baptiza-a 'Quatro de Abril', dia em que a descobriu, e fixa-a por enxerto. Resolve oferecer um exemplar da “mãe” e da “filha” a Marques Loureiro, que “terá o cuidado de as fazer conhecidas.”⁸¹



Fig. 88 *C. japonica* 'Primeiro de Fevereiro' (Fiaes).



Fig. 89 *C. japonica* 'Quatro de Abril' (Fiaes).



Fig. 90 *C. japonica* 'Paço de Santo Antonio'.

E, finalmente, dedica um artigo nesta revista à camélia 'Paço de Santo Antonio', assim chamada a pedido do Sr. Joaquim Albino Dias de Castro, dono da quinta onde foi encontrada, situada na Rua de Costa Cabral, "num dos mais belos e saudáveis subúrbios desta cidade."⁸² Este senhor enviou a Camilo Aureliano, por um criado, uma flor dessa camélia, de forma rosa regular e cor cereja viva, grande e majestosa. Este acabou por enviar a Loureiro, que "como bom amador e apreciando-a como devia, espatifou-lhe o pedúnculo e reproduziu-a de *placage*. Foi um verdadeiro rapto, mas sabemos que o dono não se agastou com isso, só exige que, se um dia entrar no seu catálogo, seja com o nome de Paço de Santo António."⁸³

Outro colaborador do *Jornal de Horticultura Prática* apaixonado por camélias foi Nuno de Mendonça Falcão, residente em Farejinhas, Castro Daire. Escreveu um



Fig. 91 *C. japonica* 'Princesa Real'.

ali *Camélias* educadas como *Cupressus fastigiata* de um prumo e regularidade irrepreensíveis, elevando já a sua atrevida flecha a 7 metros do solo, outras em enormes bolas esféricas; outras verdadeiras *Araucarias excelsa* pela regularidade dos seus andares: *Camélias* educadas em forma de mesas redondas e quadradas: caramanchões cobertos e vestidos de tal forma que não deixam penetrar-lhe o sol do Verão ao meio-dia; paredes vestidas com elas e sobretudo arcos cobrindo o encruzamento das ruas. (...) Ora, se estas em 20 anos já têm 7 metros de altura, aonde chegarão elas, quanto contarem 112, como o Patriarca das *Camélias* da Europa, em Caserta?"⁸⁴ E termina dizendo: "A *Camélia* está perfeitamente aclimatada entre nós, e (...) vive em Portugal ao ar livre tão bem como no Japão, e conseqüentemente, (...) é Portugal o país clássico na Europa da cultura dela ao ar livre"⁸⁵.

Marques Loureiro escreveu um historial da camélia na região do Porto, a que atrás me referi, e ainda um artigo dedicado à camélia 'Princesa Real'⁸⁶ proveniente de um

artigo intitulado «Ensaio sobre a Camélia», onde refere a sua história e boa aclimação no solo do Norte de Portugal. Fala do seu amigo e vizinho, padre Bernardino Correia de Barros, e do seu jardim de camélias magnificamente podadas nas mais variadas formas, um exemplo da arte da topiária: "Com efeito, vêem-se



Fig. 92 *C. japonica* 'Dona Maria Helena Van-Zeller'.

Melo e Faro, na altura em que foi redactor desta publicação, refere no seu artigo «A Exposição de Camélias» que, sendo o Porto a cidade em que, por excelência, as camélias se desenvolvem espantosamente, é de lastimar que nos jardins da Cordoaria e de S. Lázaro não haja camélias fortes nem as variedades especiais cultivadas nos jardins particulares.⁸⁷

O último editor do *Jornal de Horticultura Prática*, Eduardo Sequeira, também se refere muitas vezes às camélias, não só a propósito das expostas no Palácio de Cristal, mas também à camélia a que Loureiro deu o seu nome — camélia 'Eduardo Sequeira'⁸⁸ — que descreve no último volume, bem como a camélia 'Dona Maria Helena Van-Zeller' já referida por Duarte de Oliveira. Aqui transcreve parte de uma carta do marquês da Fronteira a Marques Loureiro sobre esta camélia, dizendo que é lindíssima e uma planta muito sujeita a dimorfismo, com flores muito variadas. Termina dizendo: "Há muitas *Camélias* de merecimento no nosso país, mas poucas rivalizam pela forma e colorido com aquela de que nos vimos ocupando, uma das mais belas obtenções da Quinta de Fiães."⁸⁹

* Porta-enxerto.

cavalo* usado para enxertia da camélia 'Camurça' (sinónimo português da 'Incarната') em casa da senhora Warsenmeier, em Massarelos, que tinha atraído a sua atenção.

Encomendou a bonita estampa desta camélia a Pieter de Pannemaker, o conhecido ilustrador das publicações hortícolas belgas.

Também Joaquim de



10

Duarte de Oliveira — a alma do Jornal de Horticultura Prática

José Duarte de Oliveira Júnior (1848-1927), mais conhecido por Duarte de Oliveira, foi um viticultor e escritor agrícola, grande amigo e colaborador incansável de José Marques Loureiro, que lhe dedicou em 1871 uma das suas mais bonitas obtenções, juntamente com uma excelente ilustração da mesma, da autoria de Frederico Pellereau.

Notório sobretudo como fundador e redactor do *Jornal de Horticultura Prática*, foi ainda autor de várias outras publicações. Aliava uma vasta cultura ao dom da escrita. Filho único de um abastado comerciante portuense, foi muito novo estudar para Londres, e falava correntemente francês, inglês e alemão.

Fig. 93 Duarte de Oliveira com 18 anos. Londres, 1866



Fig. 94 Duarte de Oliveira em 1876, ano da publicação de *O Jardim na Sala*.

Quando voltou para o Porto, começou a trabalhar no escritório do pai, no ramo da venda a retalho de fazendas nacionais e estrangeiras, inaugurando os Grandes Armazéns do Carmo.⁹⁰ Embora se interessasse pelo negócio familiar, a sua verdadeira paixão era a horticultura.

Conheceu Marques Loureiro e o conselheiro Camilo Aureliano, aos quais se ligou numa grande amizade e sintonia no interesse de tudo o que se relacionava com a horticultura e a jardinagem. Foi em sua casa que surgiu a ideia de publicar o *Jornal de Horticultura Prática*. As suas crónicas mensais e muitos outros artigos seus nesta revista constituem uma documentação inestimável sobre a horticultura, a sociedade e a mentalidade em Portugal, designadamente no Porto do século XIX.

Pessoa viajada e um autêntico *dandy*, correspondia-se com E. de Conninck, G. Delchevalerie, Édouard Pynaert e outros eminentes entusiastas de horticultura da sua época.

Viajemos agora com ele e com as camélias através do *Jornal de Horticultura Prática*...

No Volume II desta revista (1871), ao falar da camélia 'Dona Rita de Cassia', Duarte de Oliveira diz: "Lançando agora um vover de olhos sobre o estado de florescência deste género no nosso país, não podemos deixar de nos congratularmos, porque as variedades que se cultivam já sobem a algumas centenas e conquanto a maior parte sejam de origem estrangeira, há muitas que são nascidas em Portugal e por tanto chamar-lhes-emos «portuguesas». Estas são, na maior parte, de sementeiras feitas



Fig. 95 *C. japonica* 'Duarte de Oliveira'.



Fig. 96 *C. japonica* 'Dona Rita de Cassia'.

no Porto e seus subúrbios por pessoas apaixonadas deste belo género. Entre os mais felizes devemos mencionar os Srs. Roberto van Zeller, visconde de Villar d'Allen, conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa, e José Marques Loureiro. (...) Amador de coração, dotado de inextinguível paixão pelas *Camélias*, [Marques Loureiro] dedicou-se de há muito à sua cultura e a pouco e pouco foi coleccionando as novidades de maneira que possui hoje inquestionavelmente a melhor colecção de Portugal. Para chegar a este resultado, não se limita a fazer anualmente importação de um certo número delas. Organiza abundantes sementeiras, de onde obtém sempre variedades belíssimas e é daí que toma sua origem um bom número das *Camélias* portuguesas, que hoje adornam os nossos jardins e que muitas pessoas pensam ser estrangeiras."⁹¹

Informa ainda que o pé-mãe desta variedade se encontra numa quinta extramuros, a chamada "Quinta Amarela", pertencente a D. Rita de Cassia Gomes Guimarães.

Em a «Camélia Bella Portuense», relata a origem misteriosa desta variedade que Loureiro encontrou em dois locais diferentes, cujos donos afirmavam que tinha crescido de semente nos seus jardins. E diz: "Sem desanimar todavia, sem levantar mão do assunto, parece que o Sr. Loureiro chegou a descobrir com provas irrefragáveis que a *Camélia Bella Portuense* fora obtida de semente por um



Fig. 97 *C.japonica* 'Bella Portuense'.

grande amador, o reverendo Manuel Silvestre, cujo corpo já hoje descansa na terra da verdade.⁹² Trata-se da mesma camélia de 1844 a que se irá referir Camilo Aureliano ao falar da época em que todas as camélias brancas, estriadas de rosa ou carmim eram «Anagoas», e sobre a 'Anagoa do Padre Manuel' quando diz: “a que eu dei o merecido nome de *Bella Portuense*, e por que hoje é geralmente conhecida.”⁹³ Esta variedade já vem mencionada com este nome no primeiro catálogo de Loureiro, em 1865. No livro *Antiche Camelie del lago Maggiore* vê-se uma fotografia desta camélia juntamente com a sua descrição, dizendo que tem origem em Itália, criada por Franchetti em Florença, depois de 1854.⁹⁴ Esta terá sido provavelmente uma das camélias levadas pelo duque de Génova para Itália depois de visitar o horto de Loureiro, daí a incorrecção. Se atentarmos ao percurso das referências a esta camélia



Fig. 98 *C.japonica* 'Magestosa de Villar'.

no livro acima referido, a primeira menção a esta variedade é já no Catálogo N.º 9 de Loureiro (1872-1873), seguindo-se o de J. Linden (1878-1879) e os de Mercatelli (1882) e Rovelli (1896-1897). Na verdade, esta camélia já era conhecida em Portugal muito tempo antes, e figura em 1865 no Catálogo N.º 1 de Marques Loureiro.

No ano seguinte publica outro artigo sobre camélias, com uma introdução muito característica da época, deixando a imaginação borboletar em torno da semelhança entre a camélia e a mulher: “O mesmo colorido em ambas: nas faces duma, nas pétalas da outra. Ambas rainhas: uma no jardim, outra nas salas. Igual elegância nas formas de uma e nos contornos da outra. Uma vestida de natural cetim que só com uma gota de água se macula; a outra pura como o cristal que, na frase do padre Vieira, o mais subtil hálito poderá perturbar.”⁹⁵ E, só depois de todos estes devaneios

introdutórios, se decide passar ao assunto: a “invencilhadíssima”⁹⁶ história e descrição da camélia ‘Magestosa de Villar’! Diz que pertence a Cristiano van Zeller, em cuja quinta em Vilar existe o pé-mãe, e transcreve uma carta do proprietário da quinta informando que pouco sabe da sua história. Sabe apenas que em 1853, quando o seu hortelão para lá veio, ela já existia e que foi muito mal tratada, chegando a ser usada como cavalo para uma outra camélia, a ‘Pomponia Monstruosa’.⁹⁷

Como redactor do *Jornal de Horticultura Prática*, Duarte de Oliveira menciona frequentemente as camélias nas suas crónicas hortícola-agrícolas mensais. Em Agosto de 1873, refere que na *Illustration Horticole* de Fevereiro vem uma estampa da camélia ‘Dom Carlos Fernando (Príncipe Real)’ descrita por Mr. Ed. André, esclarecendo que foi obtida de sementeira por Marques Loureiro, tendo florido pela primeira vez em 1864. Fazia parte da colecção de 18 camélias com nomes da dinastia constitucional de Bragança expostas na Exposição Internacional no Palácio de Cristal em 1865, obtidas na sua maioria no estabelecimento de Loureiro. Como na altura da exposição as camélias não estavam em flor, as camélias estavam “contrafeitas” em cera por Jerónimo Filipe Simões.⁹⁸ Esta colecção foi oferecida à rainha D. Maria Pia. No ano seguinte Loureiro enviou ao seu amigo de Gand, Ambroise Verschaffelt, algumas das camélias dessa árvore genealógica, daí esta camélia e outras existirem na Bélgica. No ano seguinte informa que na *Illustration Horticole* de Janeiro vem publicada a descrição da camélia ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’, acompanhada de uma estampa, e que o catálogo de J. Linden de 1874-1875, além da camélia ‘Dom Carlos Fernando (Príncipe Real)’, inclui as camélias portuguesas ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’, ‘Dona Maria Pia, Rainha de Portugal’ e ‘D. Fernando II de Portugal’.

O texto da sua «Crónica Hortícola-Agrícola» de Outubro de 1881 começa no seguinte teor:

“«Cesse tudo quanto a antiga musa canta», que o Sr. Dr. Balthazar Carneiro acaba de obter, no Brasil, uma *Camélia* amarela.



Fig. 99 *C. japonica* ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’.



Fig. 100 *C. japonica* ‘Brotero’ (Fiaes).

Belgas, italianos, habitantes de Portugal, corai de pejo! Envergonhai-vos de que nunca fostes capazes de obter a *Camélia* amarela, como nunca obtereis a *Rosa* azul!⁹⁹ Depois de muitas conjecturas sobre a possibilidade de tal camélia existir, pois terá sido obtida por enxerto — o que implicaria a existência de um pé-mãe dessa cor —, acaba por dar os parabéns ao seu criador.

No Volume xvii (1886) fala da camélia ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’: “Linda, três vezes linda é a *Camélia Maria Helena Van Zeller*, da qual o seu obtentor e nosso velho condiscípulo, o Sr. Cristiano van Zeller, fez o favor de nos enviar algumas flores para observarmos. A sua Quinta de Fiães (Avintes) é o berço de uma serie de *Camélias* distintas, entre as quais brilham a *Carlota Van Zeller*, a *Brotero* e a que tem o seu nome — *Cristiano Van Zeller*.”¹⁰⁰ Devido à filoxera que grassava a região de Avintes, e por imposição da convenção de Berna, a camélia ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’ não podia de lá sair nem ser posta à venda no mercado, pelo que muito se entristece.

No último volume do *Jornal de Horticultura Prática*, em 1892, sob o pseudónimo de A. d’Almeida, Duarte de Oliveira escreve um delicioso e poético artigo intitulado «Fiães, Éden das Camélias»¹⁰¹.

“Fiães! Fiães! É como quem diz: *Camélias! Camélias!*”¹⁰². É assim que começa Duarte de Oliveira este artigo, no último volume do *Jornal de Horticultura Prática*, depois de uma excursão à quinta de Fiães em Abril de 1892, na companhia de Marques Loureiro, Eduardo Sequeira, Joaquim de Melo e Faro, Jerónimo Monteiro da Costa e o proprietário, Cristiano van Zeller. Dedicou o artigo a esta quinta, demonstrando a sua admiração por Roberto van Zeller que, com outros entusiastas do seu tempo — os chamados “*Catapereiros*” —, colaborava em todas as exposições e iniciativas tendentes a propagar e fomentar a melhoria das culturas: “de Fiães saíram muitas das mais belas *Camélias* que presentemente ornamentam os nossos jardins. (...) cresceram pouco e pouco, tornando-se algumas em árvores frondosas. Começaram a frutificar e as sementes, caídas naquele ubérrimo solo, germinaram produzindo novas variedades. (...) reproduzem-se aos milhares sem o concurso da arte.”¹⁰³

Fala no papel que esta quinta tem representado na “*Camélia-cultura portuguesa*”¹⁰⁴, e em alguns exemplares de “dimensões mastodontianas”¹⁰⁵, como a ‘Alba Plena’ e a ‘Paeoniiflora Rubra’. Apresenta seguidamente uma lista de 35 camélias lá obtidas, descrevendo em pormenor a ‘Marquez da Fronteira’, a ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’ (de semente) e a ‘Dona Carlota de Barros Van-Zeller’. Os visitantes — uma nova geração de “*Catapereiros*” — depararam com uma camélia branca e amarela que lhes chamou a atenção e a que chamaram ‘Jasmim’.

“Marques Loureiro (...) aferrou as lunetas ao nariz e, depois de sorver uma pitada de meio grosso, mirou e remirou a *Camélia Jasmim*. (...) O que sabemos é que, depois de pensar um bom pedaço, o vimos atirar-se à pobre *Camélia*, como S. Tiago aos mouros, e cortar-lhe mais de 50 estacas. Parecia um rachador de lenha a prevenir-se para as inclemências do Inverno.

O bom do Cristiano van Zeller ainda teve a ingenuidade de inquirir com curiosidade:

— Para que quer você isso, Loureiro?

— Para fazer amanhã uma fornada na estufa. Estes *grandes entendedores* pretendem que é muito linda... Histórias da carocha... vão lá compreendê-los... — respondeu-lhe o horticultor portuense, mastigando muito as palavras. (...)



Fig. 101 *C. japonica* ‘Jasmim’.



Fig. 102 *C. japonica* ‘Luiz Van-Zeller’.

Na ocasião em que lá estivemos, um dos nossos amigos da excursão, ao passar por entre os renques de *Camélias*, deparou com um aborto de peregrina formosura. Era uma flor simples, vermelho-fogo, sendo as suas amplas pétalas pinceladas de branco puro.

Aquilo não era uma *Camélia*; era uma *Tulipa*. (...)

Marques Loureiro, até sem as lunetas, bradou:

— Bravo! Bravíssimo! Isto sim!

E aí volta a questão do baptismo.”¹⁰⁶

Depois de várias sugestões e hesitações, concordaram que se iria chamar ‘Luiz Van-Zeller’, o nome do filho mais novo de Cristiano van Zeller, que os acompanhava, e que “ficou metido num sino por ter uma camélia com o seu nome a figurar em letra redonda”¹⁰⁷.

A Duarte de Oliveira devemos o registo no *Jornal de Horticultura Prática* de muito do que se ia passando no Porto no último quartel de 1800, uma memória do viver e sentir dessa época. Nas suas crónicas mensais e em vários artigos, Duarte de Oliveira, com a sua escrita leve, irónica, elegante e divertida, retrata uma sociedade em grande desenvolvimento, desejosa de adquirir novos conhecimentos, em simultâneo com uma crítica subtil e mordaz ao que de mal se vai fazendo na

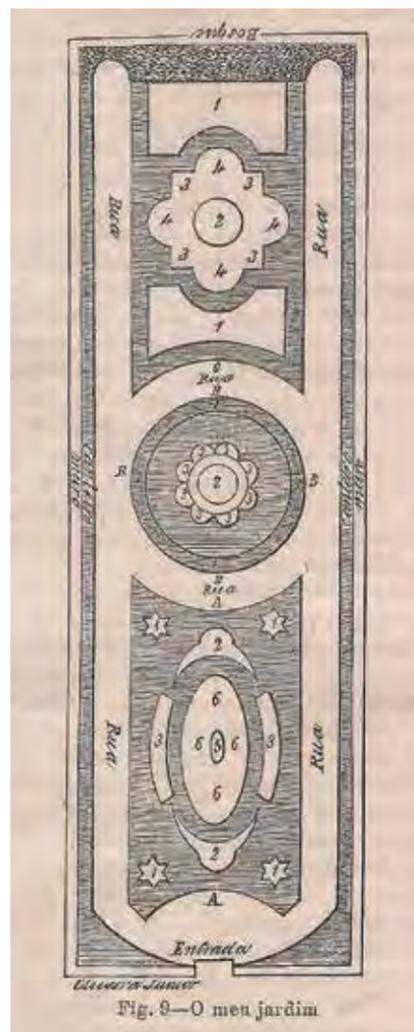


Fig. 103 “O meu jardim”, concebido e desenhado por Duarte de Oliveira.

Sua época, tal como com o desleixo ou falta de conhecimento com que eram tratados os espaços públicos. Em 1873 publica uma carta de António Luís de Abreu, em que este se indigna com a “barbaridade e vandalismo no decote a que ultimamente se procedeu”¹⁰⁸ nas árvores da Alameda de Nossa Senhora da Lapa. Dois anos mais tarde insurge-se, veementemente, contra as podas arrepiantes feitas pelos jardineiros municipais: “Ó santos da corte do céu, acudi-nos! Ó sociedades protectoras dos animais e das plantas, vinde aqui protestar contra as barbaridades do podão municipal. Àquele maldito podão nada lhe escapa! (...) O podão municipal não respeita nada; o podão municipal é furibundo; o podão municipal é sacrílego.”¹⁰⁹

Colaborava em todos os acontecimentos hortícolas, inclusive as exposições no Palácio de Cristal. Foi uma pessoa multifacetada, sócio correspondente da Real Sociedade de Agricultura e Botânica de Gand, da qual foi mais tarde nomeado sócio honorário, e da Associação de Arboricultura da Bélgica. Foi ainda júri em exposições estrangeiras, sócio honorário da

Sociedade do Palácio de Cristal Portuense, colaborador em revistas estrangeiras, etc., etc. Escreveu dedicatórias a personalidades que se evidenciaram na horticultura em Portugal e no estrangeiro, como o Dr. Bernardino António Gomes, F. Rodigas, o visconde de Vilarinho de S. Romão, o barão de Castelo de Paiva, o conselheiro Camilo Aureliano, Louis van Houtte e outros.



Fig. 104 Estufa de D. Luís I no Jardim Botânico da Ajuda.

Não se limitou a escrever, chegou inclusive a desenhar um plano do seu jardim em 1874¹¹⁰ com indicações das plantas para cada local, ao qual o seu amigo Luís de Mello Breyner (prestes a ser nomeado director do Jardim Botânico da Ajuda pelo rei D. Luís) responde, dedicando-lhe um artigo chamado «A Minha Estufa», e que acaba transcrevendo estes versos inscritos na parede da “sua” estufa:

“Se há céu na terra,
Se ventura há nela,
É a vida entre as flores”.¹¹¹



Fig. 105 A árvore da Cordoaria.

Foi ele quem projectou e mandou construir em 1879 a estufa de D. Luís, grande apaixonado por orquídeas. Sobre Luís de Mello Breyner escreve o conde de Mafra, seu primo direito, no segundo volume das suas *Memórias*: “O director dos jardins reais, a quem por brincadeira chamavam o *jardineiro-mor*”.¹¹²

Em 1875, referindo-se aos jardins públicos do Porto, Duarte de Oliveira indigna-se pelo facto de a Câmara do Porto ter dado instruções aos guardas para só franquearem o Jardim da Cordoaria “às botas de polimento ou de duraque. Quer dizer que o legislador media as pessoas pelos pés.

Isto é repugnante numa cidade em que vemos tremular o pavilhão da liberdade, e já tem dado motivo a alguns conflitos.”¹¹³

Elogia o visconde de Villar d’Allen por também defender estas mesmas ideias, recomendando que todos possam entrar nos jardins públicos.

Referindo-se ao venerável *Ulmus campestris*, a famosa árvore da Cordoaria, datada de 1611, onde alegadamente foram enforcados 34 portugueses que se tinham

insurgido contra o monopólio da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, imposto pelo marquês de Pombal, além de ser um monumento do Porto vítima de vendavais e incêndios, sugere que se lhe coloque ao lado uma lápide com a seguinte inscrição:

“ÁRVORE DA LIBERDADE
 Nasceu em 1611
 viu decapitar muitos inocentes
 e vive ainda,
 em fins do século XIX
 rodeada dos carinhos dum povo culto”¹¹⁴

Duarte de Oliveira também dá sugestões sobre a melhor forma de conservar as camélias. Na «Crónica Hortícola-Agrícola» de Janeiro de 1875 descreve o processo empregado por Mr. Gilbert para a conservação das camélias cortadas: “Corta em pedaços quadrados uma *Batata* grande e põe-nos todos juntos no fundo da caixa, e para os segurar prega umas ripasinhas nos sítios da junção dos quadrados de *Batatas*. Feito isto, resta colher as *Camélias*, aguçar-lhes os pés e enterrá-los nas *Batatas*.

Por este modo, diz Mr. Gilbert, tem feito remessas de flores que se conservam no seu natural estado de frescura por oito dias e mais.

Quem diria que as batatas servem para a conservação de flores! Sempre descobre coisas a imaginação humana!”¹¹⁵ Aqui fica uma receita a experimentar nas exposições de camélias!

Aconselha ainda utensílios de jardinagem, como por exemplo o colhedor Dubois. Trata-se de uma espécie de bengala de jardim com uma tesoura na extremidade e, no anel do cabo, uma pressão de vaivém que faz abrir e fechar a tesoura com pouco esforço. Quando se referiu a este instrumento pela primeira vez, escreveu: “Para que serve agora uma escada de jardim, se a gente, munida de um pauzinho — um bambu delgado e leve como um cigarro de Xabregas —, pode colher a *Camélia* da extremidade do ramo mais alto?”¹¹⁶ Passados dois anos mostra uma adaptação desse colhedor,

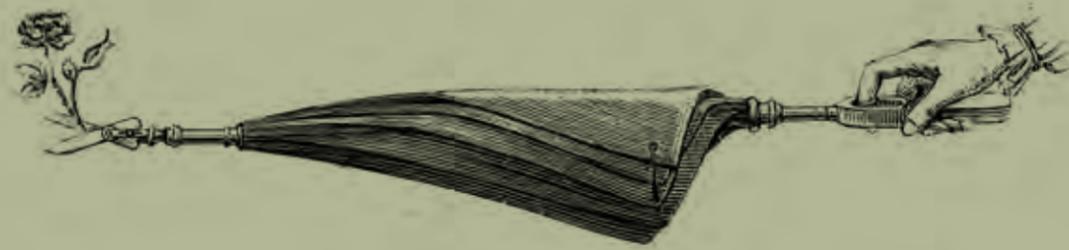


Fig. 106

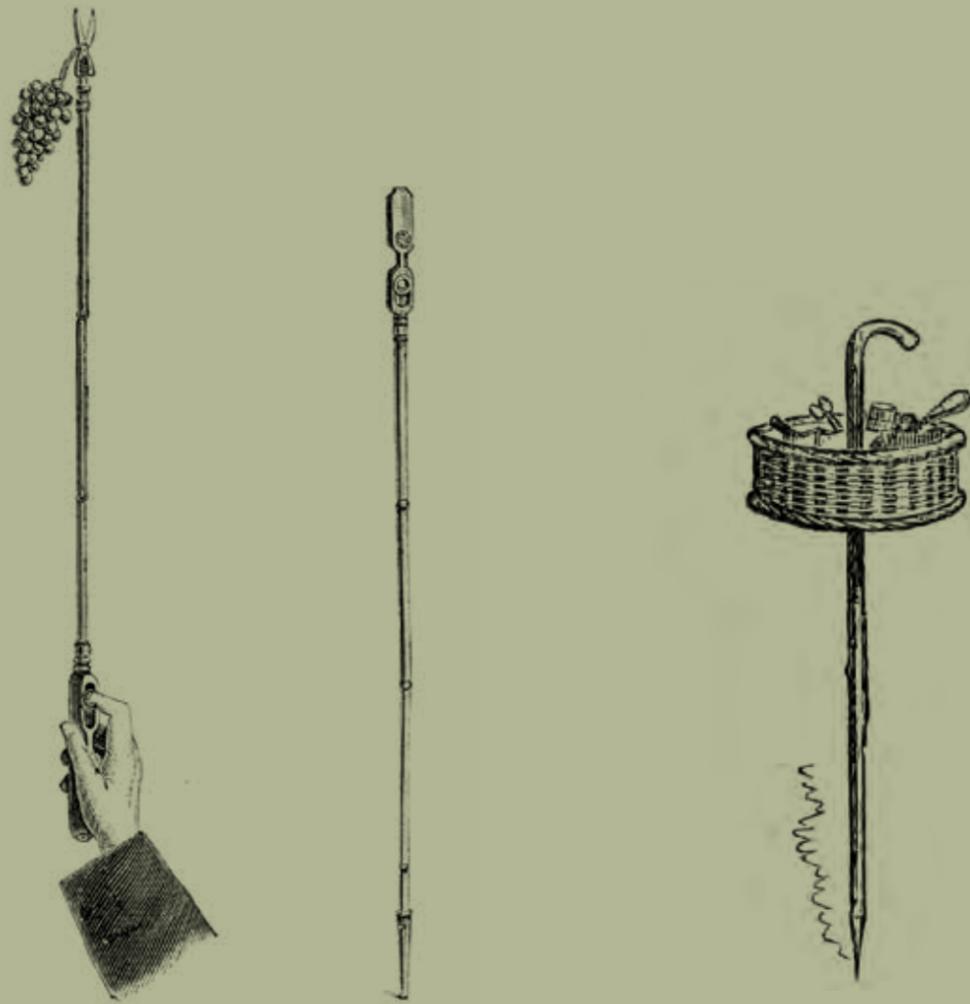


Fig. 107



Fig. 108

Fig. 106 Sombrinha e colhedor Dubois.

Fig. 107 Colhedor Dubois.

Fig. 108 Cesta para jardim.

“um dos instrumentos mais engenhosos que conhecemos para colher flores e frutos”¹¹⁷ a que foi acrescentado um elegante chapéu-de-sol.

Apresenta ainda outra sugestão para as senhoras — uma bengala munida de uma cestinha para levar os instrumentos de jardinagem.¹¹⁸

Também por ele temos notícia das visitas dos reis D. Fernando II e D. Luís ao estabelecimento de Loureiro, e das suas decorações florais no Palácio da Ajuda e no Porto durante as visitas reais e em Lisboa no casamento do rei D. Carlos.

Quanto aos ramilhetes de flores, diz: “Dos ramilheteiros do S. Carlos não falemos. Deviam ir todos para o Limoeiro. Aquilo é um sacrilégio... Confiar uma *Camélia* branca e pura, que simboliza a virgindade, da mão de um fadista do Bairro Alto! *Proh! pudor!*”¹¹⁹

Conta com muita graça a invasão de coelhos nos Jardins do Palácio de Cristal em 1885, motivo de um “*meeting* imponente”¹²⁰ para protestar contra esta praga! Põe as flores a falar, revoltadas pela devastação que lhes inflige este “ladino mamífero roedor”¹²¹. Uma hera convida o vizinho cipreste a acompanhá-la na revolta, “e grita com toda a força dos seus pulmões: Ou tiram daqui os coelhos, ou, com as minhas raízes, destruirei o Palácio!”¹²² Numa crónica seguinte aparece a carta imaginária de um gato que ia caçando os coelhos mais pequenos, e a direcção do Palácio resolve encarcerá-lo numa jaula!¹²³ O tempo ia passando, e... nada! A coelheira continuava a reinar. Finalmente, no ano seguinte, a direcção do Palácio ordenou a caça a todos os coelhos. “Em poucos dias alguns *sport-men* mataram mais de trinta coelhos! Parabéns, porque a célebre coelheira está em vias de desaparecer, graças ao bom senso do Sr. Eduardo José Alves, digno presidente da direcção do Palácio.”¹²⁴

A propósito da famosa Festa das Rosas realizada em 1891 na Quinta das Virtudes, escreve um artigo chamado «O Bijou da Festa das Rosas», suponho que sob o pseudónimo de Álvaro de Melo. Nele faz um elogio às rosas amarelas, entre elas a ‘*Maréchal Niel*’ de que tanto gostava, e que tinha surgido recentemente:



Fig. 109 Pavilhão da Festa das Rosas, no Horto das Virtudes.

“Eu quero-lhes falar de *Rosas* amarelas. Ah! Como elas são, às vezes, de um colorido tão amarelo, tão intensamente brilhante que até ofuscam os luminosos e incandescentes raios do sol! (...)

Mas de que epítetos desgraciosos foram muitas elas vítimas!

Quantos pretensiosos fim-de-século não as blasfemaram e como murmuravam delas as *bas-bleus** enraivecidas, talvez, pelo coquetismo com que as dotara a natureza que tão pouco favoreceu os seus anémicos rostos!

— *Rosas* amarelas! Horror! Não olhe, ó mana! Ui!...

Ai! Brado eu, furibundo, que se me arrepiam os cabelos só de ouvir tanto sacrilégio.”¹²⁵

* Do francês *bas-bleu*, ou seja, mulher pedante com pretensões literárias.



Fig. 110 *O Jardim na Sala*, por Duarte de Oliveira.

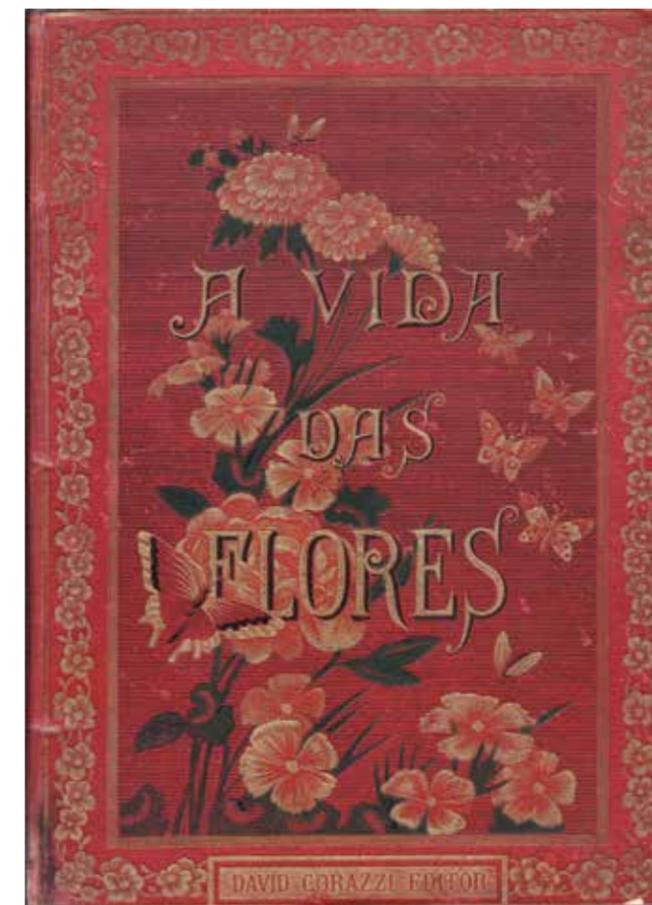


Fig. 111 Capa de *A Vida das Flores*, Volume I.

Além de ser o principal redactor e a alma do *Jornal de Horticultura Prática*, Duarte de Oliveira foi um escritor prolífico. Exerceu o cargo de director de alguns números do *Almanaque do Horticultor*, e foi autor de várias publicações, entre as quais: *O Jardim na Sala* (1876) — onde devaneia em louvores românticos às flores, e entre elas às camélias —, *O Campo e o Jardim* (1873) e *Dicionário das peras portuguesas* (1880), entre muitas outras. Era sócio correspondente de muitas sociedades agrícolas e hortícolas do estrangeiro, sendo vice-presidente geral do júri de horticultura da Exposição Universal de Bruxelas em 1880, com igual cargo nas várias exposições



Fig. 112 *A Vida das Flores* – Camélia.



Fig. 113 *Les Fleurs Animées* – Camélia.

hortícolas realizadas no Palácio de Cristal. Escreveu ainda várias comédias para o teatro. Foi na verdade uma pessoa multifacetada.

Dirigiu a tradução dos dois deliciosos volumes com ilustrações de *Les Fleurs Animées*, intitulada *A Vida das Flores*¹²⁶. Trata-se de uma obra de Alphonse Karr e Taxile Delord, um conjunto de histórias românticas e simbólicas em que as flores são personificadas, com ilustrações de vários autores muito características da época, cuja versão francesa original tem ilustrações de Jean-Jacques Grandville.¹²⁷

Foi proprietário de quintas no Douro. A sua mãe era de Murça, onde possuía terras, e foi o criador do famoso vinho Porca de Murça. Mais tarde, “dedicou-se especialmente ao estudo teórico e prático da vinha.”¹²⁸ Também é de referir a sua

acção no combate contra a filoxera e os seus estudos dos processos de luta contra a mesma, tendo publicado em 1872 o livro *Novo flagelo das vinhas – Phylloxera vastatrix*, e em 1874, *Algumas considerações sobre a nova moléstia das vinhas*. Foi membro da Liga Agrária do Norte e, juntamente com Cristiano van Zeller, Otto Burmester e os professores de agronomia D. Luís de Castro e Cincinato da Costa, organizou a visita ao Douro do professor Pierre Viala*.



Fig. 114 Dália ‘Duarte de Oliveira’.

Juntaram-se-lhes Fernando Guedes da Silva da Fonseca, Fernando van Zeller, João Guedes e um correspondente do jornal *O Comércio do Porto*, e visitaram várias quintas para avaliar os estragos da filoxera, entre as quais as quintas do Síbio e de Valdossa, de Duarte de Oliveira. Antes de partir para Lisboa, esta comitiva ainda visitou os seus viveiros de videiras da Quinta da Revolta, em Campanhã.¹²⁹

Marques Loureiro faz-lhe um rasgado elogio no último volume do *Jornal de Horticultura Prática* e, como reconhecimento por esta bela e longa amizade, baptizou com o seu nome não só a camélia ‘Duarte de Oliveira’ mas também uma begónia, um caládio e uma cana-da-Índia. F. Brassac homenageou-o com uma rosa, e com uma dália, que foi obtida por António Sousa Pires e dedicada a Duarte de Oliveira.

* Pierre Viala foi um especialista em patologia das vinhas, nomeadamente na luta contra a filoxera, director da *Revue d'Horticulture* e de muitas obras científicas.



11

Exposições de camélias no Palácio de Cristal — 1877, 1880, 1889 e 1891

As exposições de camélias no Palácio de Cristal eram um acontecimento muito do agrado do público, que acorria em grande número, embora fossem muito menos frequentes do que as exposições de rosas, que se realizavam quase todos os anos.

A primeira exposição em que as camélias foram predominantes, foi a Exposição Hortícola que se realizou a 10, 11 e 12 de Março de 1877. Segundo o jornal *O Comércio do Porto*¹³⁰ a exposição abriu às 3 em ponto, com a banda do Palácio a tocar um hino — o Hino de Flora — após o que se abriram as portas ao público. As camélias eram as rainhas da festa, mas é interessante notar que também estavam expostos rododendros, azáleas, jacintos, narcisos, calceolárias, amores-perfeitos, cinerárias, prímulas, ranúnculos e anémonas, várias plantas em miscelânea, plantas hortenses e

Fig. 115 Diploma atribuído ao visconde de Villar d'Allen, medalha de ouro, pelas camélias que apresentou na Exposição Hortícola de 1880.

Fig. 116 Diploma atribuído a Fernando van Zeller na Exposição de Rosas no Palácio de Cristal em 1899.

frutas. As senhoras aproveitavam para mostrar os seus dotes artísticos compondo cestos de flores, “ramilhetes”, *bouquets* (para dias festivos, para dias sepulcrais e ainda para abotoadura do casaco), *plateaux*, e até uma mesa de noivado decorada apenas com duas cores — branco e verde — feita pela Sra. D. Camila Katzenstein, e que ganhou o primeiro prémio. Diz Duarte de Oliveira: “À inteligência da Exma. Sra. D. Camilla Katzenstein era devida uma das obras mais artísticas deste género que temos visto. (...) fez um verdadeiro *tour de force*. Com duas cores apenas conseguiu fazer um trabalho que não era (...) monótono. Os diversos verdes mais ou menos carregados, consoante os efeitos que desejava obter, formavam o fundo de sobre o qual se destacavam as flores de um branco puro. Os *plateaux* eram feitos com peregrina elegância, e entre as flores notavam-se azáleas, *Spireas*, *Allium triquetum*, violetas brancas e outras flores de muito mimo. Tudo ali era leve e diáfano; minucioso, artístico — um verdadeiro *bijou*.”¹³¹ Entre as outras



Fig. 117 O Palácio de Cristal.

Fig. 118 Exposição de Rosas no Palácio de Cristal em 1879.

Fig. 117 O Palácio de Cristal.

Fig. 118 Exposição de Rosas no Palácio de Cristal em 1879.



Fig. 119 Medalha atribuída na Exposição de Rosas no Palácio de Cristal em 1900.

senhoras que expuseram, quase todas estrangeiras, encontravam-se Miss Reid, Miss Fladgate, Mrs. Alfred Tait, Miss Moller e Miss Ursinus. Com nomes portugueses são mencionadas D. Felismina Adelaide, D. Ernestina Batalha e D. Felismina Aires.

Quanto às camélias, apesar do tempo desfavorável, distinguiam-se as expostas por Marques Loureiro. No concurso n.º 4 (quinze camélias de primeira ordem de origem portuguesa) apresentou variedades de merecimento, entre as quais: ‘Camareira Mór’, ‘Edmond Goeze’, ‘Imbricata Rosea Portuensis’, ‘Perfeição de Villar’, ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’, ‘Duarte de Oliveira’, ‘Pomposa de Fiaes’, ‘José Marques Loureiro’, ‘Rainha Santa Isabel’ e outras. Foi o único concorrente, e o júri conferiu-lhe o primeiro prémio. No concurso n.º 5 (trinta camélias de primeira ordem) havia dois expositores, Loureiro e Diogo Gentil Gomes da Silva, ganhando este último o primeiro prémio. Duarte de Oliveira lamenta a fraca qualidade das camélias expostas por Loureiro no concurso n.º 6 (dez camélias nacionais ou estrangeiras melhor cultivadas e que apresentem maior número de flores), que estavam mal formadas e tinham poucas flores.

Nas camélias expostas por amadores, apenas concorreu o visconde de Villar d’Allen ao concurso n.º 33 (doze camélias de primeira ordem de origem portuguesa),



Fig. 120 Centro de mesa exposto por D. Luísa Moller na Exposição Hortícola de 1876 – 1.º prémio.

tendo ganho o primeiro prémio. Duarte de Oliveira elogia o visconde de Villar d'Allen e lamenta não ter anotado as cores e nomes para as poder descrever... Realmente é de lastimar, pois seria uma mais-valia para o nosso património de camélias portuguesas conhecer as camélias por ele obtidas.

No concurso n.º 34 (vinte camélias de primeira ordem de origem estrangeira), disputaram o prémio o Sr. Manuel de Sousa

Carqueja, o visconde de Villar d'Allen e o conselheiro Camilo Aureliano.

“Este último, porém, apresentou-se
Arm'd at all points, exactly, cap-à-pé”

e *en grand seigneur*. O Sr. Camilo Aureliano ofuscava todos os seus contendores. (...) não se limitou porém a apresentar as variedades de maior merecimento. Fez mais: apresentou-as no máximo estado de perfeição. Não havia uma pétala irregular ou uma mancha que prejudicasse a sua beleza. (...) No concurso n.º 35 (vinte e quatro *camélias* nacionais ou estrangeiras) ainda encontramos o Sr. conselheiro Camilo Aureliano com uma esplêndida colecção. As brancas eram realmente fascinadoras. O que haverá mais belo do que estas seis *camélias*:

* Nota da autora: da cabeça aos pés.



Fig. 121 Mesa de jantar apresentada por Miss Reid na mesma exposição – 1.º prémio.

Giardino Mazzarosa, Compacta alba, Centifolia alba, Contessa Calini, Dante e Paola Casanova? Estas seis flores eram uma verdadeira tentação.”¹³²

Duarte de Oliveira prossegue descrevendo os concursos de amores-perfeitos, cinerárias e outras flores. No segundo dia da exposição houve uma eleição de 20 camélias entre as apresentadas na exposição, mas as que ganharam eram todas estrangeiras.

E: “Ao som do *Hino das Exposições* fecharam-se no dia 12 de Março, pelas 6 horas da tarde, as portas d'esse vasto edifício que tanto enobrece o Porto e que se chama Palácio de Cristal. Estava encerrada a exposição, à qual não faltou um só cultor de flora.”¹³³ Neste mesmo ano e local realiza-se em Junho a Exposição Hortícola Internacional com a participação de destacados vultos no mundo hortícola europeu, como Jacob Weiss, Jean Nuytens Verschaffelt e Alexis Dallièrè (Gand), W. C. Boer (Amesterdão) e B. S. Williams (Londres), entre outros.

Além das espécies botânicas, exibiram-se os mais variados objectos, como mostras de madeira, utensílios agrícolas e de jardinagem, materiais para decoração de jardins, publicações ilustradas, publicações belgas, holandesas, inglesas, francesas e espanholas, herbários, “quadros herbários”¹³⁴, riscado de plantas para jardins, cromolitografias, fotografias (da autoria de Carlos Relvas e Henrique Nunes, entre as quais várias com camélias), miniaturas a óleo, faiança pintada, peças da Companhia Auríficia, e ainda pinturas a óleo de vários artistas, entre os quais Sousa Pinto e Henrique Pousão, e várias aguarelas.

O governo da Casa Real ofereceu o prémio de honra — um serviço de prata para chá — a José Marques Loureiro, por ter sido o horticultor que mais se distinguiu. A Câmara Municipal do Porto conferiu outro prémio de honra — uma urna de prata — a B. S. Williams, por ser o expositor estrangeiro que mais se distinguiu nesta exposição. Foram ainda oferecidas medalhas de prata a Jean Nuytens Verschaffelt, Alexis Dallièr e W. C. Boer, pelas importantes colecções de plantas que expuseram, e a Alfredo Allen, o amador que mais se distinguiu, pelas suas frutas e hortaliças.¹³⁵

Numa sessão da comissão encarregada das exposições no Palácio no ano seguinte, o visconde de Villar d’Allen propôs que houvesse todos os anos uma exposição permanente de camélias durante os meses de Fevereiro e Março, proposta que foi aprovada por maioria, mas que nunca se chegou a efectivar.

Sobre a segunda Exposição de Camélias, a 13, 14 e 13 de Março de 1880 no Palácio de Cristal, há no *Jornal de Horticultura Prática* um artigo de Joaquim de Melo e Faro que começa com a tão conhecida frase já referida: “Dizem os belgas que a sua cidade de Gand é a cidade das flores; e nós, os portugueses, podemos dizer que o Porto é a cidade das *Camélias*.”¹³⁶

Descreve então a exposição, com a nave central repleta com as flores trazidas pelos muitos concorrentes, horticultores e amadores, havendo também concursos para camélias em vaso. Em relação a flores cortadas, distinguiram-se as apresentadas pelos amadores António Nicolau d’Almeida, visconde da Silva Monteiro e sobretudo pelo visconde de Villar d’Allen.



Fig. 122 *C. japonica* 'Dr. Balthazar de Mello'.

Quanto a horticultores, distinguiram-se Gentil Gomes da Silva e Miguel Teixeira de Azevedo. Foi notada a ausência de José Marques Loureiro, que não concorreu. Joaquim de Melo e Faro nota com prazer que a floricultura tem progredido muito em Portugal, e muito especialmente no Porto, mas lamenta que nesse ano a qualidade das camélias expostas deixe a desejar. A exposição, segundo *O Comércio do Porto*, “notabiliza-se pelo grande número e variedade de camélias cortadas, dispostas, como é costume, em tabuleiros colocados em mesas, que se estendem por todo aquele vasto recinto. Nesta parte, o certame está muito mais concorrido e interessante do que o último realizado há dois anos.”¹³⁷

A terceira Exposição de Camélias no Palácio de Cristal só se realizou em 1889, nos dias 24, 25 e 26 de Março. Eduardo Sequeira, já então redactor do *Jornal de Horticultura Prática*, lamenta-se dizendo: “No Porto onde tantas camélias há, só de longe a longe, de anos a anos, é que se consegue realizar um certâmen deste género, e para o levar a cabo com certo êxito é preciso adicionar-lhe outras plantas e flores da ocasião. É triste mas é verdadeiro.”¹³⁸ Diz ainda que se não fossem as muitas plantas expostas e a bonita ornamentação feita pelo horto Loureiro, seria um grande fracasso. De facto, a maioria dos concursos correspondia a outras flores como cinerárias, primulas, jacintos, ciclamens e outras. Dos 23 concursos para horticultores, apenas cinco eram para camélias; no caso dos amadores, em cinco concursos, dois correspondiam a camélias. A camélia ‘Dr. Balthazar de Mello’ (concurso n.º 2: dois abortos de camélias, de qualquer procedência, fixados pelo garfo em Portugal), valeu um prémio de honra a Marques Loureiro.

Entre os horticultores, os outros candidatos eram a viúva de Zeferino Matos, a viúva de Gentil Gomes da Silva, (as únicas a receberem prémios por camélias), António Gomes da Silva, António Dias Ferreira e Miguel Teixeira de Azevedo, que também receberam vários prémios. Quanto aos amadores, distinguiram-se Manuel António Pereira (jardineiro do visconde de Villar d’Allen), Alfredo Tait e a baronesa do Seixo. Segundo *O Comércio do Porto*: “Todo o vasto recinto representa um formoso jardim arrelvado opulentado de maciços de camélias, de cinerárias, de primulas, de jacintos, de ciclamens, etc, bracejando de onde em onde os fetos corpulentos e as plantas de folhagem ornamental. Como que a dominar estas preciosidades da flora, vê-se uma altaneira *cyathea*, pertencente ao distinto horticultor, Sr. José Marques Loureiro, e que constitui o topo de um maciço formado por diversos fetos arbóreos, *cycas* e outras plantas (...). Quanto à disposição dos diferentes grupos e colecções e à beleza daquele distinto conjunto, cabem justíssimos louvores ao afamado horticultor e paisagista o Sr. Jerónimo Monteiro da Costa.”¹³⁹

Em 1891 teve lugar a quarta e última Exposição de Camélias no Palácio de Cristal do Porto no século XIX, a 23, 24 e 25 de Março. Segundo *O Comércio do Porto*¹⁴⁰, havia muito poucos expositores, devido a um Inverno muitíssimo frio e aos temporais e saraivadas

no princípio de Março. Entre os horticultores destacaram-se o Horto Loureiro e o da Viúva de Gentil Gomes da Silva, e entre os amadores António Bernardo Ferreira, com a sua bela colecção de camélias em vaso. Tal como na exposição anterior, além de camélias expuseram-se outras flores como antúrios, jacintos e orquídeas.

Eduardo Sequeira, redactor do *Jornal de Horticultura Prática*, escreveu:

“A *Real Companhia Hortícola* expôs duas novidades ainda não lançadas no mercado, uma, sementeira de Marques Loureiro, e a que este distinto horticultor deu o nome de *Independencia de Portugal*, e outra obtida pelo mesmo de um aborto da *Zoraide Vanzi* a que deu o nome de *Dr. Antonio Claro da Fonseca*.

A *Independencia de Portugal* tem a forma de ranúnculo e é de uma só cor-de-rosa vivíssima, com grandes pétalas como a *Regina dei giganti* de onde foi tirada a semente.

A *Dr. Antonio Claro da Fonseca* é uma verdadeira beleza. Flor imbricada, branca com pétalas cor-de-rosa. É de primeira ordem. O Sr. Marques Loureiro dedicou esta preciosidade a um dos seus mais queridos amigos e um dos nossos notáveis amadores o Exmo. Sr. Dr. António Claro da Fonseca, honra da nossa magistratura e que dedica todo o tempo que lhe sobra das suas canserosas lides oficiais ao cultivo do seu jardim, onde reúne opulentas colecções de todas as filhas da boa deusa Flora. Bem empregada a camélia.

O Sr. Henrique de Souza Braga expôs também uma camélia nova, por ele obtida de sementeira, a que deu o nome de D. Sophia Braga, e que é na verdade distinta. José Marques Loureiro descreveu-a assim: Forma rosa, cor branco puro com toques de amarelo no centro.

Afora estas brilhavam, expostas pela *Real Companhia Hortícola*, as seguintes camélias de grande e especial merecimento.

Camillo Aureliano, forma ranúnculo, cor rosa clara, maculada de branco.

Duarte de Oliveira, forma rosa, muito grande, escarlata vivo.

Dr. Balthazar de Mello, forma rosa, muito regular, branca com largas estrias carmim vivo; pétalas recortadas.

Horto Loureiro, forma ranúnculo, imbricada, cor rosa estriada e mosqueada de carmim.

Maria II, rainha de Portugal, forma ranúnculo, cor cereja, às vezes maculada de branco.



Fig. 123 *C. japonica* 'Camillo Aureliano'.

Fig. 124 *C. japonica* 'Horto Loureiro'.

Fig. 125 *C. japonica* 'D. Maria II,
Rainha de Portugal'.

Alexandre Herculano, forma rosa regular, cor cereja viva acarminada, estriada de branco.¹⁴¹
 Refere ainda camélias estrangeiras de primeira ordem expostas por Loureiro: 'Albino Botti', 'Elvira Bianchini', 'Festiva', 'Giardino Santarelli', 'Principessa Maria Pia', 'Mr. d'Offoy', 'General Cialdini', 'Vergine di Collebeato' e 'Mistress Alby Wilders'.

Aqui já se nota um menor interesse pelas camélias, suplantadas pelas orquídeas e sem dúvida pelas rosas. Em 1892 reuniram-se várias pessoas no Horto das Virtudes para falar sobre a recente Festa das Rosas e António José de Campos Porto, lamentando que não se realize anualmente uma exposição de camélias, escreve:

"A Itália foi o país que mais concorreu para a transformação da *Camellia japonica* em verdadeiras maravilhas, mas é certo que o Porto, o seu berço adoptivo, também



Fig. 126 *C. japonica* 'Vergine di Collebeato'.

tem dado importante contingente para o enriquecimento das colecções que os amadores cultivam com entusiasmo.

No registo dos obtentores de *Camélias* portuguesas encontram-se inscritos os nomes de Roberto van Zeller, conselheiro Camilo Aureliano, visconde de Villar d'Allen e Luís d'Albuquerque, e entre esta falange de beneméritos da horticultura fulguram Marques Loureiro, com numerosas variedades, destacando-se de todas a *Rainha Santa Izabel* (1865) e vinte anos depois o Dr. Aprígio Baltazar de Melo com a sua encantadora fimbriada, a *Dr. Balthazar de Mello*. (1885). Duas *Camélias*, juntas a muitas outras que fariam honra a qualquer país que as obtivesse.



Fig. 127 Palácio de Cristal – Miniatura a óleo sobre madeira, de Henrique Pousão.

Sendo, pois, o Porto a pátria de mais de cento e cinquenta variedades, e, além disso, a verdadeira região da *Camélia*, em Portugal, é justo que seja nesta cidade (...) que se lhe prestem as homenagens a que tem jus, como verdadeira rival da *Rosa*, e como incontestável *Rainha do Inverno*.¹⁴²

Seguidamente propõe que se realize em 1893 uma Festa das Camélias na Quinta das Virtudes, proposta aceite por unanimidade. Chegou a nomear-se uma comissão organizadora, mas infelizmente esta proposta nunca se veio a concretizar.

A seguir à exposição de 1891, só depois da lamentável destruição do Palácio de Cristal original, em 1951, e de um longuíssimo interregno de 93 anos, é que no Porto se volta a realizar, em 1984, uma Exposição de Camélias, no Mercado Ferreira Borges.



12

Outros horticultores de Oitocentos que se dedicaram às camélias

Além de José Marques Loureiro, também outros horticultores se dedicaram às camélias. Um deles foi o Pedro das Virtudes, ou seja, Pedro Rodrigues (1786-1884), que se devotou com paixão às camélias no seu viveiro da Rua dos Fogueteiros obtendo várias novidades, algumas das quais incluídas na lista de camélias do *Jardim Portuense*. Em 1815 tomou conta da Quinta das Virtudes e, em 1828, aí fundou um pequeno estabelecimento de horticultura. Foi um trabalhador muito honrado e sempre tratado com o maior carinho por Marques Loureiro. Joaquim de Melo e Faro recorda o Pedro das Virtudes na altura da sua morte, com 98 anos, nos seguintes termos: “Acompanhamos algumas vezes o velho Pedro nos seus passeios pelos jardins do estabelecimento e, falando-lhe dos seus tempos de trabalho e das suas queridas plantas,

Fig. 128 Catálogos de vários horticultores portuenses do século XIX.



Fig. 129 Horto das Virtudes.

como o “jardineiro de S. Lázaro”. Intervencionou vários jardins no Porto, como o da Prelada e o do Conde de Ferreira. No seu estabelecimento da Rua Formosa dedicou-se apaixonadamente à cultura das camélias, chegando a obter novas variedades, 12 das quais referidas no *Jardim Portuense*.

Teve três filhos. O mais velho chamava-se José Gomes de Macedo (1819-1881), cujo estabelecimento, na Rua de Gonçalo Cristóvão, foi frequentado por muitos entusiastas de horticultura, tais como Camilo Aureliano, a baronesa do Seixo e D. Camila de Faria. Desenhou vários parques e jardins entre os quais o do visconde de Proença Vieira, em Vilar do Paraíso, e o de Sacais. No fim da vida, sentindo que estava a ser ultrapassado por Loureiro, passou a viver mais como amador do que como comerciante.¹⁴⁴

Outro filho, Diogo Gentil Gomes da Silva, criou o seu estabelecimento por volta de 1860. Segundo Duarte de Oliveira: “Aí por 1860 aparecia o Gentil Gomes da

ele dizia-nos tristemente: Pouco me recordo já disso, porque sou um pobre velho de quase 100 anos, e decerto não estaria aqui, se não fossem os desvelos do meu José.”¹⁴³

Outro horticultor oitocentista foi João José Gomes (1796-1869), filho de Manuel Gomes de Macedo, jardineiro da Quinta da China. Este horticultor foi o primeiro jardineiro da Câmara do Porto. Traçou e plantou o jardim de S. Lázaro sendo conhecido



Fig. 130 Quinta da China.



Fig. 131 Jardim de S. Lázaro.

Silva que, como o Pedro [Pedro das Virtudes], era jardineiro, mas mais fura-vidas. Riscava jardins, mandava vir do estrangeiro fruteiras, flores, árvores, arbustos e uma infinidade de coisas que faziam sensação.”¹⁴⁵ Em 1866 recebeu o alvará de “Jardineiro Honorário da Casa Real” por mercê de D. Luís I. Também participava nas exposições do Palácio de Cristal, e era o principal rival de Marques Loureiro, que, como referido atrás, se insurgia contra as suas inexactidões.

Na exposição de 1877 o redactor do *Jornal de Horticultura Prática* faz-lhe um elogio: “No concurso n.º 5 [30 camélias de primeira ordem] os expositores eram dois — José Marques Loureiro & C.^a e Diogo Gentil Gomes da Silva. Foi este último que teve o primeiro prémio. O Sr. Gomes da Silva pertence aos horticultores da moderna geração e sabe que para conquistar um nome brilhante é mister trabalhar.”¹⁴⁶ Refere ainda as azáleas, begónias e cravos que expôs, e mais adiante os cinco primeiros prémios que obteve no mesmo ano, além de vários segundos prémios, na Exposição Hortícola Internacional. Na Exposição de Camélias de 1880 foi o horticultor colocado em primeiro lugar, premiado pelas suas camélias, portuguesas e estrangeiras, cortadas e em vaso.

Em 1889 muito provavelmente já teria morrido, pois aparece a viúva de Gentil Gomes da Silva como expositora de camélias e vencedora de vários prémios. Também há referência de que ela concorreu na Exposição de Camélias de 1891, em que obteve o primeiro prémio pelo melhor e mais variado grupo de camélias em flor, e o segundo prémio pelas 20 camélias de primeira ordem estrangeiras. “A Companhia Hortícola e a casa de horticultura da Viúva Gentil apresentaram abundância de flores em vaso, algumas flores cortadas e pequenas colecções de outras flores da estação e de plantas ornamentais.”¹⁴⁷

É provável que o seu nome seja Ana Marques da Silva, viúva de Gentil Gomes da Silva, cujo horto seria também propriedade de Gentil Gomes da Silva, como refere Teresa Portela Marques na sua tese de doutoramento, indicando que no *Almanaque do Horticultor* de 1883 o estabelecimento de Diogo Gentil Gomes da Silva estava sediado no mesmo local do horto de Ana Marques da Silva.¹⁴⁸

O filho mais novo, António Gomes da Silva, também horticultor, foi director dos jardins do Palácio de Cristal. Duarte de Oliveira refere-o em termos elogiosos: “Tivemos ocasião de visitar o estabelecimento hortícola do Sr. António Gomes da Silva, director dos jardins do Palácio de Cristal, e nele observamos grande número de plantas ultimamente importadas da Inglaterra e da Bélgica. Recomendamos este estabelecimento, que se vai engrandecendo pouco e pouco e que virá a ser um dos primeiros do Porto.”¹⁴⁹ No entanto, António Gomes da Silva já concorreu na exposição de 1877 como amador, e também em 1880, em que se distinguiu no concurso de plantas de folhagem ornamental e de primulas, tendo por essa altura já desistido do comércio de plantas.

António José de Campos Porto foi um horticultor de Lisboa com estabelecimento na Rua do Salitre de quem pouco se conseguiu averiguar. Colaborou no *Jornal de Horticultura Prática* e era grande entusiasta de camélias. Defendia a possibilidade de cultivar camélias em Lisboa, referindo que aí exigem maiores cuidados do que no Porto. Numa reunião no estabelecimento de Marques Loureiro, lamenta que não haja todos os anos exposições de camélias no Porto “a pátria de mais de cento e cinquenta variedades” e propõe a realização de uma exposição de camélias na Quinta das Virtudes.¹⁵⁰



Fig. 132 Jacinto de Matos.

Outro apaixonado por camélias foi Jacinto de Matos (1864-1948), filho de Zeferino de Matos, que fundou o seu estabelecimento na Rua da Boavista em 1870. A sua mãe, viúva Zeferino de Matos, ou viúva Zeferino, como era carinhosamente chamada, continuou a obra do seu marido. Participou na Exposição de Camélias de 1880, e também na de 1889, em que obteve vários prémios pelas camélias apresentadas.¹⁵¹

Ainda há notícia da sua participação na Exposição de Rosas no Palácio de Cristal em 1896, em que se distinguiu com vários primeiros prémios.¹⁵²

Jacinto de Matos adquiriu novos conhecimentos sobre a arte de criar jardins durante as suas estadias em vários estabelecimentos hortícolas na Bélgica, França e outros países europeus, sendo entre nós o inovador do jardim rural e campestre. Em França, comprou num alfarrabista os quatro volumes da *Nouvelle Iconographie des Camélias*, de Verschaffelt. Aí identificou 194 camélias entre as que possuía ou conhecia. A sua ambição era conseguir para a sua colecção de camélias os exemplares que não tinha... Mais tarde, depois de gastar muito dinheiro em viagens, e tempo a tentar adquirir as variedades que não constavam na sua colecção, ficou desiludido ao constatar que algumas já estavam extintas.¹⁵³ Organizou e participou em muitas exposições, não só em Portugal como também na Galiza.

Apesar de muito delapidada, transformada e em grande parte desaparecida, ainda se pode ver alguma da sua prolífica e extensa obra de jardinagem, espalhada do Minho ao Alentejo e na Galiza em diversos estilos, desde os jardins formais “de feição antigo” dos séculos XVII e XVIII aos modelos românticos, naturalistas e pitorescos,



Fig. 133 Palácio da Brejoeira em Monção.

Fig. 134 Parque de D. Casimiro Gomez em Pontevedra.

e ao estilo *arts and crafts*, de características mais rectilíneas. Um anúncio no Anuário Comercial do Porto de 1946 refere que Jacinto de Matos tinha construído 50 jardins públicos e mais de 650 jardins e parques particulares!¹⁵⁴

Dos seis catálogos de Jacinto de Matos a que tive acesso, o primeiro é o N.º 14, de 1900, onde constam 543 camélias *japonica*, das quais 76 são portuguesas. Entre estas, eis algumas provavelmente obtidas por ele: ‘Alvaro de Castellões’, ‘D. Angelica Santos’, ‘Dias Ferreira’, ‘Dr. Claro da Fonseca’, ‘Glória do Porto’, ‘J.S. Neves’ e ‘Silva Porto’; o seu Catálogo N.º 20, de 1904, inclui várias fotografias de parques e jardins executados por ele entre 1898 e 1902, além de algumas ilustrações, e outra nova camélia *japonica* — a ‘Manoel de Souza Carqueja’; o Catálogo N.º 28, de 1910, é um catálogo lindíssimo e de excelente qualidade, com 304 páginas, muitas fotografias e estampas — mas as camélias já são “apenas” 293. Nele refere “tenho grandes viveiros dentro da cidade, que ocupam alguns hectares de terreno, onde possuo numerosas colecções e cultivo em grande escala todas as árvores e arbustos próprios para a plantação de PARQUES, POMARES E JARDINS.”¹⁵⁵

Estes viveiros situavam-se sobretudo na Quinta de Salgueiros, no Porto, mas também em Vila Nova de Gaia. Os catálogos de Jacinto de Matos são de excelente qualidade, revelando grande sensibilidade estética, com várias ilustrações e belas fotografias de jardins por ele desenhados, além de uma extensa lista de

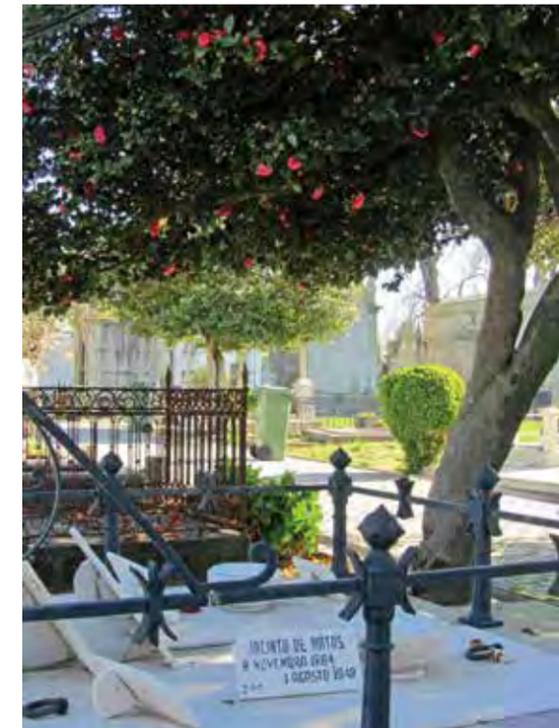


Fig. 135 Jazigo da família de Jacinto de Matos no cemitério de Agramonte.



Fig. 136 Catálogo N.º 4 de Costa & Costa, 1889.

camélias. Está sepultado no cemitério de Agramonte, protegido por uma das suas queridas camélias.¹⁵⁶

Em 1898 morre José Marques Loureiro, e com ele a época de esplendor do Horto das Virtudes. Em 1890 tinha feito sociedade com Jerónimo Monteiro da Costa (1855?-1938), outro horticultor e paisagista de grande mérito.

Jerónimo Monteiro da Costa trabalhou no horto de Loureiro até 1880, e aí terá provavelmente conhecido Emílio David e Edmond Knott, com quem é possível que tenha aprendido a arte de desenhar jardins. Em 1880 passou a ser jardineiro chefe dos jardins e estabelecimento hortícola do Palácio de Cristal Portuense. Deve ter fundado o seu estabelecimento, Costa & Costa, depois de ter saído do horto de Loureiro.

Este estabelecimento evidenciou-se sobretudo na horticultura ornamental, tendo recebido vários prémios nas exposições a que concorreu.¹⁵⁷

Conhecemos apenas um catálogo do seu estabelecimento, o N.º 4, de 1889-1890, em que Jerónimo Monteiro da Costa se intitula “Horticultor e Jardineiro Paisagista”, com uma lista de 315 camélias, das quais 38 de origem portuguesa, entre as quais duas novidades: a ‘D. Clara Lima’ e a ‘Joaquim Pinto’.

Em 1890 funda com Marques Loureiro a Real Companhia Hortícola-Agrícola do Porto, sucessora do Real Estabelecimento Hortícola de José Marques Loureiro. Esta fusão dos dois estabelecimentos foi uma iniciativa muito feliz, pois enquanto que Loureiro tinha muitos conhecimentos, contactos importantes, mão-de-obra e um viveiro com uma vastíssima quantidade e variedade de plantas, Jerónimo Monteiro



Fig. 137 Planta do Horto das Virtudes, 1914.

Câmara Municipal do Porto, cargo que exerceu até 1910, projectando muitos jardins, entre os quais o Jardim do Passeio Alegre, o Jardim do Carregal, a rotunda da Boavista (Praça Mouzinho de Albuquerque), a Praça do Marquês de Pombal e o Jardim da Arca d'Água. Entre 1893 e 1906 foi editor do *Jornal Hortícola-Agrícola*, sucessor do *Jornal de Horticultura Prática*.¹⁵⁸ O seu nome como director aparece nos catálogos da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense até 1909, sendo substituído até 1911 por seu filho José. Em 1911, com a queda da monarquia, o estabelecimento passa a denominar-se Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, SARL, sendo também conhecido como Companhia Hortícola – Quinta das Virtudes. Os catálogos deixam de mencionar o nome do director. Na década de 1950, passou a ter como logotipo o simbólico trevo de quatro folhas. Os catálogos incluíam apenas cerca de 30 camélias. A companhia foi extinta em 1974.

da Costa, muitas vezes ajudado por seu filho José, especializou-se mais na arte de criar jardins, tendo um papel fulcral na criação, ou reconversão, de quase todos os jardins e praças do Porto. Também foi o principal organizador e decorador de várias exposições do Palácio de Cristal, pelo que obteve muitos e merecidos prémios.

No ano anterior, 1889, passa a desempenhar também o cargo de chefe da divisão de jardins da



Fig. 138 Alfredo Moreira da Silva.



Fig. 139 *C. japonica* 'Alfredo Moreira da Silva'.

O último grande horticultor oitocentista entusiasta de camélias foi Alfredo Moreira da Silva (1859-1932), que iniciou a sua carreira em 1872 como jardineiro na Quinta do Salabert, actualmente Jardim Botânico do Porto. Daqui passou para o Horto das Virtudes, onde ficou até 1895. Funda nesse ano o seu próprio estabelecimento na Rua

da Carvalhosa, transferindo-se três anos depois para a Rua do Triunfo n.º 5, em frente do Palácio dos Carrancas, actual Museu Nacional de Soares dos Reis.

Participou em dezenas de exposições de agricultura, de flores e de frutos onde obteve mercedos prémios, tanto no Porto como em Lisboa, sendo a sua divisa: “Plantai as nossas árvores e colhereis os melhores frutos”¹⁵⁹. A Quinta do Salabert foi comprada em 1895 por João Henrique e Jane Andresen, passando a chamar-se Quinta do Campo Alegre. Moreira da Silva ia lá muitas vezes mostrar a Jane Andresen as suas novas criações. A sua predilecção eram as rosas — era chamado “O Alfredo das Rosas” — e também as camélias, tendo criado em 1896 a camélia ‘Dona Jane Andresen’. Já no século xx, o seu filho Joaquim criou uma bonita camélia baptizada com o seu nome, ‘Alfredo Moreira da Silva’.



Fig. 140 Mário da Cunha Mota.

Em 1912 o “Novo Estabelecimento de Horticultura e Jardinagem de Alfredo Moreira da Silva” passou a denominar-se “Alfredo Moreira da Silva & Filhos”, tendo como continuadores e grandes auxiliares os seus filhos Albano, João e Joaquim. Este último foi o criador da camélia ‘Alfredo Moreira da Silva’, dedicada a seu pai, e ainda de várias outras, já no século xx. Este estabelecimento tinha viveiros em Grijó e na Quinta da Revolta, em Campanhã.

Nascido no século XIX, mas exercendo a sua actividade de viveirista já no século xx, por volta de 1910, Mário da Cunha Mota (1885-1964) especializou-se na propagação de espécies frutícolas e ornamentais, e na produção de flores ao ar livre. Teve o seu viveiro na região da Anadia, passando depois para Gaia e finalmente para o Porto, na Rua de Nova Sintra, n.º 38. Em 1930 o viveiro foi transferido para os Carvalhos. Tinha uma pequena colecção de cerca de 90 variedades de camélias, que propagava por enxertia.¹⁶⁰

O seu Catálogo Geral N.º 3, (1919), é de grande qualidade e tem cerca de 300 páginas. Refere que a sua colecção “compõe-se das melhores e mais belas variedades.”¹⁶¹, e entre as 89 camélias (japoneiras) incluídas neste catálogo, cinco são portuguesas. O estabelecimento de Mário Mota ganhou vários prémios e diplomas de honra em exposições de rosas e crisântemos no Palácio de Cristal e outros locais.



13

As camélias de Oitocentos e os seus entusiastas

Mais atrás referi que as camélias oitocentistas portuenses eram também o reflexo de uma época. Uma época em que as pessoas com mais posses e cultura se interessavam pela natureza, pelo desconhecido e pelo exótico. Viajavam pela Europa e pelo mundo e queriam adquirir as novidades que os atraíam. E simultaneamente protagonizar as modas e hábitos do mundo elegante. A horticultura e a jardinagem eram parte integrante da cultura portuense.

Depois das invasões francesas e das lutas liberais, Portugal passou por um período de más condições económicas, não só com a população mais reduzida devido às guerras e confrontos, mas também em estado de grande pobreza. O crescimento económico e a estabilidade política só vieram a acontecer com a Regeneração, a partir de 1851, com Fontes Pereira de Melo. Surge uma nova classe

Fig. 141 *C. japonica* 'Incarnata', ou 'Lady Hume's Blush', de origem chinesa, à qual foi dado o nome português de 'Camurça'. É uma das antigas camélias clássicas, muito apreciada em Portugal pelos entusiastas de horticultura.



Fig. 142 Luís A. Pereira da Silva, fundador do *Jardim Portuense*.

média endinheirada, rural e burguesa, que constrói as suas casas de campo ou de recreio, criando jardins para onde procura obter plantas exóticas e outras até então desconhecidas. Com a revolução industrial, a Europa também se encontra numa fase de prosperidade, e as exportações portuguesas recuperam grandemente, sobretudo a exportação de vinho do Porto. Os portugueses começam a viver num país mais cultivado e mais próspero.¹⁶² Esta foi simultaneamente uma época de culto pelas flores e pela horticultura. No Norte do país muitas pessoas emigraram, sobretudo para o Brasil, onde criavam fortunas, enviando dinheiro para as suas famílias. Quando regressavam, construíam casas apalaçadas, onde gostavam não

só de ostentar a sua riqueza, mas também de se destacar como beneméritos das instituições sociais. Estas pessoas com grandes posses eram os principais clientes dos estabelecimentos de horticultura, que assim podiam prosperar e encomendar as últimas novidades.

Além de Duarte de Oliveira, de quem já falei anteriormente, houve um grande número de portuenses entusiastas da horticultura e das camélias, como Luís António Pereira da Silva, Camilo Aureliano, Roberto van Zeller, o visconde de Villar d'Allen, o conde da Silva Monteiro, José da Silva Monteiro, Joaquim de Mello e Faro, Cristiano van Zeller, Joaquim Casimiro Barbosa, Eduardo Sequeira e Jane Andresen, que muito contribuíram para aumentar o interesse pelas camélias e pela horticultura em geral.

Luís António Pereira da Silva (1808-1862), professor de fisiologia na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, foi o fundador, director e principal redactor do mais antigo periódico de horticultura português, o *Jardim Portuense*, onde pela primeira vez é apresentada uma lista de 38 camélias portuenses, além de uma extensa lista de camélias existentes para venda nos estabelecimentos hortícolas de Hamburgo, e que se podiam encomendar.

Foi um dos promotores da Sociedade Hortícola-Agrícola do Porto, que não chegou a existir, e participou activamente na Sociedade Agrícola Portuense, dando um grande contributo para o progresso da horticultura em Portugal. Como disse Duarte de Oliveira, “contribuiu imensamente para que se desbravasse o terreno onde hoje se está vendo germinar excelente messe e frutear abundantes frutos.”¹⁶³

O conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa (1809-1893) nasceu na ilha das Flores, nos Açores, e veio ainda em criança para o continente. Formou-se na Universidade de Coimbra, exercendo depois importantes cargos no Porto. Foi juiz da Relação do Porto, tendo-se reformado em 1878 por razões de saúde. Envolveu-se na política, seguidor do partido cartista, colaborando com seus primos, o visconde de Seabra e o barão de Mogofores. Quando o país começou a estabilizar “depôs as armas e empunhou a pena.”¹⁶⁴ Escreveu várias peças para teatro, ensaios, um poema épico-burlesco de crítica aos grandes abusos que se praticavam na alfândega do Porto, o Código Civil Português (o chamado “Código Aureliano”) e ainda *A Cultura das Árvores Frutíferas*.

Foi um amigo dedicado de Loureiro e colaborou assiduamente no *Jornal de Horticultura Prática*, como atrás referido. Passou então a dedicar-se à horticultura. Vivia na Quinta do Pinheiro, uma vasta propriedade situada entre a Rua dos Mártires da Liberdade e as traseiras dos prédios da Rua do Almada, onde tinha uma colecção de quase 500 variedades de camélias portuguesas e estrangeiras, e um grande pomar de árvores de fruto.¹⁶⁵ Junto da casa tinha uma estufa com colecções de begónias, fetos, gloxínias, ciclomens e muitas outras plantas, onde fazia ensaios de *placage* das camélias. No seu artigo «A Minha Estufa», conta-nos: “Com o meu pequeno regador na mão, cheio de água temperada pelo sol,



Fig. 143 Conselheiro Camilo Aureliano.

no Verão, e no Inverno amornada com água quente, começo por visitar as minhas *Begónias*¹⁶⁶. A sua colecção de dálias também era famosa. F. Pellereau desenhou, no então chamado “horto Camillo Aureliano”, uma gloxínia com o nome da mulher do conselheiro, Maria Maximina.

Um dia, ao sair da missa com a família, visitou o horto de José Marques Loureiro, de quem já tinha ouvido os maiores elogios por parte dos seus amigos Aloísio de Seabra e Roberto van Zeller. Comprou uma *Araucaria excelsa*, pedindo-lhe para no dia seguinte vir assistir à sua plantação na Quinta do Pinheiro. Foi o início de várias visitas e de uma grande amizade. A Exposição Internacional no Palácio de Cristal já estava anunciada, e Camilo Aureliano disse a Loureiro que era indispensável que participasse. Quando no estrangeiro anunciavam plantas novas, Camilo Aureliano instigava Loureiro a mandá-las vir, e assim se ia enriquecendo pouco a pouco o Horto das Virtudes. Para os dois, o objectivo comum era dotar Portugal com tudo o que de mais notável houvesse no reino de “Flora e Pomona”¹⁶⁷. “Marques Loureiro completava a obra de Camilo Aureliano: este era o espírito e o outro a alma executante.”¹⁶⁸ Entre 1876 e 1878 foi presidente da comissão reguladora das exposições hortícolas do Palácio de Cristal. Segundo Duarte de Oliveira, conhecia quase todas as variedades de camélia, e distinguia algumas só pela folha!¹⁶⁹

Outro grande entusiasta da horticultura e das camélias foi Roberto van Zeller (1815-1868) que, juntamente com Camilo Aureliano, Aloísio Seabra e Duarte de Oliveira, muito incentivou Marques Loureiro a aumentar as potencialidades do

no Verão, e no Inverno amornada com água quente, começo por visitar as minhas *Begónias*¹⁶⁶. A sua colecção de dálias também era famosa. F. Pellereau desenhou, no então chamado “horto Camillo Aureliano”, uma gloxínia com o nome da mulher do conselheiro, Maria Maximina.

Um dia, ao sair da missa com a família, visitou o horto de José Marques Loureiro, de quem já tinha ouvido os maiores elogios por parte dos seus amigos Aloísio de Seabra e Roberto van Zeller. Comprou uma *Araucaria excelsa*, pedindo-lhe para no dia seguinte vir assistir à sua plantação na Quinta



Fig. 3—Dahlia Camillo Aureliano

Fig. 144 *C. japonica* ‘Camilo Aureliano’.

Fig. 145 Dália ‘Camilo Aureliano’.

Fig. 146 Gloxínia ‘D. Maria Maximina’.

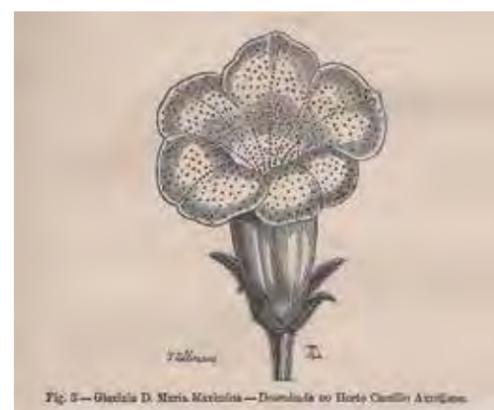


Fig. 3—Gloxínia D. Maria Maximina—Desenhada no Horto Camillo Aureliano.

seu estabelecimento. Encomendava plantas do estrangeiro, não só camélias, mas também eucaliptos, como o monumental *Eucalyptus obliqua*, provavelmente vindo da Madeira em 1848, e que ainda hoje se pode ver na Quinta

de Fiães. Promovia e colaborava nas exposições agrícolas do seu tempo, e foi fundador da Associação Agrícola Distrital. Era de opinião que a agricultura era um factor-chave para a prosperidade de Portugal. Foi o primeiro presidente da Sociedade Agrícola do Porto (cujo presidente honorário era o rei D. Pedro V), e organizou a primeira Exposição Agrícola do Porto em 1857. Esta exposição realizou-se no Campo da Torre da Marca e na quinta que com ele confrontava — a Quinta do Sacramento, ou Quinta da Macieirinha. Nesta exposição recebeu, juntamente com Alfredo Allen e o barão de Forrester, o prémio de honra do Grande Conselho da



Fig. 147 Roberto van Zeller.

Fig. 148 *C. japonica* 'Roberto Van-Zeller'.

Exposição, não só pela qualidade dos produtos expostos, mas também pelos serviços relevantes prestados à horticultura, e ainda pela forma distinta como a ela concorreu.

No artigo «Fiães, Éden das Camélias» do *Jornal de Horticultura Prática*, Duarte de Oliveira, sob o pseudónimo de A. d'Almeida, refere-se a Roberto van Zeller nos seguintes termos:

“Um abastado de primorosa educação (...) mas sem pretensões balofas (...). A agricultura era o seu ideal (...) figurava sempre na pequenina plêiade de homens entusiasmados do seu tempo, conhecidos familiarmente pela designação pitoresca de *Catapereiros*.

Foi em grande parte devido a ele que em Julho de 1857 se realizou, nos antigos campos da Torre da Marca, a primeira e uma das mais brilhantes exposições agrícolas do Porto (...).

A Quinta de Fiães [em Avintes] era o seu encanto e o seu campo de experiências agrícolas: aí plantou as melhores *Camélias* então conhecidas. Essas *Camélias* cresceram pouco a pouco, tornando-se algumas em árvores frondosas. Começaram a

frutificar e as sementes, caídas naquele ubérrimo solo, germinaram produzindo novas variedades.

Foi assim que de Fiães saíram numerosas *Camélias* de merecimento, e, alguns exemplares que ainda lá existem têm dimensões mastodontianas.

(...) As *Camélias* reproduzem-se aos milhares sem o concurso da arte.”¹⁷⁰

Em Fiães, onde existiam algumas das primeiras camélias importadas da Europa, Roberto van Zeller dedicava-se à reprodução de novas variedades, obtidas de semente ou espontaneamente. Uma das primeiras camélias portuguesas, a ‘*Picturata Plena Portuensis*’, foi lá obtida, seguida de muitas outras — basta ver a lista incluída no artigo de Duarte de Oliveira acima mencionado. Como era uma pessoa muito culta, baptizava as camélias por ele obtidas com nomes de figuras da mitologia clássica, daí por exemplo os nomes de musas como Calíope, Terpsicore, Melpómene e Euterpe. Outras das camélias de Fiães foram baptizadas por Loureiro, que recolhia estacas para reproduzir e comercializar.

No Catálogo N.º 5, de 1868, Loureiro insurge-se várias vezes contra o abuso do seu rival Gentil Gomes da Silva que, erradamente ou mesmo sem as possuir, apresentava nos seus catálogos camélias portuguesas obtidas no horto de Loureiro. Relativamente à camélia ‘*Eximia Alba*’ apresentada por Gentil Gomes da Silva, acrescenta a seguinte nota: “O Sr. Gentil apresenta esta camélia no seu catálogo com a mesma descrição, roubando-lhe o parêntesis (Fiaes). Para castigar o seu arrojo, declaramos que esta camélia foi obtida de semente pelo muito chorado e distinto amador o Exmo. Roberto van Zeller, na sua quinta de Avintes, denominada de *Fiães* (...). Asseveramos que a não tem o Sr. Gentil e que mesmo não a conhece.”¹⁷¹ Como já referido, Loureiro trazia garfos de variedades obtidas em Fiães, e depois enxertava-os em estufa.

Tinha grandes amigos e admiradores, e a sua morte, com apenas 53 anos, foi muito sentida. Um destes amigos foi Camilo Aureliano, que em 1879 escreveu no *Jornal de Horticultura Prática*:

“Eu tive um amigo, que Deus me levou, e que choro todos os dias. Rara era a semana em que me não visitasse. Entrava pelo meu jardim como que por sua casa; se me encontrava, corriam horas e horas de agradáveis palestras agrícolas e hortícolas;

se nos desencontrávamos, quando me recolhia achava os meus arbustos coalhados aqui e além de bilhetes de visita, em que se lia: Roberto van Zeller¹⁷².

Na Exposição Hortícola Internacional em Junho de 1877, o nome de Roberto van Zeller figurava nas colunas da abóbada do Palácio de Cristal, juntamente com outros 19 nomes de personagens já falecidas que se distinguiram, como por exemplo Luís A. P. da Silva, o visconde de Vilarinho de S. Romão, Domingos Vandelli, Welwitsch, Brotero, o barão de Forrester e o notável padre João de Loureiro.¹⁷³



Fig. 149 Conde da Silva Monteiro.

António da Silva Monteiro (1822-1885), conde da Silva Monteiro, nasceu no Porto, na freguesia de Lordelo do Ouro. Emigrou para o Brasil com 12 anos, conseguindo acumular uma grande fortuna. Grande filantropo, quando regressou ao Porto ajudou a criar as escolas primárias de Lordelo do Ouro e de Miragaia, e foi protector de muitas instituições de beneficência e de apoio a desfavorecidos, incluindo os albergues nocturnos do Porto, estando ainda associado a várias empresas. Foi um incentivador dos projectos do Porto de Leixões e do caminho-de-ferro para Salamanca. Por todas estas acções foi agraciado com o título de visconde da Silva Monteiro em 1875, e cinco anos depois elevado a conde do mesmo título. Era um “cavalheiro abastado”¹⁷⁴, que construiu a sua residência na Rua da Restauração (actualmente Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes), considerada uma autêntica maravilha e de muito bom gosto.

Esta casa tem uma vista deslumbrante sobre o rio Douro e um jardim que se desenvolve em três patamares. No primeiro patamar, junto à casa, existe uma bonita

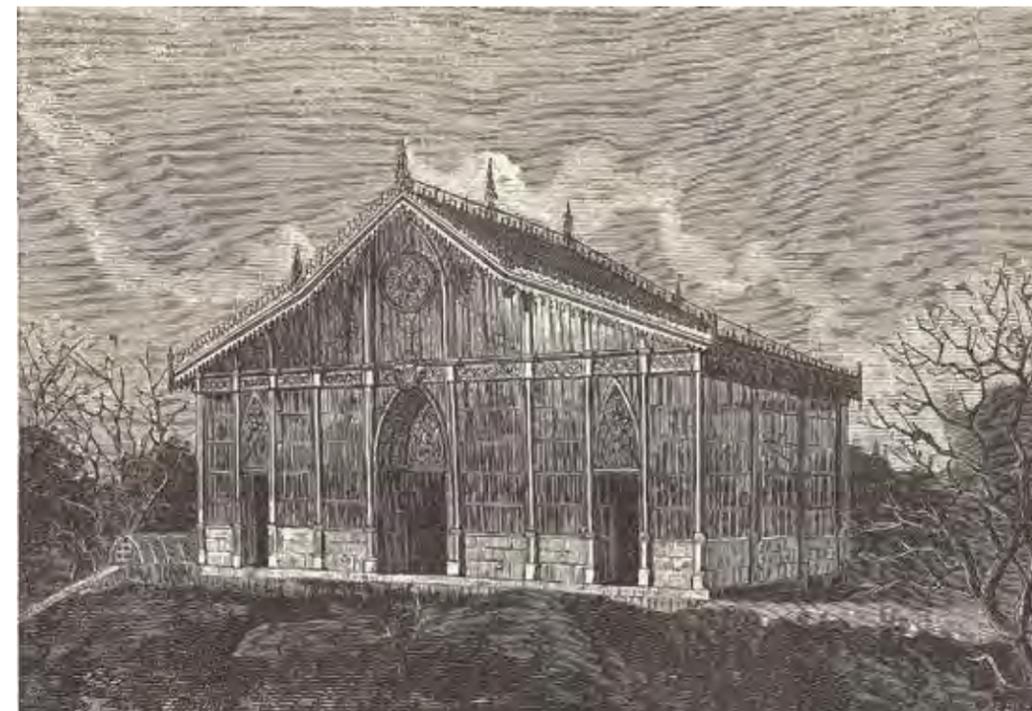


Fig. 150 Estufa do conde da Silva Monteiro na Quinta da Lavandeira.

fonte tendo no centro as Três Graças encimadas por uma taça decorada com motivos vegetalista de onde surge uma escultura em bronze de um menino agarrando um peixe. Silva Monteiro foi ainda presidente da Associação Comercial Portuense e director da Sociedade do Palácio de Cristal.¹⁷⁵

Era um verdadeiro entusiasta de horticultura, tendo ganhado vários prémios nas exposições realizadas no Palácio de Cristal. Na Exposição de Camélias de 1880: “Os concursos mais bem representados de flores cortadas foram aqueles a que concorreram os Srs. António Nicolau d’Almeida, visconde de Villar d’Allen e visconde da Silva Monteiro. (...) Os grupos de plantas ornamentais, colocados à entrada da nave, estavam pobres (...). Apenas o grupo exposto pelo Sr. Gomes da Silva, encarregado dos jardins da Quinta da Lavandeira, do distinto amador o Sr. visconde da Silva Monteiro, apresentava algumas plantas de merecimento.”¹⁷⁶ Nesta exposição

ganhou o segundo prémio no concurso n.º 35 (24 camélias, flores cortadas, em triplicado, isto é, três de cada variedade). Também é referido pelos seus “grupos de plantas que produziam bom efeito”¹⁷⁷ na Exposição de Rosas de 1881.

Mandou construir na fundição de Massarelos uma belíssima estufa de ferro e vidro para a sua Quinta da Lavandeira, em Vila Nova de Gaia, descrita por Duarte de Oliveira no *Jornal de Horticultura Prática*: “O Sr. conde da Silva Monteiro, cavalheiro respeitabilíssimo e o que se pode chamar, em língua chã, mas muito expressiva, um grande patriota, resolveu confiar esta obra a industriais portugueses, e teve a felicidade de acertar, escolhendo a Fundição do Ouro (...). Foi uma escolha acertada, pois a obra nada deixa a desejar. (...) esta estufa é uma das maiores que existem em Portugal e a primeira entre todas quantas possuem os amadores portugueses.”¹⁷⁸

José Marques Loureiro tece-lhe um rasgado elogio no artigo «A Quinta da Lavandeira», dizendo que “sob o seu talismã poderoso”¹⁷⁹ a quinta se foi transformando, muito bem tratada, com árvores maravilhosas como o *Cupressus Lowsoni*, o *Pinus palustris* e um espectacular *Osmanthus fragrans* com 8 metros de altura. Menciona as estufas, designadamente a estufa já descrita por Duarte de Oliveira, com a sua forma “no estilo ogival, sustentada por dezoito colunas de ferro.”¹⁸⁰ Acrescenta ainda: “O Sr. visconde da Silva Monteiro (...) possui a melhor propriedade dos subúrbios do Porto. Uma dúzia de homens assim e nós exclamaríamos: Chegou o dia de se regenerar a horticultura em Portugal!”¹⁸¹

As únicas referências encontradas sobre José da Silva Monteiro (n.?-1892), estão no *Jornal de Horticultura Prática*. Era considerado “um dos amadores mais entusiastas e conscienciosos que tem havido no Porto. (...) Concorreu durante muitos anos aos torneios hortícolas portuenses, colhendo numerosos prémios e para se avaliar do mérito das suas colecções bastará dizer que na Exposição Hortícola Internacional de 1877 tomou parte em 16 concursos obtendo 7 primeiros prémios e 6 segundos.”¹⁸² Foi vice-presidente da comissão promotora das exposições, substituindo o conselheiro Camilo Aureliano. Na Exposição de Camélias de 1880: “O Sr. Silva Monteiro também apresentou soberbos exemplares de *Camélias* cortadas (...)

e o respectivo júri não olvidou premiá-las. (...) [E ainda] expôs alguns *Ranúnculos*, *Tulipas* e *Jacintos* criados em frascos, que o júri premiou”.¹⁸³

Obteve nesta exposição cinco primeiros prémios, entre os quais o primeiro prémio do concurso n.º 31 (Doze camélias de primeira ordem de origem portuguesa, flores cortadas).

Também Duarte de Oliveira se refere a ele nos seguintes termos: “o nosso estimável amigo o comendador José da Silva Monteiro, preclaro presidente da direcção do Palácio de Cristal e um cavalheiro muito respeitável, de carácter independente e bastante versado em horticultura”¹⁸⁴, elogiando o modo como se distinguiu na Exposição de Rosas de 1881.

Alfredo Allen, visconde de Villar d’Allen, (1828-1907), era filho de João Allen, também grande entusiasta de flores, que o enviou para França onde estudou. Foi um grande incentivador das exposições agrícolas no Porto da década de 1850, promovendo e organizando a primeira Exposição Hortícola do Porto em 1857, em que recebeu o prémio de honra do Grande Conselho da Exposição. Foi o principal impulsionador da criação do Palácio de Cristal, juntamente com o médico António Ferreira Braga, que apoiou com o seu incentivo e ajuda financeira a construção do palácio, e da Exposição Internacional de 1865. Depois do sucesso da Exposição Internacional recebeu em 1866 o título de visconde de Villar d’Allen. Como director da Sociedade do Palácio de Cristal, chamou o jardineiro paisagista alemão Emílio David para a criação dos jardins do Palácio de Cristal (mais tarde, já à frente do pelouro da jardinagem na Câmara do Porto, entre 1866 e 1869, também o convidou para traçar o Jardim da Cordoaria). Duarte de Oliveira louva-o pelos serviços prestados à jardinagem no Porto, pelo seu espírito democrático e liberal, e pela sua preocupação em permitir o acesso dos jardins públicos a toda a população:

“Na época em que o Sr. visconde de Villar d’Allen fazia parte da Câmara Municipal portuense e tinha a seu cargo o pelouro dos jardins, ponderou aos seus colegas que, em imitação de todas as cidades onde tem penetrado a luz do progresso, era

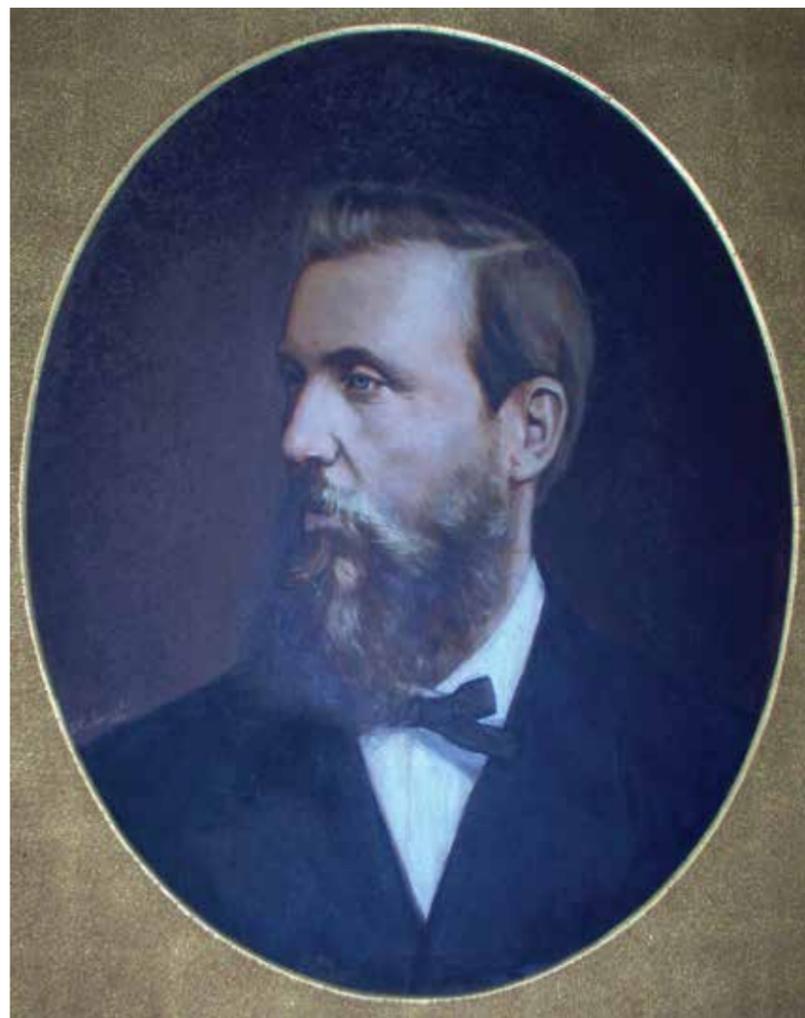


Fig. 151 Alfredo Allen.

necessário que, quando não todos, ao menos alguns dos jardins da cidade fossem franqueados ao povo, classe que mais carece deste recreio.

Este pensamento liberal, esta proposta que não tinha o ressaibo do feudalismo, não foi aceite pelos colegas do Sr. visconde¹⁸⁵. Convém informar que nesta altura os jardins eram fechados com portões. Tinham um guarda à porta que se encarregava de “seleccionar” os visitantes, impedindo as pessoas das classes mais baixas de ali penetrarem.

Duarte de Oliveira prossegue: “Se não fossem pois os conhecimentos do ex-camarista visconde de Villar d’Allen e a sua muito boa vontade, não veria hoje o Porto a antiga Cordoaria transformada em espaçoso e bem delineado jardim.

O Sr. visconde entendeu que aquele jardim devia de ser público na verdadeira acepção da palavra, mas os seus sucessores — que a não ser para lhe dar os foros de aristocrata, não sabemos para quê — pensaram diferentemente e deram instruções aos guardas para só franquearem aquele recinto às botas de polimento ou de duraque. Quer dizer que o legislador media as pessoas pelos pés.

Isto é repugnante numa cidade em que vemos tremular o pavilhão da liberdade, e já tem dado motivo a alguns conflitos.”¹⁸⁶

Quando Emílio David estava a trabalhar no projecto do Jardim da Cordoaria, Alfredo Allen determinou que na avenida próxima à “árvore da Cordoaria”, o famoso álamo ou “árvore da força”, se plantassem duas filas de álamos de várias espécies que tinha mandado vir de França. Segundo a crónica de Duarte de Oliveira:

“Emílio David, que dirigia os trabalhos, observou que para ali melhor conviriam outras árvores.

O visconde redarguiu:

— À célebre árvore, que aqui está, quero dar um cortejo formado pelas suas irmãs.”¹⁸⁷

Esteve sempre presente na Sociedade do Palácio de Cristal, e na organização das muitas exposições. Era grande entusiasta de camélias e chegou a propor que “além das duas exposições ordinárias houvesse uma exposição permanente de *Camélias* durante os meses de Fevereiro e Março, para assim facilitar a exibição do maior número de exemplares”¹⁸⁸, visto que a camélia se podia considerar uma



Fig. 152 *C. japonica* 'Alfredo Allen'.



Fig. 153 *C. japonica* 'Villar d'Allen'.

cultura relevante do Porto, com a qual de futuro se poderia criar uma indústria importante para a cidade.

Concorreu frequentemente como amador nas diversas exposições do Palácio de Cristal, ganhando inúmeros prémios. Por exemplo, nas exposições de rosas, ganhou um primeiro prémio em 1876 — uma bilheteira para centro de mesa —, e em 1887 o seu jardineiro, Manuel António Pereira, ganhou uma medalha de ouro e outros prémios. Foi presidente da comissão executiva da Exposição Hortícola Internacional, realizada no Palácio de Cristal em 1877, em cujo catálogo o seu nome aparece frequentemente na lista dos premiados, sendo quem mais se distinguiu entre os amadores que concorreram. A Real Associação Central de Agricultura Portuguesa ofereceu-lhe uma medalha de prata pelas frutas e hortaliças expostas. Os outros três premiados por esta associação eram nomes sonantes, como Jean Verschaffelt, Alexis Darrière e W. C. Boer. Foi ainda colaborador do *Jornal de Horticultura Prática*, escrevendo vários artigos sobre temas relevantes para a horticultura.

Na Quinta de Villar d'Allen, residência de campo de João Allen, seu pai, continuou o projecto por este iniciado aplicando os novos princípios da arte dos jardins

e introduziu grande número de plantas.¹⁸⁹ A sua colecção de camélias era famosa, e incluía variedades que obtinha por sementeira. Infelizmente não há registo das camélias criadas por ele, excepto a 'Luiz de Mello Breyner'. Estou convicta que a conhecida camélia 'Villar d'Allen' terá sido obtida por ele, e, quem sabe, talvez incluída nas camélias de origem portuguesa apresentadas na exposição de 1877, cujo conjunto ganhou o primeiro prémio.

Sabe-se que ofereceu centenas de pequenos pés de camélia para o Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, e também para a Mata do Buçaco. Em 1882, Luís de Mello Breyner, director do Jardim Real da Ajuda, escreveu-lhe a felicitá-lo pelas belíssimas camélias que apresentou numa exposição de flores realizada na Tapada da Ajuda e a agradecer-lhe por ter criado uma camélia com o seu nome.

Relativamente às exposições de camélias, foi o amador que mais se distinguiu na primeira exposição de horticultura em que as camélias tiveram lugar de destaque, em 1877. Segundo Duarte de Oliveira, na secção dos amadores: “No concurso n.º 33 (doze *Camélias* de primeira ordem de origem portuguesa) havia apenas um expositor — o Sr. visconde de Villar d'Allen, que obteve o primeiro prémio. Entre as *Camélias* do Sr. visconde havia algumas distintas e que mostravam o que entre nós se poderia fazer se se ligasse um pouco mais de atenção às sementeiras. O Sr. visconde (...) é uma das poucas pessoas que se tem dedicado a fazer sementeiras e não tem perdido o tempo. Vimos na exposição três ou quatro variedades obtidas por este cavalheiro que eram de subido merecimento. Sentimos não haver tomado nota das cores e nomes para agora as podermos descrever, mas esperamos fazê-lo mais tarde.”¹⁹⁰

Na Exposição de Camélias de 1880, além de fetos e outras plantas, “apresentou magníficas *Camélias*, sendo muito notáveis pelo seu desenvolvimento a *Alba plena*, *Comtesse Lavinia Maggi*, *D. Pedro V* e *Fimbriata alba*.”¹⁹¹; e na exposição de 1889 o seu jardineiro, Manuel António Pereira, obteve o 1.º prémio para amadores, medalha de ouro, no concurso n.º 36: 48 camélias de primeira ordem, nacionais ou estrangeiras (flores cortadas).¹⁹²

Alfredo Allen foi sem dúvida um portuense notável e benfeitor, que muito se distinguiu pela sua dedicação à cidade do Porto.



Fig. 154 António Bernardo Ferreira.



Fig. 155 *C. japonica* 'Antonio Bernardo Ferreira'.

António Bernardo Ferreira (1835-1907), era filho de Dona Antónia Adelaide Ferreira, a Ferreirinha. Político e empresário português, exerceu o cargo de presidente da Associação Industrial Portuense entre 1859 e 1867. Foi um entusiasta do Palácio de Cristal portuense, e um dos seus mais importantes accionistas, além de grande entusiasta de horticultura, apaixonado, sobretudo, por rosas. Distinguiu-se nas exposições de rosas do Palácio de Cristal, como por exemplo na de 1888, em que foi premiado pela melhor colecção de roseiras distintas, novidades de 1885 a 1887 (medalha de ouro); na exposição de 1889 eclipsou todos os concorrentes amadores com quatro primeiros prémios, sendo um deles uma medalha de ouro.

Isto não o impedia de concorrer com brilho nas exposições de camélias. Na exposição de 1891: “Entre os amadores o Exmo. Sr. António Bernardo Ferreira continuou a ser o primeiro, pela bela e cuidadosa cultura dos exemplares que expôs. As camélias em vaso que apresentou na exposição estavam muito bem formadas e demonstravam o carinho que lhes dedica o Sr. António Bernardo Ferreira. Um



Fig. 156 Adolpho Frederico Moller.



Fig. 157 *C. japonica* 'Adolpho F. Moller'.

bravo a este cavalheiro.”¹⁹³ Há uma camélia com o seu nome. Participou brilhantemente na festa floral no Jardim da Cordoaria em homenagem a Marques Loureiro em Novembro de 1898, ganhando quatro prémios pelos crisântemos que expôs. Visitava assiduamente os viveiros de Alfredo Moreira da Silva, a quem chamava o “Alfredo das Rosas”.

Joaquim Casimiro Barbosa (1841-1921), teve a seu cargo o Jardim Botânico da Academia Politécnica do Porto, e foi colaborador e amigo de José Marques Loureiro. Além de autor de vários artigos escritos para o *Jornal de Horticultura Prática*, substituiu Duarte de Oliveira como redactor em 1888, exercendo depois esse cargo no *Jornal Hortícola-Agrícola*, em colaboração com Jerónimo Monteiro da Costa. Publicou vários trabalhos sobre horticultura e jardinagem, entre os quais *A Horta* e *O Jardim: manual do jardineiro amador* (3 volumes). No terceiro volume dedica um extenso artigo às camélias¹⁹⁴ e à sua cultura. Após a fundação da Universidade do Porto, em 1911, foi convidado a leccionar a cadeira de Botânica, convite que recusou.



Fig. 158 Cristiano van Zeller.

Fig. 159 Lista de camélias da Quinta de Fiães, feita por Cristiano van Zeller em 1879.

Fig. 160 *C. japonica* 'Christiano Van-Zeller'.

Fig. 161 Diploma atribuído a Cristiano van Zeller no Palácio de Cristal em 1901.

Adolpho Moller (1842-1920), notável botânico do século XIX, silvicultor e naturalista, foi inspector do Jardim Botânico de Coimbra. Ficou conhecido, sobretudo, pela expedição científica que liderou a S. Tomé, onde coligiu cerca de mil espécies vegetais, animais e de fungos.¹⁹⁵ Foi colaborador assíduo do *Jornal de Horticultura Prática*. Eduardo Sequeira dedica-lhe um extenso artigo em que faz um historial dos botânicos portugueses desde Garcia de Orta, Brotero e Vandelli até aos mais recentes, como o Dr. Júlio Henriques.¹⁹⁶ Em 1904 escreveu no *Jornal Hortícola-Agrícola* um pequeno artigo intitulado «Camélia», sobre a família das *Theaceae* e variedades cultivadas, entre as quais a *Camellia japonica*, afirmando que: “Existem aproximadamente umas 130 variedades ou raças de Camélias portuguesas obtidas por semente, a maior parte no Porto.”¹⁹⁷ Saberá ele, entre as 355 camélias oitocentistas com origem na zona do Porto, quais foram obtidas de semente?

Cristiano van Zeller (1848-1926), filho de Roberto van Zeller, foi vereador do Pelouro dos Jardins da Câmara do Porto entre 1876 e 1878.

No *Jornal de Horticultura Prática*, foi criticado por ter deixado secar a relva do Jardim da Cordoaria e louvado pela plantação de palmeiras no mesmo jardim¹⁹⁸, e ainda por ter impedido a poda exagerada das árvores das ruas e jardins.

Distinguiu-se pela sua acção a favor do desenvolvimento da horticultura em Portugal, nomeadamente na luta contra a filoxera. Dividia o seu tempo entre o Porto, na casa de Vilar (actual Colégio de N. Sra. de Lourdes), e as quintas de Roriz, Meladas e Fiães. Tal como seu pai, interessou-se muito por flores, designadamente por camélias. A camélia ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’ foi obtida por ele — sementeira de Fiães —, como se pode ver na lista que redigiu em 1879. Gostava muito de rosas, sendo a ‘Maréchal Niel’ a sua preferida. Participou na festa floral em homenagem a Marques Loureiro, que teve lugar no Jardim da Cordoaria, em Novembro de 1898, ganhando um primeiro prémio pelo grupo de crisântemos que expôs.

Mandou vir da Austrália variedades de eucaliptos, que plantou na Quinta de Fiães. Na sua correspondência com o representante do Departamento da Agricultura em Melbourne a propósito de trocas de eucaliptos e videiras, este escreve a dado momento: “The Couve Gallego did very well. I gave seed to several of our farmers.”¹⁹⁹ Será que a



Fig. 162 Eduardo Sequeira, redactor do *Jornal de Horticultura Prática*.

couve-galega ainda existe na Austrália? Existe uma lista de 19 eucaliptos plantados em Fiães, bem como outras de rododendros e árvores de fruto, vários deles ainda existentes na quinta.

Foi vice-presidente da Liga Agrária do Norte, sendo, juntamente com Duarte de Oliveira e Otto Burmester, um dos principais organizadores da visita a Portugal em 1902 de Pierre Viala, prestigiado lutador contra a filoxera. Esta visita constituiu um acontecimento nacional. Cristiano van Zeller acompanhou a comitiva do professor Viala ao Douro, onde visitaram várias casas exportadoras de vinho. No dia 30 de Agosto, Viala e os seus acompanhantes tomaram o pequeno-almoço na sua Quinta de Roriz, cujo mel foi muito apreciado, a que se seguiu a visita a outras quintas.²⁰⁰

Outro redactor do *Jornal de Horticultura Prática*, desde 1889 até ao final, em 1892, foi Eduardo Sequeira (1861-1914), sucessor e grande admirador de Duarte de Oliveira. Num artigo de Júlio de Moraes na *Revista Hortícola*, Eduardo Sequeira confessa que Duarte de Oliveira “foi o seu mentor, o seu Mestre, o seu iniciador, nas fainas do jornalismo hortícola-agrícola.”²⁰¹ Além de grande número de artigos sobre os mais diversos assuntos no *Jornal de Horticultura Prática*, publicou muitas obras, nomeadamente *Os Crisântemos* e *As Abelhas*, e colaborou em muitos jornais e revistas, entre as quais a revista *Ocidente*, a *Ilustração Portuguesa* e a *Brotéria*, e jornais como o

Jornal do Porto, o *Jornal da Manhã* e o *Domingo Ilustrado*. No *Jornal de Horticultura Prática* dá grande realce às camélias, sobretudo por ocasião das exposições no Palácio de Cristal. Ficou muito sensibilizado quando Marques Loureiro lhe anunciou que tinha dado o seu nome a uma camélia nova.

Na crónica de Junho de 1892 diz: “*Begónia Eduardo Sequeira*, *Cravo Eduardo Sequeira*, *Camélia Eduardo Sequeira* e por último *Rosa Eduardo Sequeira*!”

Daqui a pouco, o nosso obscuro nome, graças à boa amizade do grande horticultor português, Sr. José Marques Loureiro, está mais espalhado em todos os jardins do que urtigas em campo abandonado!

Ainda não nos passara a surpresa do brinde da nossa branca Camélia, tão gentil e tão distinta, quando nos entra em casa, enviada por Marques Loureiro, uma Rosa obtida em 1891, nos viveiros da Companhia Hortícola²⁰².

Era casado com Conceição P. Osório de Sequeira, que também escreveu vários artigos no *Jornal de Horticultura Prática* sob o pseudónimo de Sofia de Sousa.

E, já no final de Oitocentos, temos ainda uma entusiasta de camélias, Jane Andresen (1861-1938), minha bisavó, a quem Alfredo Moreira da Silva dedicou uma camélia. No Catálogo N.º 1 de Alfredo Moreira da Silva, a camélia ‘Dona Jane Andresen (Alfredo Moreira da Silva)’ vem acompanhada da seguinte nota: “Ocupando-se desta novidade, o *Comércio do Porto* de 28 de Fevereiro de 1897 diz o seguinte: «O hábil horticultor Sr. Alfredo Moreira da Silva enviou-nos uma nova *Camélia*, aborto fixado, por aquele floricultor, da variedade *Dr. Balthazar de Mello*. É de forma de uma rosa regular, cor de rosa viva, acetinada e fimbriada, muito distinta. Não tem as máculas da *Balthazar de Mello*, e tem os recortes da *Fimbriata alba*. Parece-nos ser um indivíduo bem caracterizado. O Sr. Moreira da Silva deu-lhe o nome de *Iane Andresen*, a distintíssima esposa do nosso amigo Sr. João H. Andresen, uma das nossas mais entusiásticas amadoras de floricultura.»”²⁰³

Jane Lehmann Andresen, cujo pai era alemão, desde pequena se interessou pela horticultura.²⁰⁴ Casou, em 1882, com João Henrique Andresen, de ascendência dinamarquesa. Em 1895, os dois compraram a Quinta do Campo Alegre, actual Jardim Botânico do Porto. Dirigiram pessoalmente as obras da casa e do jardim.



Fig. 163 Jardim dos Jotas na Quinta do Campo Alegre, por volta de 1950 – um jardim formal rodeado por uma alta sebe de camélias.



Fig. 164 *C. japonica* 'Jane Andresen'.

João Henrique dedicou-se, sobretudo, à mata, mandando plantar muitas espécies florestais raras. Jane era amiga de longa data do velho Moreira da Silva, que já tinha tratado dos jardins da casa de seu pai, Gustavo Lehmann, e entre os dois criou-se uma estreita amizade. Encomendou-lhe a plantação das sebes de camélias que delimitam os vários jardins e que se estendem por mais de 500 metros. Quando Alfredo Moreira da Silva chegava à quinta percorria os jardins chamando pela “D. Joaquina”, para lhe mostrar uma nova rosa ou outra novidade.

Jane tinha grande sensibilidade artística. Aprendeu canto, violino e piano com afamados professores, e aprendeu escultura com Teixeira Lopes, tornando-se uma excelente escultora. Nos concertos da Quinta do Campo Alegre tocavam grandes artistas como Moreira de Sá, e o actor Eduardo Brazão, também convidado assíduo, ofereceu-lhe as primeiras rosas ‘Bela Portuguesa’, que tinham acabado de aparecer.²⁰⁵ A ela se deve o traçado do “Jardim dos Jotas”, um jardim-tapete



Fig. 165 Jane Lehmann Andresen.

formado por buxo plantado de forma a criar múltiplos “J” (as iniciais dela e de seu marido), e a criação de vários outros jardins: o roseiral, com mais de uma centena de variedades de rosas, os jardins com lírios, tulipas, o muguet à sombra das árvores... Nas estufas havia uma coleção única de avencas e outras plantas exóticas. Tinham ambos um verdadeiro culto pelos jardins e pelas flores, mandando vir do estrangeiro coleções de bolbos e rizomas. Os morangos eram famosos, e aqui se plantou a primeira espargueira do Porto. Nesta casa realizaram-se várias festas de flores, com concursos de mesas ornamentadas, cestos, e outros arranjos florais.²⁰⁶ Jane e seu marido souberam transmitir este culto pela natureza às suas filhas, entre as quais se distinguiu a mais nova, Teodora, que pintou flores num estilo muito próprio, com uma grande delicadeza. Seu filho João Andresen foi o pai da poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, que nos seus contos e versos fala das camélias do Campo Alegre.

Além destes entusiastas de horticultura muitos mais houve, como António Ferreira Braga, a baronesa do Seixo, António Nicolau de Almeida, o Dr. Júlio Henriques, Joaquim de Mello e Faro, Luís de Mello Breyner, William C. Tait e outros, mas falar deles seria fugir ao assunto que quero tratar — as camélias.

No início de Novecentos as camélias caíram no esquecimento, embora tenham aparecido algumas variedades notáveis, e é só em 1980, por iniciativa do Eng. José Gil e da sua filha Clara, que ressurge o entusiasmo por estas flores. Portugal passou a ser membro da International Camellia Society, e em 1984 a Câmara Municipal do Porto organizou a primeira Exposição de Camélias do Porto do século xx — 93 anos depois da última, realizada em 1891!



Doze camélias oitocentistas
com a designação “Portuensis”

‘Alba Plena Portuensis’
 ‘Anemona Variegata Portuensis’
 ‘Bella Portuense’
 ‘Japonica Portuensis, fol. aur. var.’
 ‘Miniatura Portuensis’
 ‘Marmorea Portuensis’
 ‘Paeonia Rosea Portuensis’
 ‘Paeonia Rubra Portuensis’
 ‘Picturata Plena Portuensis’
 ‘Pomponia Estriata Portuensis’
 ‘Pomponia Grandiflora Portuensis’
 ‘Pomponia Portuensis’

14

Nomes das camélias — um reflexo do espírito do Porto

Alguns dos nomes das camélias portuenses de Oitocentos constituem um reflexo da mentalidade, do espírito de justiça e dos ideais liberais prevalecentes no Porto.

Várias camélias foram baptizadas com nomes de entusiastas de horticultura, bem como dos heróis e personalidades que se destacaram nos ideais do Porto oitocentista. Em anexo encontra-se uma lista com vários nomes das camélias portuenses por temas.

É interessante notar que a maioria dos nomes das camélias do primeiro período, designadamente as do *Jardim Portuense*, estão ligados ao seu obtentor, como

Fig. 166 *C. japonica* ‘Bella Portuense’, obtida antes de 1844.



Fig. 167 Rei D. Pedro IV.



Fig. 168 Rainha D. Maria II.



Fig. 169 Rainha D. Maria Pia.

uma forma extravagante, mas de acordo com a época, de eternizar o seu nome. É o caso da ‘Pomponia Pedrotia’, ‘Silvestria’, ‘Gomesia’, ‘Carneria’, ‘Barallia’, ‘Eduardia’ e ‘Bastiana’, entre outras; outras foram baptizadas com nomes da família real, como a ‘Duque do Porto’ e ‘Maria 2ª’; e, finalmente, outras segundo as suas características — forma ou cor — ou outra referência.

Como já mencionei, Marques Loureiro tinha no seu estabelecimento 18 camélias com nomes da dinastia constitucional de Bragança (e da família imperial do Brasil), mostrando o seu apreço pela monarquia liberal. Do rei D. Fernando II, além da camélia com o seu nome, ainda há outra em sua homenagem, a ‘Rei Artista’. Além dos membros da dinastia de Bragança a partir de D. Pedro IV, há apenas três outros nomes de reis (D. Diniz, D. Manuel I e D. João IV), e seis nomes de rainhas, todas da primeira dinastia excepto D. Leonor de Portugal, mulher de D. João II. A rainha D. Maria Pia concedeu a Marques Loureiro o título de “Fornecedor da Casa Real”, juntamente com outras benesses.



Fig. 170 Duque de Lafões.



Fig. 171 Marquês de Fronteira.



Fig. 172 Passos Manuel.

De acordo com o gosto romântico e patriótico da época, Loureiro escolheu os nomes de antigos heróis da história de Portugal, como Viriato e Egas Moniz, e das personagens que mais se evidenciaram durante as invasões francesas, como o general Silveira, e também nas lutas liberais, como o conde do Bonfim, Maria da Fonte, os duques de Palmela, de Saldanha e da Terceira, Passos Manuel e outros.

No campo da literatura não podiam faltar as camélias ‘Gil Vicente (Fiaes)’ e a ‘Camões (Marques Loureiro)’, esta acompanhada da ‘Jáo, Antonio’ (ou Jau, escravo javanês de Camões), e da ‘Adamastor’. Há ainda os nomes de Bernardim Ribeiro (com a sua ‘Menina e Moça’), Sá de Miranda, Filinto Elísio, Marília de Dirceu, Elpino Duriense, Marquesa de Alorna, Bocage, e figuras da literatura romântica como Feliciano de Castilho, Tomás Ribeiro e Alexandre Herculano. A ‘Visconde d’Almeida Garrett’ também tem um séquito de camélias baptizadas segundo nomes dos vários romances populares em verso do *Romanceiro* de Garrett: ‘Bella Infanta’, ‘Dona Ausenda’, ‘Claralinda’, ‘Noiva Arraiana’ e ‘Linda, a Pastora’. De outras obras de



Fig. 173 Almeida Garrett.



Fig. 174 O pintor Silva Porto.



Fig. 175 A atriz Rosa Damasceno.

Garrett temos a ‘Dona Branca, (Abadeça de Olgas)’, ‘Alfageme de Santarem’ e ‘Frei Luiz de Souza’.

Evocando a pintura há as camélias ‘Gran Vasco’, a ‘Silva Porto’ e a ‘Mr. F. Pellereau’ e do teatro temos camélias com os nomes de grandes actores da época: Emília das Neves, Rosa Damasceno e Eduardo Brazão.

Entre os vários nomes das camélias portuenses, surgem nove nomes ligados à mitologia grega seguidos da indicação (Fiaes), como ‘Acteon (Fiaes)’, ‘Calliope (Fiaes)’, ‘Terpsicore (Fiaes)’ e outros. Estas camélias são originárias da Quinta de Fiães e, embora comercializadas por Marques Loureiro, é muito provável que tenham sido baptizadas por Roberto van Zeller, pessoa erudita e conhecedora dos clássicos.

Os nomes de personagens da época, famílias da burguesia portuense ou clientes mais assíduos também figuram nos catálogos de camélias portuguesas, como o visconde de Pereira Machado, António Bernardo Ferreira, o barão de Massarellos, Cristiano e Roberto van Zeller, Alfredo Allen e o barão de Villar, e ainda da antiga



Fig. 176 Terpsicore, musa da Música e da Dança, mãe das Sereias.



Fig. 177 Calíope, musa da Eloquência e da Poesia Épica.



Fig. 178 Acteon, rei caçador. Viu Diana no banho e esta, indignada, transformou-o num veado que foi devorado pelos seus próprios cães.



Fig. 179 Baronesa de Vilar.



Fig. 180 D. Camila Ribeiro de Faria.



Fig. 181 D. Carlota de Barros van Zeller.

nobreza, como o marquês de Ficalho e o marquês de Fronteira. Também homenageou várias senhoras apaixonadas pelas flores, como por exemplo D. Camila de Faria, a “Ferreirinha”, a baronesa de Villar, a duquesa de Palmela, D. Sophia Braga, D. Carlota e D. Maria Helena van Zeller, Maria Maximina (casada com Camilo Aureliano), a viscondessa da Silva Monteiro, a viscondessa de Villar d’Allen e D. Jane Andresen.

Os nomes Duarte de Oliveira, Camillo Aureliano, Eduardo Sequeira e Emílio David, são um testemunho do reconhecimento de Marques Loureiro aos seus amigos e colaboradores, havendo ainda nomes de botânicos e horticultores distintos como Garcia de Orta, Brotero, Adolpho Möller, Dr. Júlio Henriques e Luiz de Mello Breyner.

E finalmente não podemos esquecer as 12 camélias com nomes ligados ao Porto, como a ‘Bella Portuense’, a ‘Alba Plena Portuensis’, a ‘Anemona Variegata Portuensis’, a ‘Marmorea Portuensis’, a ‘Picturata Plena Portuensis’ e a ‘Pomponia Portuensis’, entre outras.



Fig. 182 Félix de Avelar Brotero.



Fig. 183 Dr. Júlio Henriques.



Fig. 184 *C. japonica* ‘Anemona Variegata Portuensis’.



15

As camélias na arte

Como referi no Capítulo 2, nos séculos XVII e XVIII já havia em Portugal representações de camélias na pintura, no azulejo, nos frescos, na talha dourada e na faiança.

Sendo a camélia uma flor em voga na Europa do século XIX, é natural que esteja presente em várias expressões artísticas desta época.

Na literatura europeia, a obra mais emblemática é *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, depois representada na ópera e no cinema. Também é de lembrar que os escritores e personagens de obras literárias, sobretudo do romantismo, serviram de inspiração para os nomes das variedades de camélias portuenses.

No Porto temos, por exemplo, o livro *Uma Família Inglesa*, publicado em 1868 por Júlio Dinis, e a sua descrição da casa de Mr. Richard Whitestone:

“Era uma das tais casas escuras, com vidraças de caixilhos brancos, retirada ao fundo de um jardim, nas grades do qual se entrelaçavam tão intimamente

Fig. 185 Agualelas com camélias pintadas pela rainha D. Maria Pia. Palácio Nacional da Ajuda.



Fig. 186 Escultura de Eça de Queirós junto de uma grande camélia. Solar dos Condes de Resende, Vila Nova de Gaia.

as folhas sempre verdes das austrálias e os ramos floridos de japoneiras gigantes, que resguardavam de vistas curiosas as avenidas irregularmente traçadas por entre relva digna de uma paisagem inglesa.”²⁰⁷ É de notar que já nessa altura as japoneiras eram gigantes...

Também Eça de Queirós, em *A Tragédia da Rua das Flores* (obra escrita entre 1877 e 1878, só publicada postumamente) se refere às camélias numa cena de *boudoir*:

“Dentro de um vaso estava um primor de camélias. Victor pôs-se a gabar-lhas. Ela [Genoveva], calada, passou o pente, que retomara e, sem se voltar para ele, escolheu uma vermelha, tirou-a do vaso e, voltando-se, meteu-lha na casa da casaca.

Os olhos de Victor (...) encontraram-se com os de Genoveva; e os dela, ao fixarem-no, tremiam, e disse, com a voz ligeiramente perturbada:

— Não a vai perder, ein?

Victor teve uma audácia e disse com a voz tremendo, pesando as palavras, como um ardente apaixonado:

— Vou guardá-la para sempre!

Ela teve logo um risinho:

— Que tolice! Ah, mas o senhor é poeta, esquecera-me.

E acabando de lhe pregar um alfinete na casaca, afastando(-se), a camélia ainda nos seus dedos:

— Aí está! Condecorado. É a minha Ordem; é a Ordem da Camélia Vermelha. É o meu cavaleiro. *Voilà!*”²⁰⁸



Fig. 187 Bordado a dourado com representação de uma camélia. Datado de 1862. Museu Nacional de Soares dos Reis.

Também no bordado se podem ver camélias representadas. No entanto, é na pintura que se podem observar mais obras tendo camélias como tema principal, ou ainda servindo de adereço, como no caso dos retratos.

“De que forma nos toca a beleza duma flor? Cada época formulou um discurso próprio sobre o assunto.

O que se desenvolveu, entre a segunda metade do século XIX e inícios de Novecentos, primou pelo requinte. (...) debruçamo-nos sobre a tradução desse discurso em pintura. Será que também ela nos auxilia a compreender o espírito do mencionado período?”²⁰⁹ Assim começa António Mourato o seu artigo «Pintores Floristas em Portugal (1850-1910)», na publicação *População e Sociedade*, da CEPESE.

A pintura de naturezas-mortas tinha antecedentes no período barroco, em que as flores eram utilizadas para decorar retábulos, talha dourada com temas fitomórficos, tectos de igrejas e miniaturas. Josefa de Óbidos, pintora do século XVIII, influenciada por pintores flamengos, emoldurava as suas representações bíblicas com grinaldas de flores, detalhadas e com um colorido vivo. No início de Oitocentos, com o desenvolvimento da horticultura, designadamente da floricultura, e também o aparecimento de obras científicas de botânica acompanhadas das respectivas ilustrações, as flores ascenderam à categoria de tema principal dos pintores floristas desta época, apesar deste subgénero da natureza-morta ser considerado menor. Segundo o autor acima mencionado: “*Pintores-floristas* eram aqueles que consagravam um núcleo importante das suas obras ao registo inspirado das *musas dos jardins*”²¹⁰.



Fig. 188 Viscondessa de Menezes pintada por seu marido. Museu do Chiado.

Contudo, apesar de ser considerada uma pintura meramente “agradável”, a pintura de flores atingiu certo renome nas Academias de Belas Artes, e um alto nível de excelência. Estava sem dúvida em consonância com o espírito do romantismo, uma ligação da Natureza com a Arte. Os pintores-floristas portugueses são quase todos oriundos do Porto ou do Norte de Portugal, e as camélias foram amplamente representadas.

Um quadro com uma camélia, pintado por Domingos Pereira de Carvalho (18?-1848) foi elogiado por D. Pedro V em 1865. Em 1862, o visconde de Meneses



Fig. 189 Princesa D. Amélia do Brasil. Museu Nacional dos Coches.

(1817-1878) pintou um retrato romântico de sua mulher, Carlota Emília, cujo vestido tem como ornamento um *bouquet* de camélias na cintura.

Num lindíssimo retrato da princesa D. Maria Amélia do Brasil, de pintor desconhecido (embora se suponha ser da autoria de Franz Xaver Winterhalter) também está representada uma camélia cor-de-rosa como adorno do seu penteado. Há uma camélia portuense branca com o seu nome — ‘Princeza Amelia’.

Francisca de Almeida Furtado (1827-1918) foi uma aguarelista exímia, que na Exposição Hortícola Internacional no Palácio de Cristal, em 1877, obteve grande sucesso, conquistando um primeiro prémio — medalha de ouro — no concurso n.º 155 — Quadros a aguarela originais (amadores).²¹¹ Também segundo António Mourato: “O respeitado crítico Manuel M. Rodrigues (...) prezava as suas camélias «pela justeza do aveludado das pétalas»”²¹². Continuou a expor, até pelo menos 1903. As suas miniaturas também eram de alto nível e muito consideradas, inclusive pela família real.

Vários pintores portuenses do romantismo e pré-naturalismo também escolheram as camélias como tema dos seus quadros. É o caso de António José da Costa (1840-1929) cujo expoente máximo é o quadro “Vaso com camélias” (1889), em exibição no Museu Nacional de Soares dos Reis. No quadro pode ler-se a etiqueta da variedade de camélia com o nome ‘Albino Botti’. António José da Costa, com o seu “Quadro a óleo representando flores, cópia do natural”, foi ainda vencedor de um 1.º prémio, medalha de ouro de 1.ª classe, na Exposição de 1896 no Palácio de Cristal.²¹³



Fig. 190 “Vaso com camélias”, de António José da Costa. Museu Nacional de Soares dos Reis.



Fig. 191 Estampa da *C. japonica* ‘Albino Botti’, retratada no quadro de António José da Costa.

António José da Costa ia com sua sobrinha Margarida à Quinta do Campo Alegre colher flores para reproduzir nas suas telas: “António Costa — o velhinho pintor de Belos Ares, e Margarida, sua sobrinha, que entoaram em todos os tons de paleta a glória das flores — especialmente rosas e camélias —, foi nos jardins do Campo Alegre que encontraram os seus modelos predilectos...”²¹⁴

Também a rainha D. Maria Pia (1847-1911) pintou bonitas aguarelas com camélias, bem como a sua preceptora, Virginia Panizzardí, que lhe ofereceu uma aguarela por ocasião do seu casamento, em 1862.



Fig. 192 Aguarela de Virginia Panizzardí oferecida a D. Maria Pia. Palácio Nacional da Ajuda.



Fig. 193 “Camélias”, de Artur Loureiro. Coleção particular.

Dos pintores da primeira geração do naturalismo há um excelente quadro de Artur Loureiro (1853-1932), “Camélias”, no qual, por trás de uma jarra de camélias ‘Variegata’ aparece uma efígie que é o auto-retrato do pintor. A sua obra “Aspecto do Jardim do Palácio de Cristal” mostra um canteiro do parterre frontal do Palácio de Cristal com uma camélia.

Há um outro quadro muito bonito com camélias também da mesma época, da autoria de Henrique Pousão (1859-1884), intitulado “Flores”, onde se nota grande mestria e a influência de António José da Costa, seu professor. É uma obra da juventude, em que o seu estilo ainda não se tinha revelado,



Fig. 194 "Flores", de Henrique Pousão. Quadro exposto em jovem na Exposição Hortícola Internacional no Palácio de Cristal em 1877, pelo qual recebeu um diploma de mérito. Museu Nacional de Soares dos Reis.



Fig. 195 "Jarra com camélias", de José de Almeida e Silva. Museu Nacional de Soares dos Reis.



Fig. 196 "Camélias", de Sofia de Souza. Coleção particular.



Fig. 197 "Flores", de Alice Grilo. Museu Nacional de Soares dos Reis.



Fig. 198 Aguarela “Camélia Jane Andresen”, pintada por Theodora Andresen. Coleção particular.

foi pintada quando tinha apenas 18 anos. Pousão ganhou com esse quadro um 4.º prémio — menção honrosa — na Exposição Hortícola Internacional de 1877, no Palácio de Cristal.²¹⁵

Em José de Almeida e Silva (1986-1945), pintor do realismo e do naturalismo tardio, também se nota uma estética romântica, como na obra “Jarra com camélias”, de 1906.

Sofia de Souza (1870-1960), irmã da conhecida pintora Aurélia de Souza, foi outra discípula de Marques de Oliveira. Prosseguiu os seus estudos em Paris, e ao regressar expôs as suas obras no Porto, tanto na Sociedade de Belas Artes como no Salão Silva Porto. Pintora de paisagens e motivos de interior, também escolheu as camélias como tema.

Alice Grilo (1870-1945) foi outra pintora florista portuense, já de finais do século XIX. Frequentou, tal como as irmãs Aurélia e Sofia de Souza, a Academia Julien de Paris, e no seu tempo foi muito elogiada pelos críticos de arte.

Nascida já em 1900, a pintora Theodora Andresen (1900-1989) também frequentou a Academia Julien, sendo aluna de Jean Paul Laurens. Influenciada pelo ambiente familiar — sua mãe, Jane Andresen, dona da Quinta do Campo Alegre, foi uma exímia escultora, aluna de Teixeira Lopes e Katzenstein — e guiada pelos conselhos de António José da Costa e de Cândido Cunha, cultivou um estilo muito pessoal, inspirando-se no natural das coisas. Pintou a camélia baptizada por Moreira da Silva com o nome da sua mãe — ‘Jane Andresen’.



Fig. 199 Aspecto do sector de Belas Artes na Exposição Internacional de 1865 no Palácio de Cristal.



16

Alguns jardins com camélias oitocentistas na região do Porto

Na cidade do Porto há inúmeros jardins com camélias, muitos deles do século XIX, que é sem dúvida uma época incontornável na arte dos jardins do Porto e do Norte de Portugal. Para o historial dos primeiros jardins aqui mencionados, iremos tomar como principal referência o artigo de José Marques Loureiro «A Camélia», no *Jornal de Horticultura Prática*.²¹⁶

Ao falar do aro do Porto não podemos deixar de referir dois jardins emblemáticos em Vila Nova de Gaia, com intervenção no século XVIII ou anteriormente. Um deles é a Quinta de Campo Belo, em cuja construção esteve envolvido Nicolau

Fig. 200 Camélias em flor no jardim da Quinta da Macieirinha.



Fig. 201 As enormes camélias da Quinta de Campo Belo, por volta de 1957. Fotografia de Teófilo Rego.

Fig. 202 Sebe de camélias na Quinta de Campo Belo.

Nasoni, e onde, ao passar o portão da casa, somos surpreendidos por enormes e altíssimas camélias. Noutra zona do jardim existem alegadamente as mais antigas camélias de Portugal, como referido no Capítulo 2. Em 2015 morreu uma destas camélias, uma *C. japonica* 'Rubra' antiquíssima. Esta camélia foi motivo de peregrinação de muitos estrangeiros, incluindo japoneses. Além destas camélias plantadas em semicírculo com uma taça redonda no meio, há na mata um bellissimo lago com o cunho de Nasoni, também rodeado por camélias seculares. No caminho para a casa vê-se uma sebe de camélias antigas, onde em quatro nichos se encontram bonitas estátuas em granito representando as quatro estações. O jardim, além de muitas variedades de camélias, tem uma vista deslumbrante sobre o Porto e o rio Douro.

Como já mencionei no Capítulo 3, Marques Loureiro refere que as primeiras camélias trazidas da Europa para o Porto no século XIX, entre 1808 e 1810, foram importadas pelo Sr. van Zeller e outros amadores, como o Sr. José Vicente, de Vilar, e Bento Gomes, do Carregal.

A outra quinta em Gaia é a Quinta de Fiães, pertencente a Pedro van Zeller desde 1773, propriedade já mencionada pelo padre Agostinho Rebelo da Costa em 1789, que descreve a casa, a capela, o pátio, o souto de carvalhos e o jardim formal a Nascente, com a sua taça de água.²¹⁷ É novamente referida por Louis-François de Tollenare em 1816, que descreve a casa e o jardim — um misto de género paisagista e jardim francês —, mas não fala de camélias, o que é natural, pois ele esteve lá em Julho, altura em que as camélias estão fora do período de floração.²¹⁸ Além disso, os testes de datação revelaram que as camélias importadas mais antigas são de 1805, e nesta data haveria muito poucos exemplares.

Esta propriedade, além das camélias bicentenárias encomendadas de Inglaterra por volta de 1808, como provavelmente a mais antiga 'Variegata' viva da Europa (1805), é uma autêntica floresta de camélias, com cerca de 1.900 cultivares portugueses e estrangeiros, todos do século XIX, numa área de 3,5 ha. Começando por um jardim formal do século XVIII com a sua bacia de água, a Nascente da casa, desenvolve-se a partir daí um jardim paisagista inglês com uma rua central

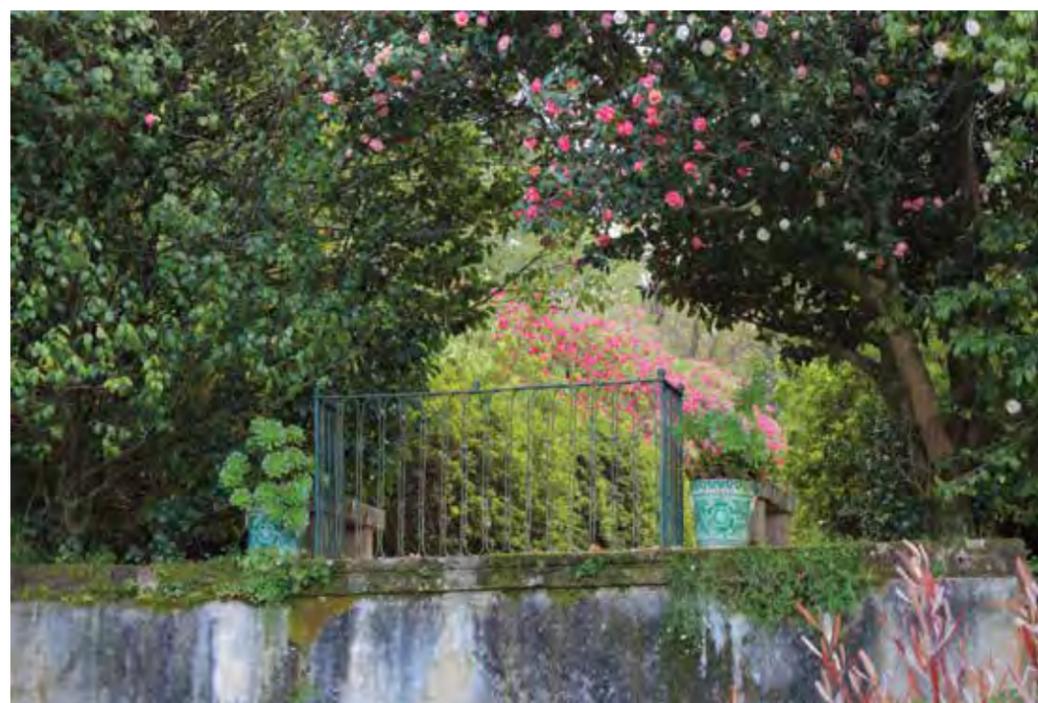


Fig. 203 Quinta de Fiães, Avintes, Vila Nova de Gaia.

Fig. 204 Camélias oitocentistas na Quinta de Fiães.

ladeada por vários caminhos sinuosos e estreitos, num crescendo em altura até chegar à mata com árvores de grande porte, que actuam como um dossel para as muitas camélias e outra vegetação. As plantas de menor porte são as “filhas” e as “netas” das originais. Francisco, Roberto e Cristiano van Zeller foram horticultores apaixonados, mantendo-se sempre actualizados sobre as novidades hortícolas e importando exemplares raros e exóticos, além de colecções de azáleas, rododendros e camélias. Há sete camélias com nomes de membros desta família, entre as quais se destacam a ‘Dona Maria Helena Van-Zeller’ e a ‘Luiz Van-Zeller’. É provavelmente um dos maiores jardins de camélias exclusivamente oitocentistas da Europa e talvez a maior colecção de camélias portuguesas antigas, com exemplares majestosos como a ‘Mathotiana’, a ‘Paeoniiflora Rosea’, a ‘Dom Fernando II de Portugal’, a ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’ e outros.

Segundo Loureiro: “Das *Camélias Pomponia alba*, *P. rosea* e *variegata*, saíram as primeiras sementeiras que se fizeram no Porto, e foi na Quinta de Fiães, na freguesia de Avintes, pertencente ao Sr. van Zeller, que foram obtidas as primeiras variedades de semente.

Como é bem de supor, a princípio ordinárias, depois sofríveis, e, mais tarde, algumas de merecimento notável.

No entanto estavam lançados os primeiros fundamentos para levar esta planta à altura a que chegou entre nós. (...)

Em 1844 apareceu a *Bella portuense*, a *Anagua de Venus*, a *Picturata plena portuensis*, ainda hoje muito cultivadas.

A *Picturata plena portuensis* nasceu na Quinta de Fiães e a *Bella portuense* foi obtida pelo Sr. padre Manoel Silvestre, dedicado amador de plantas, que mais tarde fez bom negócio com a cultura da *Camélia*.²¹⁹

Esta quinta é, depois do Horto das Virtudes, o principal berço das camélias portuguesas, e, como referido no artigo «Fiães, Éden das Camélias» do *Jornal de Horticultura Pratica*, era considerada uma referência para a “*Camélia-cultura portuguesa*”²²⁰.

Eis a lista das 35 camélias obtidas na Quinta de Fiães, tal como mencionada no mesmo artigo:

Camélias obtidas na Quinta de Fiães

(lista incluída no *Jornal de Horticultura Prática*, 1892)

“Acteon	Gigante de Fiaes
Adolpho Moller	Gil Vicente
Amyntas	Lembrança da Exposição
Barão de Villar	Magestosa de Villar
Baroneza de Villar	Magnifica de Fiaes
Bella de Fiaes	Marquez da Fronteira
Brotero	Melpómene
Caliope	Nympha de Fiaes
Carlos Van-Zeller	Padre Manoel dos Santos
Christiano Van-Zeller	Paeonia coccinea
Clara linda	Perfeição de Villar
D. Carlota de Barros Van-Zeller	Picturata Plena Portuensis (Sabonete)
D. Maria Helena Van-Zeller	Pomona
Endymião	Pomposa
Euterpe	Roberto Van-Zeller
Eximia alba	Terpsicore
Fernando Van-Zeller	Triumpho de Fiaes
	Urania” ²²¹



Fig. 205 Sebe de camélias em Fiães.

Além destas 35 camélias, o mesmo artigo refere ainda mais duas obtenções de Fiães: a ‘Jasmim (Fiães)’ e a ‘Luíz Van-Zeller’.

E Marques Loureiro prossegue:

“Ainda hoje se podem ver, nos lugares que deixamos apontados [i.e., os jardins do Sr. Vicente e do Sr. Bento Gomes], algumas destas *Camélias* primitivas, tais como a *Peonia*, no jardim que foi do Sr. José Vicente, com um tronco de uma altura superior a 16 metros e uma copa frondosa, de enorme circunferência, a *Pomponia alba*, *Pomponia rosea*, *Anemona*

cadente; a *Rajada* ou *Almiscarada*, hoje conhecida sob a designação de *variegata*; e, por ultimo, a *Myrtifolia chinesa* e *Alba Plena*, que são as únicas, das antigas, que ainda cultivamos, por serem realmente distintas. (...)

E, assim, dos jardins dos Srs. Pamplona, hoje conde de Resende, Warsemeyer, em Massarelos, Allen, da Restauração, Quinta das Virtudes, etc., saíram sucessivamente bastantes variedades, algumas das quais de mérito reconhecido. (...)

Em 1846 começaram a aparecer muitas variedades de primeira ordem, introduzidas pelo Sr. Belens, grande amator de plantas, que naquela época residia em Massarelos. Destas, a que mais prendeu a atenção dos amadores (...) foi a *Colletti vera*, chamada então *Conde de Paris*.²²²



Fig. 206 *C. japonica* 'Pomponne' em Vilar, actual Colégio de N. Sra. de Lourdes, Porto.

Aqui, Loureiro refere-se a jardins já desaparecidos. Não se conseguiram identificar os jardins do Sr. Silvestre, em Santa Catarina, e o do Sr. Bento Gomes, no Carregal. Corresponderá este último à antiga casa da família Albuquerque, entre o Largo do Carregal e a Rua do Rosário?

Sobre o jardim do Sr. Warsemeyer, em Massarelos, sabemos apenas que foi aí que nasceu a camélia 'Princesa Real'.

Desde o século XVII, as zonas de Massarelos, Vilar e Cedofeita eram muito procuradas por negociantes, não só portugueses, mas também flamengos, alemães e ingleses, que aí mandam construir as suas quintas ou casas de recreio. Também não se sabe onde seria em Massarelos o jardim do Sr. Belens que, como acima referido, foi o introdutor da 'Colletti Vera' em Portugal, e cujos primeiros exemplares foram vendidos a 9\$600 reis, um preço exorbitante que depois foi descendo até se tornar acessível a todas as bolsas. As camélias passaram, então, a fazer parte dos jardins do Porto, pequenos ou grandes.²²³

A Quinta de Vilar corresponderia ao jardim do Sr. José Vicente — cuja "Peonia" monstruosa era considerada por Loureiro como uma das camélias "primitivas" e se supõe que ainda existe — e situava-se no local do actual Colégio de N. Sra. de Lourdes. Grande parte desta quinta, situada entre a Rua D. Pedro V e a Rua D. Estefânia, desapareceu com a construção do edifício do colégio e de outros prédios construídos posteriormente. Pertenceu depois a Cristiano Nicolau Kopke, barão de Vilar, que morreu em 1840. A sua viúva, Leonor Carolina van Zeller, assistiu à morte dos seus cinco filhos, sendo seu único descendente o neto Cristiano van Zeller, que fez modificações na casa.

No que resta deste jardim existem, além da "Peonia" já referida, algumas camélias muito antigas junto ao muro Nascente, entre as quais uma 'Variegata'



Fig. 207 Quinta de Santo Ovídio: a taça de água rodeada de camélias.



Fig. 208 Gravura de 1839 com o Museu e Casa de João Allen, no Porto.

altíssima. A 'Magestosa de Villar' é descrita detalhadamente por Duarte de Oliveira.²²⁴ Há mais três camélias cujos nomes estão associados a esta quinta: 'Barão de Villar', 'Baroneza de Villar' e 'Perfeição de Villar'.

A Quinta de Santo Ovídio, ou do Pamplona, principiava na Praça da República (ex-Campo da Regeneração ou de Santo Ovídio) e estendia-se até à Rua dos Bragas, Rua da Boavista e Rua de Cedofeita. Pertenceu no século XVIII aos Figueiroas e por herança a Manuel Pamplona, mais tarde visconde de Beire, que a deixou à sua filha D. Maria Pamplona, casada com o conde de Resende. É mais um dos *lost gardens* do Porto, que foi destruído para se abrir a Rua de Álvares Cabral. Mesmo assim ainda se podem vislumbrar umas camélias, já mais recentes, a espreitar através dos enormes muros ao alto da Rua de Álvares Cabral. No *Jardim Portuense* já vem mencionada, em 1844, uma camélia lá obtida chamada 'Pamplonia', aparecendo mais tarde outra variedade chamada 'Pamplona'. Manuel Pamplona de Figueiroa, imitando os seus antepassados, abria ao público, aos domingos e dias santos, o lindíssimo jardim anexo à sua casa. Foi aqui que a sua neta Emília casou com Eça de Queirós.

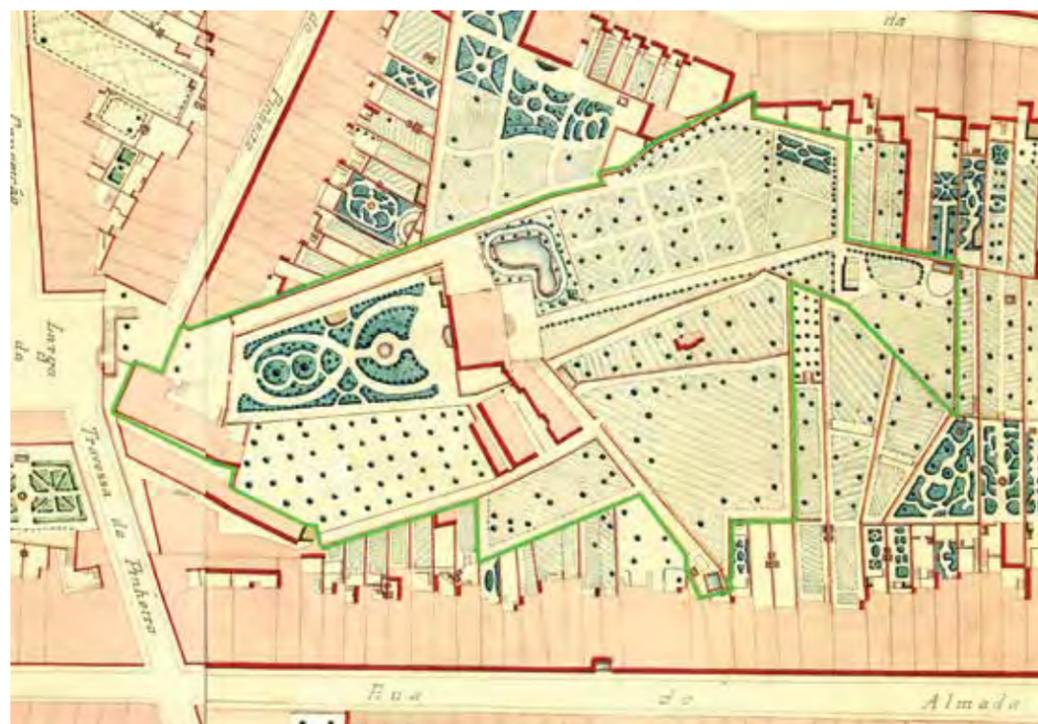


Fig. 209 A Quinta do Pinheiro na carta de Telles Ferreira, 1892.

Marques Loureiro fala também no jardim e casa de João Allen, na Rua da Restauração (hoje também desaparecidos), sendo o jardim na época franqueado ao público aos domingos, bem como o Museu Allen, o primeiro museu privado de Portugal. Este jardim vem referido no *Jardim Portuense* nos seguintes termos: “Do jardim do Sr. João Allen, onde se conservam os protótipos da maior parte das camélias estrangeiras mais recentes, vimos duas de muito superior beleza: a *Lady Eleanora Campbell* e a *Rouvroy* (do padre Berlèse)”²²⁵.

A Quinta do Pinheiro é mais um jardim desaparecido, com a sua “vista agradável e formoso prospecto que dela se goza”²²⁶, segundo o Padre Agostinho Rebelo da Costa. Fica situada numa cota superior à do Largo de Mompilher e pertenceu ao conselheiro Camilo Aureliano de Sousa. A casa e capela ainda existem, embora já não seja possível vislumbrar nenhum vestígio daquilo que foi a sua magnífica colecção de quase

500 camélias nem da sua estufa, onde com elas fazia ensaios de *placage*.²²⁷ Duarte de Oliveira fala deste jardim: “A estufa que possuía era pequena; mas suficientemente grande para reproduzir as plantas que destinava ao ornamento do seu jardim. A sua horta era sempre um primor: todas as hortaliças novas eram ali experimentadas, e os resultados que colhia registava-os na carteira. Em 1874 formou um pomar modelo — verdadeiro jardim frutífero, segundo o método francês.”²²⁸ Também o Conde d’Aurora se refere a Camilo Aureliano e à Quinta do Pinheiro: “Notável foi a sua colecção de plantas no tempo do possuidor Camilo Aureliano”²²⁹.

A Quinta das Virtudes pertenceu ao capitão José Pinto de Meireles. Aqui esteve instalado o horto de Pedro Rodrigues, mais tarde o famoso Horto das Virtudes. Este horticultor tomou conta de uma secção da quinta, fundando um pequeno estabelecimento de floricultura em 1828, onde se especializou em camélias, cravos e fúcsias, algumas dalias, laranjeiras e limoeiros. Em 1844 chamou José Marques Loureiro para o ajudar, e mais tarde passou-lhe o estabelecimento. Loureiro elevou este horto ao ponto de ser considerado o melhor da Península Ibérica, um “estabelecimento que faz honra ao Porto, como Marques Loureiro faz honra ao país.”²³⁰ As suas muitas estufas estavam cheias de milhares de plantas raras e exóticas muito bem tratadas, possuía colecções de mais de 400 variedades de rosas e, quanto a camélias, no Catálogo N.º 3 constam 202 camélias portuguesas e 691 estrangeiras. No Catálogo N.º 29 afirma que possui mais de 60.000 exemplares nos seus viveiros! O rei D. Fernando, numa visita que fez em 1884 ao horto de Loureiro juntamente com o infante D. Augusto, felicitou-o “pela grandeza, boa ordem e esmerada cultura do seu vasto estabelecimento (...) que, sem favor, se podia colocar a par dos estabelecimentos de primeira ordem naquele género que, há pouco tempo, tinha visitado na excursão que fizera pelo estrangeiro.”²³¹

No início da década de 1890, os directores da então chamada Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, José Marques Loureiro e Jerónimo Monteiro da Costa, tomaram a iniciativa de construir à entrada do estabelecimento, na Rua das Virtudes, um grande pavilhão, muito bem ornamentado, para exposição permanente e venda das suas plantas, flores e frutos, prestando ainda mais um serviço ao desenvolvimento hortícola do país.²³²



Fig. 210 Aspecto actual da Quinta das Virtudes.

O último catálogo a que tive acesso do estabelecimento das Virtudes é o N.º 111, de 1972-1973, incluindo 32 camélias. Actualmente está aí localizada a Cooperativa Árvore.

Loureiro continua: “À medida que no Porto se iam fazendo repetidas sementeiras e se obtinham novas variedades, os amadores mandavam também vir do estrangeiro as que iam aparecendo nos mercados.

Deste modo foi introduzida nesta cidade a *Camélia Smithy*, então *Rajada fina*, a *Stenano*, a que chamam *Conde de Farrobo*, mas cujo verdadeiro nome é *Leana superba*, a *Sweetiana*, conhecida pelo nome de *Anagua inglesa*, mandadas vir de Inglaterra pelo Sr. António Ferreira Pinto Basto.”²³³

António Ferreira Pinto Basto comprou, no início do século XIX, a Quinta da Macieirinha, actual Museu Romântico, também conhecida por Quinta das Macieiras ou do Sacramento. Terá sido ele quem executou o arranjo mais importante da quinta, antes de 1849.²³⁴ Nesse ano a quinta foi alugada ao rei Carlos Alberto da Sardenha, durante o seu exílio de 4 meses no Porto, onde veio a morrer. Infelizmente quase todas as camélias antigas morreram ou foram abatidas. Além de ser o criador de 4 camélias mencionadas no *Jardim Portuense*, António F. Pinto Basto encomendou várias camélias do estrangeiro na década de 1840, como referido por Marques Loureiro.

Passemos agora a outros jardins de camélias não mencionados por Loureiro no artigo referido. Um deles é o Jardim de S. Lázaro, o primeiro



Fig. 211 A Quinta da Macieirinha em 1849, vendo-se várias camélias frente à fachada Sul da casa.

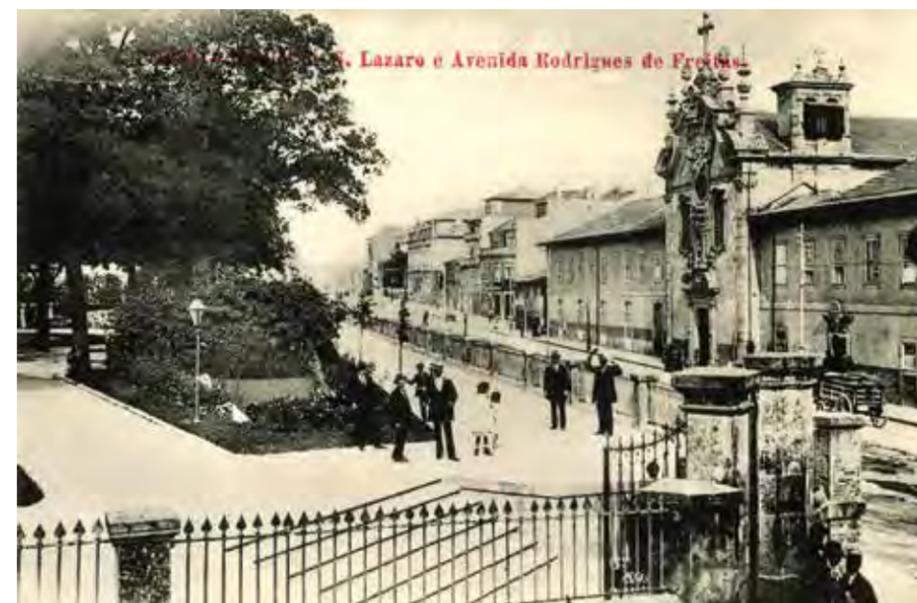


Fig. 212 O Jardim de S. Lázaro nos primeiros anos do século XX.



Fig. 213 Quinta da China.

jardim público, cujas obras foram iniciadas em 1832, dirigidas por João Baptista Ribeiro, sendo o desenho do jardim de autoria de João José Gomes. Está situado junto ao antigo Convento de Santo António, onde foi fundada em 1833 a Real Biblioteca Pública criada por ordem de D. Pedro IV, seguindo-se a instalação do Museu Portuense, o mais antigo museu público do país. João José Gomes — o “jardineiro de S. Lázaro” e o primeiro jardineiro municipal — foi um apaixonado por camélias e obtentor de muitas novidades, e terá aqui plantado muitas das suas obtenções anteriores a 1844, como por exemplo a ‘Lazarina’. Posteriormente, em 1869, o jardim foi remodelado por Emílio David e transformado em passeio público.²³⁵ As camélias que lá existem actualmente foram plantadas muito posteriormente.

A Quinta da China, já mencionada pelo padre Agostinho Rebelo da Costa, é outra quinta do século XVIII com uma vista deslumbrante, e que se desenvolve em socacos sobre o rio Douro. Aqui trabalhou como jardineiro Manuel Gomes de Macedo, pai de João José Gomes. Em frente da casa existe um patamar virado a Sul, sobre o rio Douro, com camélias antigas e uma bonita balaustrada. Esta quinta permanece um testemunho dos tempos em que lá viveram as pintoras Aurélia de Sousa e sua irmã Sofia, que pintaram alguns quadros evocativos desta paisagem.

João Allen, além da sua casa na Rua da Restauração, comprou a Quinta da Arcaria em 1839 para residência de campo, data em que iniciou a plantação do jardim, incluindo camélias, entre as quais a antiga ‘Oranda Kô’. Esta quinta, juntamente com

Fig. 214 Quinta de Villar d'Allen, vendo-se na frente um bonito exemplar de *C. japonica* ‘Incarnata’.



Fig. 214 Quinta de Villar d'Allen, vendo-se na frente um bonito exemplar de *C. japonica* ‘Incarnata’.

outras propriedades que se lhe juntaram, passou depois a chamar-se Quinta de Villar d'Allen. Aqui introduziu os novos princípios da arte dos jardins. A sua obra foi continuada pelo filho Alfredo, visconde de Villar d'Allen, grande apaixonado e criador de várias camélias, que introduziu várias espécies arbóreas e construiu os jardins na frente da casa, incluindo o lago e a cascata, possivelmente com a colaboração de Emílio David. Além do jardim formal setecentista, a Sul e a Poente, grande parte do jardim mostra a influência paisagista inglesa, com linhas sinuosas e pequenos recantos, com várias espécies de árvores exóticas e camélias portuguesas, como a famosa ‘Vilar d'Allen’, e também estrangeiras.

Ernest Bergman visitou esta quinta em 1890. Eis as suas impressões: “Uma das mais belas propriedades particulares do Porto é a do visconde de Villar d'Allen, no Porto, Campanhã. Neste jardim pudemos admirar palmeiras muito bonitas, (...) um



Fig. 215 Quinta da Prelada.

Nasoni, com o seu portão monumental antecedido de muros em semicírculo de granito trabalhado. Por trás da casa, além do labirinto — um dos maiores labirintos de buxo da Península Ibérica — existe um jardim de camélias e rododendros. A partir da casa estendia-se uma alameda ladeada de buxos e camélias que se prolongava até ao Chafariz do Cágado e ao lago redondo, com a torre ameada neogótica situada numa ilha, junto à mata onde hoje está instalado o centro hípico do Sport Club do Porto. Esta alameda foi, infelizmente, interrompida na década de 1990 pela Via de Cintura Interna. Aqui trabalhou o “jardineiro de S. Lázaro”, João José Gomes, em meados do século XIX.

exemplar notável do *Cocos australis* que floresce todos os anos. Depois uma autêntica floresta de camélias, louros-cerejos com 5 a 6 metros de altura, umas *Dracaena indivisa* ramificadas desde a base, fazendo assim desdizer o seu qualificativo.”²³⁶

Esta quinta continua na posse da família, e os actuais donos não se têm poupado a louváveis esforços para preservar e divulgar este património tão importante.

Também merece referência a Quinta da Prelada, em Ramalde, cujo jardim foi projectado por Nicolau



Fig. 216 O Solar dos Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia.

Manuel Pamplona, visconde de Beire, vivia na Quinta de Santo Ovídio, e tinha ainda uma outra casa em Vila Nova de Gaia que adquiriu por volta de 1834. Esta casa é conhecida por Solar dos Condes de Resende, onde a família passava os meses de Verão. Aqui esteve Eça de Queiroz, casado com Emília de Castro Pamplona, filha dos condes de Resende. No jardim principal, em frente da casa, ainda hoje se pode ver uma bonita “casa de fresco” com camélias seculares.

Outra bonita quinta com camélias e com uma grande carga histórica em Vila Nova de Gaia é a Quinta do Fojo, mandada construir em 1714 pelo general inglês William Neville. Aqui ficou o general Wellington durante as invasões francesas. Durante as guerras liberais foi quartel-general dos Miguelistas. Ao passar o portão



Fig. 217 *C. japonica* 'Mathotiana' junto à fachada principal da Quinta do Fojo.

vê-se uma enorme camélia do lado direito. Depois do pátio em frente à casa ainda se pode ver o que resta de uma longa avenida de camélias que ia até ao tanque, possivelmente da autoria de Nasoni, e que actualmente faz parte dos terrenos do campo de golfe da Quinta do Fojo.

O jardim formal frente ao Palácio de Cristal foi inicialmente desenhado pelo jardineiro paisagista alemão Emílio David, chamado em 1864 por Alfredo Allen para esse efeito, como já referido. Segundo Teresa Portela Marques: “O vasto jardim formal, localizado na entrada do recinto, geométrico e simétrico em relação ao edifício, ampliava a sua monumentalidade. Era composto por canteiros relevados, formando uma elipse, onde se abriam açafates que expunham novas plantas de flor e folhagem variadas”.²³⁷ Neste jardim há muitas camélias antigas, não só junto ao gradeamento que dá para a Rua D. Manuel II, mas também plantadas isoladamente, nos canteiros.

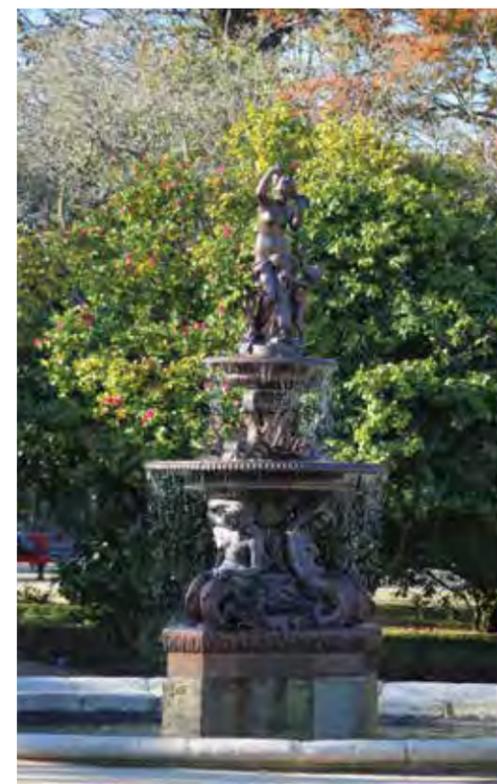


Fig. 218 Palácio de Cristal. Taça emoldurada por camélias no actual jardim Emílio David.

Além deste jardim da entrada, há a grande avenida das tílias, o bosque com seus caminhos, pequenos lagos, a cascata e a gruta de Camões, onde as camélias também estão presentes. Havia ainda outros jardins formais, já desaparecidos. Emílio David ficou encarregado de dirigir a Secção de Horticultura e Jardinagem da Sociedade de Jardinagem do Palácio de Cristal Portuense.²³⁸

Em 1881 os jardins sofreram alterações, orientadas pelo paisagista belga Florent Claes. A ele se deve o grande lago e a sua gruta artificial, junto ao edifício do Palácio de Cristal. A gruta já não existe, e grande parte do lago desapareceu. Recentemente a Câmara Municipal do Porto recuperou o parterre frontal — hoje chamado Jardim Emílio David — sob a orientação da arquitecta

paisagista Teresa Portela Marques, cujo projecto incluiu uma colecção notável de camélias oitocentistas portuenses, tendo em mente as camélias mais notáveis do século XIX, entre elas as expostas nas várias exposições no Palácio de Cristal.

Podemos agora aí ver variedades com o nome de membros da família real portuguesa, de Marques Loureiro, Duarte de Oliveira, de várias famílias portuenses e também a ‘Lembrança da Exposição’, obtida na Quinta de Fiães e assim baptizada para comemorar a Exposição Internacional do Porto no Palácio de Cristal em 1865. O jardim recuperado foi inaugurado em 2019.

O Jardim da Cordoaria também foi projectado por Emílio David. Há referência a uma plantação posterior de camélias, em 1872. Em 1881, Joaquim de Melo e Faro



Fig. 219 *C. reticulata* 'Captain Rawes' no segundo patamar do jardim da Casa Tait.

congratula-se pela plantação de maciços de camélias na Cordoaria, esperando que as variedades plantadas sejam bem escolhidas. E prossegue: “O Porto é a região, por excelência, da *Camélia*, e bom é, que aqueles que nos visitam, possam admirar estes encantadores arbustos nos jardins públicos.”²³⁹

Em 1886 Duarte de Oliveira elogia o Jardim da Cordoaria, “delineado por mão de mestre”²⁴⁰ há dezoito anos e que, depois de tratado com desmazelo durante muitos anos, volta a estar “um primor”²⁴¹, louvando Carlos Alves, o encarregado do pelouro dos jardins da câmara do Porto.

Outro jardim com camélias antigas é o da Casa Tait. Várias famílias inglesas residiram nesta quinta, também chamada Quinta do Meio, até ser adquirida em 1900 por William Chaster Tait, que já lá vivia desde a década de 1880 como inquilino. Este cidadão britânico foi um grande estudioso da fauna e flora, profundo conhecedor



Fig. 220 *C. japonica* 'Augusto Leal de Gouveia Pinto' no cemitério de Agramonte.



Fig. 221 Camélias no cemitério do Prado do Repouso.

das várias espécies de eucaliptos e introdutor de várias espécies vegetais. Foi ainda autor do livro *The Birds of Portugal* (1924). Aqui existe um magnífico exemplar de *Liriodendron tulipifera*, considerado em tempos o maior da Europa. Parte desta árvore colossal caiu, vítima de um temporal, na primeira década do século XXI.

A sua filha, Muriel Tait, fez em 1964 uma descrição do jardim, referindo que se estende ao longo de quatro patamares com vista para a foz do Douro e o Oceano Atlântico. As camélias grandes e antigas estão no segundo patamar, evidenciando-se uma enorme 'Paeoniiflora' e uma belíssima *C. reticulata* 'Captain Rawes', uma antiga camélia de origem chinesa. Existe ainda uma camélia oitocentista portuense, a 'Princesa Real', que, segundo Miss Tait, “é muito elegante e bastante firme, e as flores aparecem mais tarde do que na maioria das variedades. É excelente para a decoração de mesas, pois sobressai lindamente.”²⁴²

Refere ainda que no terceiro patamar existem 6 variedades de *C. sasanqua*, com 65 anos, que foram oferecidas aos seus pais e vieram directamente do Japão. Até há pouco tempo julgava-se que eram as mais antigas *C. sasanqua* existentes



Fig. 222 Casa de fresco com camélias na Quinta de Chão Verde.

em Portugal, mas a investigação veio provar que esta espécie de camélias já estava exposta na Exposição Agrícola do Porto em 1857. O barão de Soutelinho, Alfred W. Tait — irmão de William C. Tait —, criou por volta de 1910 uma camélia *sasanqua* que baptizou com o seu nome, e ainda outra dedicada à sua mulher, a ‘Baronesa de Soutelinho’.

No Porto, as camélias também marcam presença nos cemitérios. Segundo uma carta de George A. Wheelhouse em 1875: “No Porto, quem quiser ver algumas plantas raras e lindas, tem de procurar os particulares, ou então o cemitério de Agramonte que está esmeradamente tratado (...). Haverá poucos na Europa que o igualem.”²⁴³

Duarte de Oliveira comenta esta carta escrevendo: “O Sr. Wheelhouse faz justiça a quem a deve ter. Não que no cemitério de Agramonte está lá um homem



Fig. 223 Jardim de entrada da Quinta das Devesas.

inteligente e laborioso; (...) um homem de muito gosto — o reverendo padre Alexandre Pinto Pinheiro.”²⁴⁴ Neste cemitério há camélias isoladas, algumas de grande porte, como que a proteger um jazigo, ou em filas, formando uma bonita álea. Está aqui sepultada a famosa — e saudososa — pianista portuense

Helena de Sá e Costa, cuja flor preferida era a camélia.

No cemitério do Prado do Repouso, situado na antiga Quinta do Prado, em tempos pertencente aos bispos do Porto, também se podem ver muitas camélias ao longo das várias ruas.

No seu retorno, alguns dos portugueses que tinham feito fortuna no Brasil fixaram-se no Porto, construindo casas imponentes em que o eclectismo era uma constante, tanto na decoração dos interiores como no delinear dos jardins, e onde satisfaziam o seu gosto pelo contacto com a Natureza. Um exemplo é a Quinta de Chão Verde em Rio Tinto, casa de recreio do comendador António Lourenço Correia. O jardim é profusamente ornamentado com embrechados e estatuária em faiança portuguesa — das fábricas do Cavaquinho e de Santo António do Vale da Piedade — e italiana. Junto à casa existe um patamar com um conjunto de camélias antigas formando uma “casa de fresco”, como se pode ver na fotografia.

A Quinta das Devesas pertenceu a Francisco Pereira Pinto de Lemos, primeiro conde das Devesas, que também tem uma camélia com o seu nome. Em frente à casa existe um tulipeiro (*Liriodendron tulipifera* L.) monumental. No jardim a Poente existe uma sebe altíssima de camélias antigas. Esta quinta pertence desde 2009 à Câmara Municipal de Gaia. Recentemente fez-se uma



Fig. 224 Portão de entrada da Quinta de S. Roque da Lameira.

grande plantação de camélias em que predominam as camélias portuenses de Oitocentos.

Já de finais do século XIX, a Quinta de S. Roque da Lameira pertenceu a António Ramos Pinto (1854–1944) que chamou Jacinto de Matos para desenhar e construir o jardim. As estufas de sua mulher, Maria Virgínia de Castro, também descendente de brasileiros, eram famosas pelas orquídeas, e na quinta existe uma colecção de camélias centenárias.

A Quinta do Alão, ou Casa de Recarei, situa-se em Leça do Balio. O jardim remonta ao século XVII, embora com muitas intervenções posteriores, algumas delas, possivelmente, da autoria de Nicolau Nasoni. Ao longo das suas plataformas desniveladas, tão características, podem ver-se algumas camélias antigas.

As camélias mais antigas da Quinta do Campo Alegre são provavelmente as que se encontram junto aos muros que dão para a Rua do Campo Alegre, talvez plantadas



Fig. 225 Taça rodeada de camélias na Quinta do Alão, em Leça do Balio.

antes da quinta ser propriedade de João e Jane Andresen. As enormes sebes de camélias, que se estendem por mais de 500 metros, foram mandadas plantar por Jane Lehman Andresen, minha bisavó. Chamou Alfredo Moreira da Silva para proceder à sua plantação, que se efectuou entre 1897 e 1899. Já falei nesta quinta e na minha bisavó no Capítulo 13, e também na camélia ‘Dona Jane Andresen’ obtida por Moreira da Silva.

As sebes delimitam totalmente três jardins — o Jardim dos Jotas, o Roseiral e o Jardim do Peixe (originalmente uma espargueira), e parcialmente o Jardim do Xisto, o jardim do lado esquerdo da casa e o Jardim do Chafariz. Estas sebes, com as suas pequenas aberturas junto aos extremos, fazem-me lembrar o “jardim dos



Fig. 226 Vista aérea do Jardim dos Jotas no Jardim Botânico.

quartos” de Lawrence Johnston, em Hidcote Manor, em Inglaterra, já no estilo *arts and crafts*. A maioria das camélias destas sebes são as chamadas “clássicas”, como por exemplo a ‘Alba Plena’, a ‘Incarnata’ e a ‘Colletti Vera’, mas também existem aqui bonitas camélias portuguesas de Oitocentos, como a ‘Dom Pedro V, Rei de Portugal’, a ‘Rainha Santa Isabel’ e, claro, a ‘Dona Jane Andresen’. Recentemente foram aqui plantadas mais camélias portuenses a colmatar os espaços vazios.

Há ainda muitíssimas camélias junto dos muros que dão para a Rua do Campo Alegre, entre as quais algumas *C. sasanqua* Thun., e uma bonita *C. reticulata* ‘Captain Rawes’ do lado das estufas. E para lá do bosque, junto ao muro Sul, também se podem ver camélias plantadas isoladamente.



Fig. 227 Uma das enormes sebes do Jardim Botânico.

A quinta foi comprada pelo Estado Português em 1949, sendo aí instalado, em 1951, o Jardim Botânico do Porto, pertencente à Universidade do Porto. A Direcção do Jardim Botânico, com a inestimável colaboração do Prof. Armando Oliveira e do Sr. António Assunção, que estudaram e identificaram a maioria das camélias deste jardim, fez a candidatura deste espaço a *International Camellia Garden of Excellence*. Este merecido galardão foi outorgado pela International Camellia Society em 2020.

Também se podem ver camélias antigas em jardins públicos e privados de finais do século XIX. A Quinta de Serralves, ou Casal de Santa Maria, pertenceu a Carlos Alberto Cabral, segundo conde de Vizela. As camélias que aqui existem, a Norte da casa, devem ser ainda de Oitocentos, bem como outras, resquícios de



Fig. 228 Entrada da Casa Burmester.



Fig. 229 Estufa junto de uma camélia na Casa Primo Madeira.

jardins anteriores à grande remodelação levada a cabo por Carlos Alberto Cabral de acordo com o projecto do arquitecto Jacques Gréber. Outros jardins com bonitas camélias de finais do século XIX são a Casa Burmester e a Casa Primo Madeira que, juntamente com o Jardim Botânico do Porto (antiga Quinta do Campo Alegre) integram actualmente o Pólo III da Universidade do Porto.

São ainda de assinalar mais alguns espaços públicos, como por exemplo o Largo do Priorado, junto da Igreja de Cedofeita, com uma bela colecção de camélias antigas, todas da variedade 'Paeoniiflora'. Também podem ver-se camélias mais recentes na Rotunda da Boavista, na Praça do Marquês de Pombal e no Jardim do Passeio Alegre, jardins traçados por Jerónimo Monteiro da Costa.



Fig. 230 Sebe de camélias junto ao muro do Jardim Botânico do Porto, antiga Quinta do Campo Alegre.

É impressionante a quantidade de camélias espalhadas pela cidade. E muitas mais haveria se algumas antigas quintas do Porto, como por exemplo a de Vilar, a da Prelada e a de Santo Ovídio (junto à Praça da República), não tivessem sido parcial ou totalmente destruídas para dar lugar a novos arruamentos e edifícios.

Neste vasto “Jardim de Camélias” junto ao Douro plantado, as camélias são sem dúvida a flor emblemática. Podemos ver estas “Rainhas do Inverno” por todo o lado: quer espreitando através dos muros dos jardins, quer nas praças e jardins da cidade, a dar cor e vida durante os dias tristes e cinzentos dos meses mais frios do ano.

Como escreveu recentemente Teresa Portela Marques a propósito do Porto: “Os jardins privados da burguesia industrial e as inúmeras praças e jardins das velhas casas — onde imperam os canteiros floridos, as camélias e os rododendros, entre muitos outros exotismos — são estruturas determinantes para o carácter da cidade que abraçou, com desvelo, a horticultura enquanto arte e saber.”²⁴⁵

Temos actualmente um legado de mais de 400 variedades portuguesas e interessantes factos históricos relacionados com as camélias. Segundo Duarte de Oliveira: “José Marques Loureiro era mais do que um industrial, dedicando-se à horticultura, mais por paixão do que pela ambição mesquinha do lucro.”²⁴⁶

Este espírito e dedicação de Loureiro são um exemplo para que as gerações mais novas continuem a “abraçar” a horticultura e a apreciar e preservar um valioso património genético nacional, mais especificamente do Porto e arredores: as camélias portuenses.

Anexo I
Origem do nome
de várias camélias
oitocentistas do Porto



Dom Pedro V, Rei de Portugal – 1865



Roberto Van-Zeller – 1865



Alfredo Allen – 1865



Luiz Van-Zeller – 1892

Origem do nome de várias camélias oitocentistas do Porto

1 – Incluindo a designação Portuense/Portuensis	b) Dinastia constitucional de Bragança (também família imperial do Brasil)	Infante Dom Henrique
Alba Plena Portuensis		Infante Dom João
Anemona Variegata Portuensis	Dom Carlos Fernando (Príncipe Real)	Maria 2ª
Bella Portuense	Dom Fernando II de Portugal	Princesa Amelia
Japonica Portuensis, fol. aur. var.	Dom Luiz I, Rei de Portugal	Princesa Maria Amelia d'Orléans
Miniatura Portuensis	Dom Pedro II, Imperador do Brasil	Príncipe da Beira
Marmorea Portuensis	Dom Pedro V, Rei de Portugal	Rainha D. Amelia
Paeonia Rosea Portuensis		Rei Artista
Paeonia Rubra Portuensis	Dona Maria Pia, Rainha de Portugal	
Picturata Plena Portuensis	Dona Maria II, Rainha de Portugal	3 – Mitologia
Pomponia Estriata Portuensis	Dona Stephania, Rainha de Portugal	Acteon (Fiaes) – [<i>Caçador, criado pelo centauro Quiros. Viu Diana no banho e esta, indignada, transformou-o num veado, sendo morto pelos seus próprios cães.</i>]
Pomponia Grandiflora Portuensis	Duque do Porto	Adamastor – [<i>Um dos gigantes, filhos da Terra; Lusíadas: Cabo da Boa Esperança.</i>]
Pomponia Portuensis	Duquesa de Bragança (M. Carneiro)	Alcione, o Gigante – [<i>Um dos gigantes que lutou com os deuses.</i>]
2 – Nomes da família real Portuguesa	Duquesa de Bragança (Marques Loureiro)	Amyntas (Fiaes) – [<i>General de Alexandre, o Grande.</i>]
a) Reis e rainhas de Portugal	Imperador e Rei D. Pedro IV	Calliope (Fiaes) – [<i>Musa da Eloquência e da Poesia Épica.</i>]
Dom Dinis, o Lavrador	Imperatriz Amelia	Endymião (Fiaes) – [<i>Rei de Elis, de beleza excepcional.</i>]
Dom João IV	Imperatriz do Brasil	Euterpe (Fiaes) – [<i>Musa, doadora de prazeres.</i>]
Dom Manoel, o Afortunado	Imperatriz Dona Leopoldina	Melpómene (Fiaes) – [<i>Musa da Tragédia.</i>]
Dona Beatriz de Portugal	Infanta Dona Antonia	Nympha de Fiaes – [<i>Ninfas – divindades mitológicas associadas à natureza, sobretudo à água.</i>]
Dona Constança de Portugal	Infanta Dona Isabel Maria	
Dona Ignez de Castro	Infanta Dona Maria Anna	
Dona Leonor de Portugal	Infante Dom Affonso Henriques	
Rainha Dona Mafalda	Infante Dom Augusto	
Rainha Santa Isabel	Infante Dom Fernando	

Pomona (Fiaes) – [<i>Deusa da abundância e dos pomares.</i>]	Marilia de Dirceo	8 – Personagens da época
Terpsicore (Fiaes) – [<i>Musa da Música e da Dança, mãe das sereias.</i>]	Marqueza d'Alorna	a) Botânicos, horticultores e entusiastas de horticultura
Urania (Fiaes) – [<i>Musa da Astronomia – Grécia.</i>]	Menina e Moça	Adolpho F. Moller
	Moura Encantada	Alberto Allen
	Nicolao Tolentino	Alfredo Allen
	Noiva Arraiana*	Aloysio de Seabra
4 – Pintura	Sá de Miranda	Antonio Bernardo Ferreira
Gran Vasco	Thomaz Ribeiro	Augusto Leal de Gouveia Pinto
Mr. F. Pellereau	Visconde d'Almeida Garrett	Bastiana (Ant. F. Pinto Basto Jr.)
Silva Porto	* <i>Contos do Romancelheiro e outras obras de Almeida Garrett</i>	Brotero (Fiaes)
		Camillo Aureliano
5 – Literatura		Christiano Van-Zeller
Adamastor		Dom Joaquim de Mello e Faro
Alexandre Herculano	6 – Teatro	Dona Jane Andresen
Alfageme de Santarem*	Dona Rosa Damasceno	Dr. A. Claro da Fonseca
Bella Infanta*	Emília das Neves	Dr. Balthazar de Mello
Bernardim Ribeiro	Eduardo Brazão	Dr. Júlio Henriques
Bocage		Dr. Pedro Dias
Camões (J. Gomes)		Duarte de Oliveira
Camões (Marques Loureiro)	7 – Heróis da história de Portugal	Edmond Goeze
Castilho, o Poeta	Bartholomeu Dias	Eduardo Sequeira
Claralinda*	Dom Fuas Roupinho	Emilio David
Dona Ausenda*	Dom João de Castro	Gomesia (João José Gomes)
Dona Branca, Abbadeça de Olgas*	Dom Nuno Alvares Pereira	Jeronymo da Costa
Elpino Duriense	Egas Moniz	Joaquim Casimiro Barbosa
Filinto Elysio	Geraldo sem Pavor	José Marques Loureiro
Frei Luiz de Souza*	Magriço	Luiz de Mello Breyner
Gil Vicente (Fiaes)	Manoelinho d'Evora	Marquez da Fronteira
Jáo, Antonio	Maria da Fonte	Marquez de Ficalho
Lembrança de Alexandre Herculano (Marques Loureiro)	Padeira d'Aljubarrota	Padre Manoel dos Santos (Fiaes)
Linda, a Pastora*	Phebus Moniz	
	Vasco da Gama	
	Viriato	

Pamplona e Pamplonia (Visconde de Beire, o Pamplona)	General Pizarro	Marqueza de Vianna
	General Silveira	Victor Le Cocque
Pomponia Pedrotia (Pedro Rodrigues, jardineiro das Virtudes)	Passos Manoel	Visconde d'Alvellos
	Visconde de Sá da Bandeira	Visconde de Pereira Machado
Roberto Van-Zeller		Visconde de Taveiro
Saudade de Camillo Aureliano	c) Burguesia portuense e nobreza	Viscondessa d'Alvellos
Smith de Vasconcellos	Barão de Massarellos	Viscondessa da Silva Monteiro
Surpreza de J. Marques Loureiro	Barão de Mogofores	Viscondessa de Loureiro
Vanzelleria	Barão de Villar	Viscondessa de Pinhel
Zeferino de Mattos	Baroneza de Villar	Viscondessa de Taveiro
	Conde das Devezas	Viscondessa de Villar d'Allen
b) Personagens da história e da política, liberalões	Dona Camilla de Faria	
Conde d'Arrochella	Dona Carlota de Barros Van-Zeller	
Conde da Graciosa	Dona Catharina d'Athaide	
Conde da Torre	Dona Clarice de Cardoso	
Conde das Antas	Dona Emilia Seabra	
Conde de Cabral	Dona Helena de Souza Holstein	
Conde de Farrobo	Dona Leonor d'Arrochella	
Conde de Torres Novas	Dona Maria Helena Van-Zeller	
Conde de Vila Real	Dona Rita de Cassia	
Conde do Bomfim	Dona Sophia Braga	
Condessa d'Edla	Dr. Cerqueira Gomes	
Duque da Terceira	Duqueza da Terceira	
Duque de Loulé	Duqueza de Lafões	
Duque de Palmella	Duqueza de Palmella	
Duque de Saldanha	Ferreirinha (i.e., Dona Antónia Ferreira)	
Fernandes Thomaz	Marquez de Momfalim	
Fontes Pereira de Mello	Marqueza da Fronteira	
General Caula	Marqueza de Momfalim	
General Mozinho		

Anexo II

Algumas camélias portuenses do século XIX



Calliope (Fiaes) – 1865



Dona Carlota de Barros Van-Zeller – 1875



Pamplona – 1865



Lembrança da Exposição – 1866

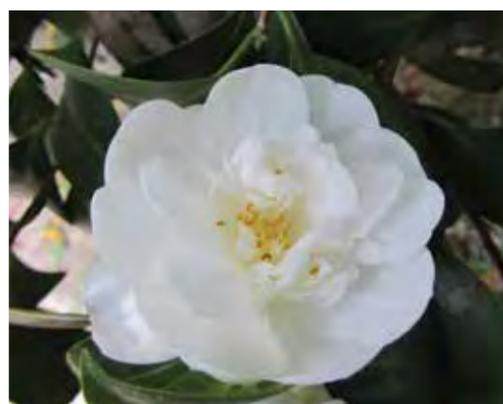


Acteon (Fiaes) – 1865

Nota: Seguem-se imagens de algumas das 355 camélias portuenses de Oitocentos. Para saber a descrição de cada camélia, sugiro a consulta da Lista de Camélias Portuguesas (2011), feita pelo Prof. Armando Oliveira com a minha colaboração, ou ainda os vários catálogos referidos. Quem não tiver esta lista poderá consultá-la na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

*C. japonica* Açoreana*C. japonica* Acteon*C. japonica* Adamastor*C. japonica* Adolpho F. Moller*C. japonica* Alcione, o Gigante*C. japonica* Alfredo Allen*C. japonica* Alleluia*C. japonica* Almeida*C. japonica* Almirante das Indias*C. japonica* Amyntas*C. japonica* Anagua de Venus*C. japonica* Anemona Alba (Paolet)

*C. japonica* Anemona Cadente*C. japonica* Antonio Bernardo Ferreira*C. japonica* Augusto Leal de Gouveia Pinto*C. japonica* Barallia*C. japonica* Barão de Villar*C. japonica* Baroneza de Villar*C. japonica* Belfortia*C. japonica* Bella de Fiaes*C. japonica* Bella Portuense*C. japonica* Broteria*C. japonica* Brotero (Fiaes)*C. japonica* Calliope (Fiaes)

*C. japonica* Camillo Aureliano*C. japonica* Candida Plenissima*C. japonica* Carlos Van-Zeller*C. japonica* Carneria*C. japonica* Christiano Van-Zeller*C. japonica* Claralinda*C. japonica* Conde da Torre*C. japonica* Conde d'Arrochella*C. japonica* Conde das Devezas*C. japonica* Conde do Bomfim*C. japonica* Dama do Paço*C. japonica* Dom Fernando II de Portugal



C. japonica Dom Luiz I, Rei de Portugal



C. japonica Dom Manoel, o Afortunado



C. japonica Dom Pedro II, Imperador do Brazil



C. japonica Dom Pedro V, Rei de Portugal



C. japonica Dona Camilla de Faria



C. japonica Dona Carlota de Barros Van-Zeller



C. japonica Dona Jane Andresen



C. japonica Dona Leonor de Sá



C. japonica Dona Maria Helena Van-Zeller



C. japonica Dona Maria II, Rainha de Portugal



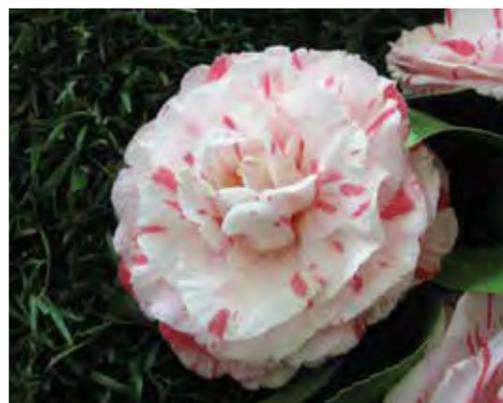
C. japonica Dona Maria Pia, Rainha de Portugal



C. japonica Dona Rita de Cassia



C. japonica Dona Stephania, Rainha de Portugal



C. japonica Dr. Balthazar de Mello



C. japonica Duarte de Oliveira



C. japonica Duqueza de Bragança



C. japonica Duqueza de Palmella



C. japonica Duriensis



C. japonica Edmond Goeze



C. japonica Eduardia



C. japonica Egas Moniz



C. japonica Endymião (Fiaes)



C. japonica Esmaltada



C. japonica Euterpe (Fiaes)



C. japonica Eximia Alba (Fiaes)



C. japonica Fada do Mirante



C. japonica Fernando Van-Zeller



C. japonica Filinto Elysio



C. japonica Fronteiro de Beja



C. japonica General Pizarro



C. japonica General Silveira



C. japonica Gigante de Fiaes



C. japonica Gil Vicente (Fiaes)



C. japonica Helianthus

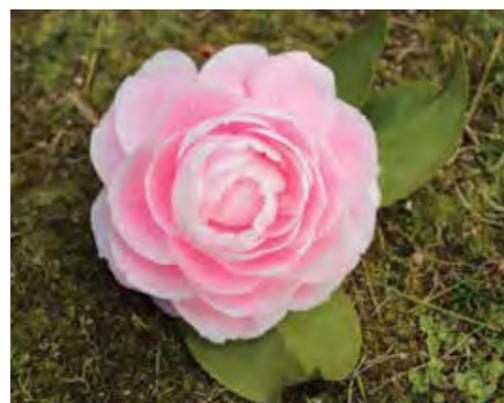


C. japonica Heteroclita Coccinea



C. japonica Horto Loureiro

*C.japonica* Hydranja*C.japonica* Imperador e Rei Dom Pedro IV*C.japonica* Imperatriz Dona Leopoldina*C.japonica* Independencia de Portugal*C.japonica* Infanta Dona Isabel Maria*C.japonica* Japonica Portuensis, fol. aur. var.*C.japonica* Jasmim (Fiaes)*C.japonica* Jeronymo Monteiro da Costa*C.japonica* José Marques Loureiro*C.japonica* Juliana*C.japonica* Lembrança da Exposição (Fiaes)*C.japonica* Linda, a Pastora

*C. japonica* Luiz Van-Zeller*C. japonica* Lusitaniae Regina*C. japonica* Madame Jules Mechlynch*C. japonica* Magestosa de Villar*C. japonica* Magnifica de Fiaes*C. japonica* Marquez da Fronteira*C. japonica* Marquez de Ficalho*C. japonica* Marqueza d'Alorna*C. japonica* Melpómene (Fiaes)*C. japonica* Michaelina*C. japonica* Minima*C. japonica* Nympha de Fiaes



C. japonica Paço de Santo Antonio



C. japonica Padre Manoel dos Santos



C. japonica Paeonia Coccinea



C. japonica Pamplona



C. japonica Passos Manoel



C. japonica Peonia Superba



C. japonica Perdix



C. japonica Perfeição de Villar



C. japonica Pérola de Villar d'Allen



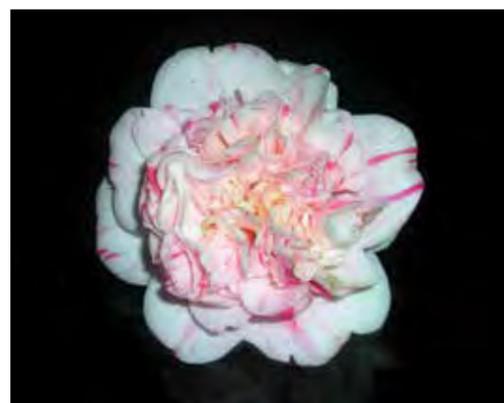
C. japonica Picturata Plena Portuensis

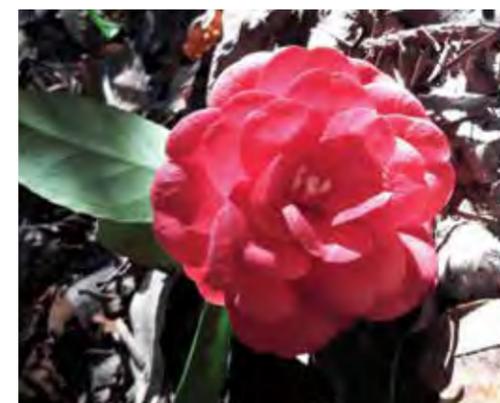


C. japonica Pomona (Fiaes)



C. japonica Pomponia Alba Monstruosa

*C. japonica* Pomponia Alba Odorifera*C. japonica* Pomponia Dilecta*C. japonica* Pomponia Estriata Portuensis*C. japonica* Pomponia Odorifera*C. japonica* Pomponia Pedrotia*C. japonica* Pomponia Portuensis*C. japonica* Pomposa de Fiaes*C. japonica* Primeiro de Fevereiro (Fiaes)*C. japonica* Princesa Real*C. japonica* Principe da Beira*C. japonica* Quatro de Abril (Fiaes)*C. japonica* Quita

*C.japonica* Rainha Dona Mafalda*C.japonica* Rainha Zinga*C.japonica* Roberto Van-Zeller*C.japonica* Rosea Plena Marmorata*C.japonica* Saloia*C.japonica* Stellata*C.japonica* Terpsicore (Fiaes)*C.japonica* Thedinia*C.japonica* Theodoria*C.japonica* Triumpho de Fiaes*C.japonica* Urania (Fiaes)*C.japonica* Vanzelleria



C. japonica Villar d'Allen



C. japonica Viscondessa da Silva Monteiro



C. japonica Viscondessa de Loureiro



C. japonica Viscondessa de Villar d'Allen

Notas

¹ CARDUCCI, Giosuè *apud*. SILVA, Germano – *As camélias e a fortuna*. Revista *Visão* – Sete, 2011, p. 14.

² MELO E FARO, Joaquim de – *A Exposição de Camélias*. *JHP*, Vol. XI, 1880, p. 102.

³ SAINT-VICTOR, Gabriel de – *Portugal – Souvenirs et impressions de voyage*, 1891, p. 26.

⁴ RODIGAS, Émile – *Chronique. L'illustration Horticole*, Vol. XXXVI, 1889, p. 80.

⁵ SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica*. *JHP*, Vol. XXIII, 1892, p. 45.

⁶ GOMES, Manuel Teixeira *apud* CÁLEM, Vera – *Algumas representações de camélias na arte em Portugal*. In catálogo da exposição *Rosas do Japão, representações da camélia na arte em Portugal*, 2014.

⁷ DAEHNHARDT, Jörg – *Eine Wiege europäischer Kamelienkultur*, 2015, pp. 26-29.

⁸ ABREU, Ana Clara – *As Bebidas Exóticas e as Artes Decorativas – o chá, o café e o chocolate*, 2002, p. 10.

⁹ STOOPE, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho*, 1993, p. 176.

¹⁰ SHORT, Herbert – *Death of an old camellia in Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 30, 1998, pp. 35-36.

¹¹ SEABRA, Clara Gil de – *Another Big Tree in Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 35, 2003, pp. 38-39.

¹² CLEYER, Andreas – *Miscellanea Curiosa*, Decuria II, Annus VII, 1689, fig. 24, p. 132.

¹³ SHORT, Herbert – *England's First Camellias. Adapted from Locarno Congress Lecture of Herb Short*. *International Camellia Journal*, N.º 37, 2005, pp. 51-56.

¹⁴ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Rosas do Japão, Candidas Açucenas (...) colhidas no Jardim da Igreja do Japão (...)*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galvão, 1709.4 e *Rosas do Japão e da Cochinchina, Candidas Açucenas (...) colhidas nos Jardins da Igreja do Japão e da Cochinchina (...)*. Lisboa Occidental; Oficina de Pedro Ferreira, 1724.4 *apud* FIGANIÈRE, Jorge César de – *Bibliographia Historica Portugueza*, 1850, p. 271.

¹⁵ EDWARDS, George E. – *A Natural History of Uncommon Birds and of Some Other Rare and Undescribed Animals, 1743-1751 apud* MACOBOY, Sterling – *The Colour Dictionary of Camellias*, 1985, p. 35.

¹⁶ LOUREIRO, Padre João de – *Flora Cochinchinensis*, 1790, pp. 338-340.

¹⁷ BRETSCHEIDER, Emil – *Botanicon Sinicum – Notes on Chinese Botany from native and western sources*, 1822, p. 121.

¹⁸ EDWARDS, Sydenham (ilustrações) – *The Botanical Register*, Vol. I, 1815, fig. 12.

¹⁹ NEMNICH, Philipp Andreas – *Allgemeines Polyglotten Lexicon des Natur Geschichte*, Vol. I, 1793-1795, pp. 771-772.

²⁰ GOMES, Bernardino A. – *Elogio Histórico do Padre João de Loureiro*, 1865.

²¹ LINK, Heinrich Friederich – *Travels in Portugal and through France and Spain*, 1801, p. 328.

²² *Ibid.*

²³ SIMÕES, João Miguel dos Santos – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*, 1971, p. 44.

²⁴ CORREIA, Margarida – *Uma panela em faiança portuguesa datada de 1608 – História de uma doação*. Revista *Museu*, IV Série, N.º 22, 2015/2016, p. 26.

²⁵ LOUREIRO, José Marques – *A Camélia*. *JHP*, Vol. XIII, 1882, p. 106.

²⁶ *Ibid.*, pp. 106-107.

²⁷ *Ibid.*, p. 106.

²⁸ LOUZADA, José L. P. C. – *Relatório Técnico – Trabalho de Avaliação da Idade de Amostra de Madeira*, 2009.

²⁹ GUEDES, Joana Andresen; SHORT, Herbert; LOUZADA, José – *Camellia Archaeology at Quinta de Fiães, Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 44, 2012, pp. 38-40.

³⁰ FRANÇA, José Augusto – *O Romantismo em Portugal*, 1969.

³¹ SILVA, Luís A. P. – *Camélias Portuenses. Jardim Portuense*, 1.ª Série, N.º 7, 1844, pp. 101-102.

³² *Ibid.*, p. 102.

³³ SILVA, Luís A. P. – *Retrospecto do mês de Março. Jardim Portuense*, 1.ª Série, N.º 7, 1844, p. 109.

³⁴ *Id.* – *op. cit.*, p. 102.

³⁵ VITERBO, Sousa – *A Jardinagem em Portugal – Apontamentos para a sua História*, 1908, pp. 76-77.

³⁶ ALMEIDA, A. d' (Pseudónimo de Duarte de Oliveira) – *Fiães, Éden das Camélias*. *JHP*, Vol. XXIII, 1892, pp. 97-102.

³⁷ GIRÃO, António L. Ferreira – *Introdução*. *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*, Vol. I, N.º 1, 1856, p. 5.

³⁸ ALMEIDA, A. d' – *op. cit.*, pp. 97-98.

³⁹ *Jornal O Comércio do Porto*, 1860, p. 2

⁴⁰ *Semanário Arquivo Pitoresco*, 6.º Ano, N.º 8, 1863, p. 64.

⁴¹ *Semanário Arquivo Pitoresco*, 8.º Ano, N.º 43, 1865, p. 338.

⁴² OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 276.

⁴³ *Ibid.*, p. 277.

⁴⁴ *Jornal O Comércio do Porto*, 1865.

⁴⁵ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. *JHP*, Vol. IV, 1873, p. 160.

⁴⁶ MELO E FARO, Joaquim de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. *JHP*, Vol. XV, 1884, p. 20.

⁴⁷ Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, Lda., Catálogo N.º 88, 1948-1949.

⁴⁸ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 275.

⁴⁹ CARNEIRO, José Augusto – *José Marques Loureiro. O Tripeiro*, 1.º Ano, N.º 21, 1909, p. 35.

⁵⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *op. cit.*, pp. 273-288.

⁵¹ LOUREIRO, José Marques – Catálogo N.º 1 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1865, p. 29.

⁵² OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *op. cit.*, p. 277.

⁵³ *Jornal O António Maria*, 1884, p. 192.

⁵⁴ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. *JHP*, Vol. XIII, 1882, p. 177.

⁵⁵ VIEIRA, A. – *Uma visita ao Horto Loureiro*. *JHP*, Vol. XVIII, 1887, pp. 270-271.

⁵⁶ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. *JHP*, Vol. IX, 1878, p. 78.

⁵⁷ PEREIRA, A. M. – *Horto Loureiro*. *JHP*, Vol. XIX, 1888, pp. 231-232.

⁵⁸ BERGMAN, Ernest – *Notes Horticoles sur le Portugal*. *Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France*, 1890, p. 22.

⁵⁹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. *JHP*, Vol. XI, 1880, p. 168.

⁶⁰ *Ibid.*, pp. 190-192.

⁶¹ BARBOSA, Joaquim Casimiro – *Estufa Fria do Estabelecimento Loureiro*. *JHP*, Vol. XV, 1884, pp. 88-89.

⁶² SEQUEIRA, Eduardo. *Crónica – A Festa das Rosas*. *JHP*, Vol. XXII, 1891, p. 138.

⁶³ *Ibid.*, p. 142.

⁶⁴ LOUREIRO, José Marques – *JHP*, Vol. XXIII, 1892, pp. 285-288.

⁶⁵ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 288.

⁶⁶ *Id.* – *Exposição de Rosas em Lisboa*. *JHP*, Vol. XI, 1880, pp. 133-134.

⁶⁷ LOUREIRO, José Marques – *Introdução*. *JHP*, Vol. I, 1870, pp. 1-2.

⁶⁸ AURELIANO, Camilo – *As Camélias Primeiro de Fevereiro e Quatro de Abril*. *JHP*, Vol. X, 1879, p. 137.

⁶⁹ Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro – Horticultor e Jardineiro Multiplicador, Catálogo N.º 3, 1866, p. 36.

⁷⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 275.

⁷¹ LOUREIRO, José Marques – Catálogo N.º 12 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1875-1876, p. 97.

⁷² *Id.* – Catálogo N.º 29 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1895, p. 42.

⁷³ *Id.* – *Introdução*. *JHP*, Vol. I, 1870, pp. 1-2.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ LOUREIRO, José Marques – *Despedida*. *JHP*, Vol. XXIII, 1892, pp. 285-286.

⁷⁶ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume XIX, p. 380.

⁷⁷ AURELIANO, Camilo – *A Rainha Santa Isabel*. *JHP*, Vol. I, 1870, p. 154.

⁷⁸ *Id.* – *Camélia Duarte de Oliveira*. *JHP*, Vol. II, 1871, p. 2.

⁷⁹ *Id.* – *Propagação da Camélia*. *JHP*, Vol. VI, 1875, pp. 110-112.

⁸⁰ *Id.* – *As Camélias Primeiro de Fevereiro e Quatro de Abril*. *JHP*, Vol. X, 1879, pp. 136-137.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² *Id.* – *Paço de Santo António*. *JHP*, Vol. XII, 1881, pp. 183-184.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ FALCÃO, Nuno de Mendonça – *Ensaio sobre a Camélia*. *JHP*, Vol. III, 1872, pp. 51-54.

⁸⁵ *Ibid.*

⁸⁶ LOUREIRO, José Marques – *Camélia Princesa Real*. *JHP*, Vol. XV, 1884, pp. 128-129.

⁸⁷ MELO E FARO, Joaquim de – *A Exposição de Camélias*. *JHP*, Vol. XI, 1880, p. 102.

- ⁸⁸ SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XXIII, 1892, p. 94.
- ⁸⁹ *Ibid.*, pp. 141-142.
- ⁹⁰ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume XIX, pp. 379-380.
- ⁹¹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Camélia D. Rita de Cassia. JHP*, Vol. II, 1871, p. 120.
- ⁹² *Id.* – *Camélia Bella Portuense. JHP*, Vol. III, 1872, p. 230.
- ⁹³ AURELIANO, Camilo – *As Camélias Primeiro de Fevereiro e Quatro de Abril. JHP*, Vol. X, 1879, pp. 136-137.
- ⁹⁴ HILLEBRAND, Piero; BERTOLAZZI, Gianbattista – *Antiche camelié del Lago Maggiore*, 2003, p. 99.
- ⁹⁵ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Camélia Majestosa de Villar. JHP*, Vol. IV, 1873, p. 51.
- ⁹⁶ *Ibid.*, p. 52.
- ⁹⁷ *Ibid.*
- ⁹⁸ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. IV, 1873, p. 160.
- ⁹⁹ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XII, 1881, p. 225.
- ¹⁰⁰ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVII, 1886, p. 92.
- ¹⁰¹ ALMEIDA, A. d' (Pseudónimo de Duarte de Oliveira) – *Fiães, Éden das Camélias. JHP*, Vol. XXIII, 1892, pp. 97-102.
- ¹⁰² *Ibid.*, p. 97.
- ¹⁰³ *Ibid.*, pp. 97-99.
- ¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 99.
- ¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 98.
- ¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 101.
- ¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 102.
- ¹⁰⁸ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. IV, 1873, p. 156.
- ¹⁰⁹ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. VI, 1875, p. 77.
- ¹¹⁰ *Id.* – *O Meu Jardim. JHP*, Vol. V, 1874, pp. 41-43.
- ¹¹¹ BREYNER, Luís de Mello – *A Minha Estufa. JHP*, Vol. V, 1874, p. 86.
- ¹¹² BREYNER, Tomás de Mello – *Memórias do Professor Tomás de Mello Breyner, 4º conde de Mafra, 1880-1883*, p. 45.
- ¹¹³ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. VI, 1875, p. 178.
- ¹¹⁴ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVI, 1885, pp. 56-58.
- ¹¹⁵ *Id.* – *Crónica Hortícola Agrícola. JHP*, Vol. VI, 1875, pp. 19-20.
- ¹¹⁶ *Id.* – *Colhedor Dubois. JHP*, Vol. XV, 1884, p. 150.
- ¹¹⁷ *Id.* – *Sombrinha e colhedor Dubois. JHP*, Vol. XVII, 1886, p. 209.
- ¹¹⁸ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVI, 1885, p. 167.
- ¹¹⁹ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. IX, 1878, p. 60.
- ¹²⁰ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVI, 1885, pp. 96-98.
- ¹²¹ *Ibid.*
- ¹²² *Ibid.*
- ¹²³ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVI, 1885, pp. 143-144
- ¹²⁴ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVII, 1886, p. 168.
- ¹²⁵ Mello, Alvaro de (Pseudónimo de Duarte de Oliveira) – *O Bijou da Festa das Rosas. JHP*, Vol. XXII, 1891, p. 217.
- ¹²⁶ KARR, Alphonse; DELORD, Taxile – *A Vida das Flores*, Vol. I., 1883.
- ¹²⁷ KARR, Alphonse, DELORD, Taxile, FOELIX, Comte – *Les Fleurs Animées*, 1847.
- ¹²⁸ CARNEIRO, José Augusto – *José Marques Loureiro. O Tripeiro*, 1.º Ano, N.º 21, 1909, p. 36.
- ¹²⁹ PEREIRA, Gaspar Martins – *Roriz – História de uma quinta no coração do Douro*, 2011, pp. 191-192.
- ¹³⁰ *Jornal O Comércio do Porto*, 1877, p. 2.
- ¹³¹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, 1877, Vol. VIII, p. 78.
- ¹³² *Ibid.*, pp. 96-97.
- ¹³³ *Ibid.*, p. 78.
- ¹³⁴ *Ibid.*, pp. 163-164.
- ¹³⁵ *Ibid.*, pp. 161-187.
- ¹³⁶ MELO E FARO, Joaquim de – *Exposição de Camélias. JHP*, Vol. XI, 1880, p. 102.
- ¹³⁷ *Jornal O Comércio do Porto*, 1880, p. 1.
- ¹³⁸ SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XX, 1889, p. 89.
- ¹³⁹ *Jornal O Comércio do Porto*, 1889, p. 2.
- ¹⁴⁰ *Jornal O Comércio do Porto*, 1891, p. 2.
- ¹⁴¹ SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XXII, 1891, pp. 93-94.
- ¹⁴² SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica – A Festa das Rosas. JHP*, 1892, Vol. XXIII, pp. 44-45.
- ¹⁴³ MELO E FARO, Joaquim de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XV, 1884, p. 20.
- ¹⁴⁴ VITERBO, Sousa – *op. cit.*, pp. 97-98.
- ¹⁴⁵ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro. Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 275.
- ¹⁴⁶ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. VIII, 1877, pp. 94-95.

- ¹⁴⁷ *Jornal O Comércio do Porto*, 1891, p. 2.
- ¹⁴⁸ MARQUES, Teresa Portela – *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitetura paisagista em Portugal*, 2009, pp. 64-66.
- ¹⁴⁹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica. Jornal Hortícola-Agrícola*, 1877, p. 156.
- ¹⁵⁰ SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XXIII, 1892, p. 45.
- ¹⁵¹ *Id.* – *Crónica. JHP*, Vol. XX, 1889, p. 90.
- ¹⁵² *A Exposição de Rosas. Jornal O Comércio do Porto*, 1896, p. 1.
- ¹⁵³ MAGRO, Abel – *Um jardineiro de mérito. O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano V, N.º 10, 1950, pp. 231-233.
- ¹⁵⁴ MARQUES, Teresa Portela – *op. cit.*, pp. 325, 328-338.
- ¹⁵⁵ Catálogo Geral de Plantas e Sementes – Jacinto de Matos, Horticultor, N.º 28, 1910, p. 304.
- ¹⁵⁶ GUEDES, Joana Andresen – *Jacinto de Matos – Um horticultor paisagista apaixonado por camélias. Revista Camélia*, N.º 33, 2018, pp. 4-9.
- ¹⁵⁷ MARQUES, Teresa Portela – *op. cit.*, pp. 227-229.
- ¹⁵⁸ *Ibid.*, pp. 229-232.
- ¹⁵⁹ CORDEIRO, José M. L. – *O Alfredo das Rosas. Jornal Público*, 1999, p. 57.
- ¹⁶⁰ COSTA, Miguel – *Camélias. Viveiros Mário Mota Suc.ªs*, 2017.
- ¹⁶¹ Catálogo Geral – Mário da Cunha Mota, Horticultor, N.º 3, 1919, Folha 8.
- ¹⁶² RAMOS, Rui; SOUSA, Bernardo Vasconcelos; MONTEIRO, Nuno G. – *História de Portugal*, p. 526.
- ¹⁶³ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *À Memória do Dr. Luís António Pereira da Silva. JHP*, Vol. XV, 1884, pp. 5-8.
- ¹⁶⁴ *Id.* – *Conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa – o seu papel na Horticultura Portuguesa. O Tripeiro*, 3.º Ano, 1912, p. 453.
- ¹⁶⁵ *Ibid.*, pp. 452-454.
- ¹⁶⁶ AURELIANO, Camilo – *A minha estufa. JHP*, Vol. VII, 1876, pp. 1-7.
- ¹⁶⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *op. cit.*, p. 454.
- ¹⁶⁸ *Ibid.*, pp. 452-454.
- ¹⁶⁹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *À memória do Conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa. JHP*, Vol. XIV, 1884, p. 10.
- ¹⁷⁰ ALMEIDA, A. d' (Pseudónimo de Duarte de Oliveira) – *Fiães, Éden das Camélias. JHP*, Vol. XXIII, 1892, pp. 97-98.
- ¹⁷¹ Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, Catálogo N.º 5, 1868, p. 64.
- ¹⁷² AURELIANO, Camilo – *As Camélias Primeiro de Fevereiro e Quatro de Abril. JHP*, Vol. X, 1879, p. 136.
- ¹⁷³ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Revista da Exposição Hortícola Internacional. JHP*, Vol. VIII, 1877, pp. 174-176.
- ¹⁷⁴ LOUREIRO, José Marques – *A Quinta da Lavandeira. JHP*, Vol. XII, 1881, pp. 258-259.
- ¹⁷⁵ RODRIGUES, Manuel M. – *Conde da Silva Monteiro. Revista O Ocidente*, 8.º Ano, Vol. VIII, N.º 220, 1885, pp. 25-26.
- ¹⁷⁶ MELO E FARO, Joaquim de – *A Exposição de Camélias. JHP*, Vol. XI, 1880, pp. 103-104.
- ¹⁷⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XII, 1881, p. 139.
- ¹⁷⁸ *Id.* – *Estufa do Sr. Conde da Silva Monteiro. JHP*, Vol. XIV, 1883, pp. 148-149.
- ¹⁷⁹ LOUREIRO, José Marques – *op. cit.*, pp. 258-259.
- ¹⁸⁰ *Ibid.*
- ¹⁸¹ *Ibid.*
- ¹⁸² SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XXIII, 1892, p. 94.
- ¹⁸³ MELO E FARO, Joaquim de – *op. cit.*, p. 103.
- ¹⁸⁴ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XII, 1881, p. 139.
- ¹⁸⁵ *Id.* – *Crónica. JHP*, Vol. III, 1872, p. 33.
- ¹⁸⁶ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. VI, 1875, pp. 177-178.
- ¹⁸⁷ *Id.* – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. XVI, 1885, p. 100.
- ¹⁸⁸ BARBOSA, Joaquim Casimiro – *Exposições Hortícolas do Porto. JHP*, Vol. IX, 1878, pp. 180-181.
- ¹⁸⁹ ANDRESEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto*, 2001, p. 52.
- ¹⁹⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola. JHP*, Vol. VIII, 1877, p. 96.
- ¹⁹¹ MELO E FARO, Joaquim de – *A Exposição de Camélias. JHP*, Vol. XI, 1880, p. 103.
- ¹⁹² SEQUEIRA, Eduardo – *Crónica. JHP*, Vol. XX, 1889, p. 90.
- ¹⁹³ *Id.* – *Crónica. JHP*, Vol. XXII, 1891, p. 94.
- ¹⁹⁴ BARBOSA, Joaquim Casimiro – *Camélia. In O Jardim – Manual do Jardineiro-Amador*, Volume Terceiro, 1893, pp. 172-178.
- ¹⁹⁵ *Diário de Coimbra*, 2014, p. 8.
- ¹⁹⁶ SEQUEIRA, Eduardo – *Adolpho Frederico Moller. JHP*, Vol. XXII, 1891, pp. 97-109.
- ¹⁹⁷ MÖLLER, Adolfo Frederico – *Camélia. Jornal Hortícola-Agrícola*, 1904, p. 363.

- ¹⁹⁸ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. JHP, Vol. VIII, 1877, p. 37.
- ¹⁹⁹ CASTELLA, François de – Carta a Cristiano van Zeller, 1911.
- ²⁰⁰ PEREIRA, Gaspar Martins – *Roriz – História de uma quinta no coração do Douro*, 2011, pp. 191-192.
- ²⁰¹ MORAIS, Júlio de – *Eduardo Sequeira*. *Revista Hortícola*, 1.º Ano, N.º 6, 1914, pp. 181-184.
- ²⁰² SEQUEIRA, Eduardo. *Crónica – Festa das Rosas*. JHP, Vol. XXIII, 1892, p. 142.
- ²⁰³ Novo Estabelecimento de Horticultura e Jardinagem de Alfredo Moreira da Silva, Catálogo N.º 1, 1897-1898, p. 27.
- ²⁰⁴ LEMOS, António de – *Amadores Portuenses – D. Joana Andresen Silva*. In *Notas d'Arte*, 1906, p. 97.
- ²⁰⁵ CUNHA, Amadeu – *Os Andresen e a Quinta do Campo Alegre*. *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano V, N.º 3, 1949, p. 61.
- ²⁰⁶ GUIMARÃES, Elisa Andresen – *A Família Andresen*, c. 1950.
- ²⁰⁷ DINIS, Júlio – *Uma Família Inglesa*, 1975, p. 48.
- ²⁰⁸ QUEIRÓS, José Maria Eça de – *A Tragédia da Rua das Flores*, pp. 104-105.
- ²⁰⁹ MOURATO, António – *Pintores floristas em Portugal* (1850-1910). In *População e Sociedade*, Vol. 23, 2015, p. 117.
- ²¹⁰ *Ibid.*, p. 118.
- ²¹¹ OLIVEIRA Jr., Duarte de – *Revista da Exposição Hortícola Internacional*. JHP, Vol. VIII, 1877, pp. 183-184.
- ²¹² MOURATO, António – *op. cit.*, p. 121.
- ²¹³ *A Exposição de Rosas*. *Jornal O Comércio do Porto*, 1896.
- ²¹⁴ CUNHA, Amadeu – *op. cit.*
- ²¹⁵ Concurso N.º 154 – Pinturas a óleo originais (amadores). JHP, Vol. VIII, 1877, p. 183.
- ²¹⁶ LOUREIRO, J. Marques – *A Camélia*. JHP, Vol. XIII, 1882, pp. 106-108.
- ²¹⁷ COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, 1789, pp. 40-41.
- ²¹⁸ TOLLENARE, Louis-François – *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, pp. 30-38.
- ²¹⁹ LOUREIRO, J. Marques – *op. cit.*
- ²²⁰ ALMEIDA, A. d' (Pseudónimo de Duarte de Oliveira) – *Fiães, Éden das Camélias*. JHP, Vol. XXIII, 1892, pp. 99-100.
- ²²¹ *Ibid.*
- ²²² LOUREIRO, J. Marques – *op. cit.*
- ²²³ *Ibid.*
- ²²⁴ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Camélia Magestosa de Villar*. JHP, Vol. IV, 1873, pp. 51-52.
- ²²⁵ SILVA, Luís A. P. – *Retrospecto do mês de Março. Jardim Portuense*, 1.ª Série, N.º 7, 1844, p. 109.
- ²²⁶ COSTA, Agostinho Rebelo da – *op. cit.*, p. 109.
- ²²⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa – o seu papel na Horticultura Portuguesa*. *O Tripeiro*, 3.º Ano, 1912, pp. 452-454.
- ²²⁸ *Id.* – À Memória do Conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa. JHP, Vol. VIII, 1883, p. 10.
- ²²⁹ AURORA, Conde d' – *Itinerário Romântico do Porto*, 1962, p. 112.
- ²³⁰ SILVA ROSA Jr. – *Visitas à Quinta das Virtudes – Cartas a uma senhora*. JHP, Vol. IV, 1873, p. 232.
- ²³¹ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. JHP, Vol. XV, 1884, p. 197.
- ²³² SEQUEIRA, Eduardo – *Exposição permanente de plantas, flores e frutos da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*. JHP, Vol. XXIII, 1892, p. 193.
- ²³³ LOUREIRO, José Marques – *A Camélia*. JHP, Vol. XIII, 1882, pp. 106-108.
- ²³⁴ ARAÚJO, Ilídio de – *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*, 1962, p. 240.
- ²³⁵ *Ibid.*, p. 244.
- ²³⁶ BERGMAN, Ernest – *Notes Horticoles sur le Portugal*. *Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France*, 1890, p. 21.
- ²³⁷ MARQUES, Teresa Portela; BRUNO, Natália – *Jardins do Palácio de Cristal*, 2017, p. 32.
- ²³⁸ *Ibid.*, pp. 36-38.
- ²³⁹ MELO E FARO, Joaquim de – *Cronica Hortícola-Agrícola*. JHP, Vol. XII, 1881, p. 66.
- ²⁴⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola – o jardim da Cordoaria*. JHP, Vol. XVII, 1886, pp. 261-262.
- ²⁴¹ *Ibid.*
- ²⁴² TAIT, Muriel – *Some Old Camellias in Quinta do Meio, Porto*. *International Camellia Journal*, N.º 2, 1964, p. 43.
- ²⁴³ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. JHP, Vol. VI, 1875, p. 76-77.
- ²⁴⁴ *Ibid.*
- ²⁴⁵ MARQUES, Teresa Portela – *Catálogo da Exposição Jardins Históricos de Portugal – Memória & Futuro*, 2020.
- ²⁴⁶ OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a José Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898, p. 282.

Abreviatura

JHP – *Jornal de Horticultura Prática*

Bibliografia

AAVV – *Jornal de Horticultura Prática*. Vols. I – XXIII. Porto, 1870-1892.

ABREU, Ana Clara – *As Bebidas Exóticas e as Artes Decorativas – o chá, o café e o chocolate*. Porto: Casa Museu Guerra Junqueiro, Ed. Câmara Municipal do Porto, 2002.

ANDRESEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições Inapa, 2001.

ARAÚJO, Ilídio de – *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos de Urbanismo, 1962.

AURORA, Conde d' – *Itinerário Romântico do Porto*. Porto: Ed. Domingos Barreira, 1962.

BARBOSA, Joaquim Casimiro – *Camélia*. In *O Jardim – Manual do Jardineiro-Amador*, Volume Terceiro. Porto: José Marques Loureiro – Editor, 1893.

BERGMAN, Ernest – *Notes Horticoles sur le Portugal*. *Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France*. Paris: Ed. *Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France*, 1890.

BOCARRO, António – *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*. 48 plantas (aguarela), 1635.

BRETSCHNEIDER, Emil – *Botanicon Sinicum – Notes on Chinese Botany from native and western sources*. Londres: Trübner & Company, 1822.

BREYNER, Tomás de Mello – *Memórias do Professor Tomás de Mello Brezyner*, 4.º conde de Mafra, 1880-1883. Lisboa, 1934.

CÁLEM, Vera – *Algumas representações de camélias na arte em Portugal*. In catálogo da exposição *Rosas do Japão, representações da camélia na arte em Portugal*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 2014.

CARNEIRO, José Augusto – *José Marques Loureiro*. *O Tripeiro*, 1.º Ano, N.º 21. Porto: Tipografia Industrial Portuguesa, 1909.

CASTELLA, François de – Carta a Cristiano van Zeller. Arquivo da Quinta de Fiães, 1911.

CLEYER, Andreas – *Miscellania Curiosa*, Decuria II, Annus VII. Nuremberga, 1689.

CORDEIRO, José M. L. – *O Alfredo das Rosas*. *Jornal Público*, 23 de Março de 1999.

CORREIA, Margarida – *Uma panela em faiança portuguesa datada de 1608 – História de uma doação*. *Revista Museu*, IV Série, N.º 22. Porto: Ed. Círculo Dr. José de Figueiredo, 2015/2016.

COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*. Porto: Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1789.

COSTA, Miguel – *Camélias*. Viveiros Mário Mota Suc.res, 2017.

CUNHA, Amadeu – *Os Andresen e a Quinta do Campo Alegre*. *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano V, N.º 3, Julho de 1949.

DAEHNHARDT, Jörg – *Eine Wiege europäischer Kamelienskultur*. Edição póstuma particular, 2015.

DINIS, Júlio – *Uma Família Inglesa*. Porto: Ed. Porto Editora, Lda., 1975.

EDWARDS, George E. – *A Natural History of Uncommon Birds and of Some Other Rare and Undescribed Animals*. Londres, 1743-1751.

EDWARDS, Sydenham (ilustrações) – *The Botanical Register: Consisting of Coloured Figures of Exotic Plants, Cultivated in British Gardens; with Their History and Mode of Treatment*. Vol. I. Londres, 1815.

FERREIRA, Veiga; CELINA, Maria – *O Mundo da Camélia*. Paredes: Gráfica de Paredes, Lda., 2000.

FIGANIÈRE, Jorge César de – *Bibliographia Historica Portugueza*. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1850.

FRANÇA, José Augusto – *O Romantismo em Portugal*, Vols. I – IV. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

GARRIDO, Jorge – *Camélias Portuguesas – História & Formosura*. Odivelas: Ed. Agro-Manual Publicações, Lda., 2014.

GIRÃO, António L. Ferreira – *Introdução*. Jornal da Sociedade Agrícola do Porto, 1.ª Série, Vol. 1, N.º 1. Porto: Tipografia Comercial, 1856.

GOMES, Bernardino A. – *Elogio Histórico do Padre João de Loureiro*, lido na sessão solene da Academia Real das Ciências de Lisboa a 30 de Abril de 1865. Lisboa: Tipografia da Academia, 1865.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Vol. XIX. Lisboa – Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia, Limitada.

GRANDVILLE, J. J.; KARR, Alphonse; DELORD, Taxile; FÉLIX, Cte – *Les Fleurs Animées*. Tome premier. Paris: Garnier frères, libraires-éditeurs, 1867.

GUEDES, Joana Andresen – *Camélias, as flores do Porto*. *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXXI, N.º 2, Fevereiro de 2012.

GUEDES, Joana Andresen – *Jacinto de Matos – Um horticultor paisagista apaixonado por camélias*. *Revista Camélia*, N.º 33. Pontevedra: Ed. Sociedad Española de la Camelia, 2018.

GUEDES, Joana Andresen – *The Van Zeller Family and its Contribution to the Camellias of Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 34. Reino Unido: Ed. International Camellia Society, 2002.

GUEDES, Joana Andresen – *Um jardim histórico do aro do Porto*. *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXXVI, N.º 2, Fevereiro de 2017.

GUEDES, Joana Andresen; OLIVEIRA, Armando – *Lista das Camélias Portuguesas*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2010 e 2011.

GUEDES, Joana Andresen; SHORT, Herbert; LOUZADA, José – *Camellia Archaeology at Quinta de Fiães, Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 44. Reino Unido: Ed. International Camellia Society. Wimborne: The Minster Press, 2012.

GUIMARÃES, Elisa Andresen – *A Família Andresen*. Texto não publicado, c. 1950.

HILLEBRAND, Piero; BERTOLAZZI, Gianbattista – *Antiche camélie del Lago Maggiore*. Milão: Alberti Libraio Editore, 2003.

KAEMPFER, Engelbert – *Amoenitatum exoticarum*. Lemgoviae: Typis & impensis Henrici Wilhelmi Meyeri, aulae Lippiacae typographi, 1712.

KARR, Alphonse; DELORD, Taxile – *A Vida das Flores*. Tradução sob a direcção de Duarte de Oliveira Júnior. Vol. I. Lisboa: David Corazzi – Editor, 1883.

LEMOES, António de – *Amadores Portuenses – D. Joana Andresen Silva*. In *Notas d'Arte*. Porto: Tipografia Universal, 1906.

LINK, Heinrich Friederich – *Travels in Portugal and through France and Spain*. Translation from the german by John Hinckley, Esq. Londres, 1801.

LINDEN, Lucien – *L'illustration Horticole*. Vol. I, Nova Série. Gand, Bélgica, 1874.

LOUREIRO, Padre João de – *Flora Cochinchinensis*, Tomus I, Tomus II, Ulyssipone, Typis et expensis academicis. Lisboa: Edição da Real Academia das Ciências, 1790.

LOUZADA, José L. P. C. – *Relatório Técnico – Trabalho de Avaliação da Idade de Amostra de Madeira*. Vila Real: Departamento Florestal, UTAD, 20 de Novembro de 2009.

MACOBOY, Sterling – *The Colour Dictionary of Camellias*. NGS, Austrália: Lansdowne Press, 1985.

MAGRO, Abel – *Um Jardineiro de Mérito*. *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano V, N.º 10, Fevereiro de 1950.

MARQUES, Teresa Portela – *Catálogo da Exposição Jardins Históricos de Portugal – Memória & Futuro*. Rota do Grande Porto. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2020.

MARQUES, Teresa Portela – *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal*. Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2009.

MARQUES, Teresa Portela; BRUNO, Natália – *Jardins do Palácio de Cristal*. Porto: Ed. Câmara Municipal do Porto, 2017.

MEYER, Frederick G. – *Plant explorations: ornamentals in Italy, southern France, Spain, Portugal, England, and Scotland*. Washington, D.C.: U. S. Dept. of Agriculture in cooperation with Longwood Gardens of the Longwood Foundation, 1959.

MORAIS, Júlio de – *Eduardo Sequeira*. *Revista Horticola*, 1.º Ano, N.º 6. Porto, 1914.

MOURATO, António – *Pintores floristas em Portugal (1850-1910)*. In *População e Sociedade*, Vol. 23. Porto: CEPSE, 2015.

NEMNICH, Philipp Andreas – *Allgemeines Polyglotten Lexicon des Natur Geschichte*, Vol. I. Hamburgo, 1793-1795.

OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Conselheiro Camilo Aureliano da Silva e Sousa – o seu papel na Horticultura Portuguesa*. *O Tripeiro*, 3.º Ano, Dezembro de 1912.

OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a Marques Loureiro*. *Jornal Horticolo-Agrícola*. Porto: Tipografia de José António da Silva Teixeira, Junho de 1898.

OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *O Jardim na Sala*. Porto: Tipografia de Bartolomeu H. de Moraes, 1876.

PEREIRA, Gaspar Martins – *Roriz – História de uma quinta no coração do Douro*. Ed. Afrontamento e Symington Family Estates, 2011.

QUEIRÓS, José Maria Eça de – *A Tragédia da Rua das Flores*. Ed. Livros do Brasil, sem data.

RAMOS, Rui; SOUSA, Bernardo Vasconcelos;

MONTEIRO, Nuno G. – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 7.ª Edição, 2012.

RELAÇÃO ORIGINAL manuscrita de camélias da Companhia Horticolo-Agrícola Portuense. Porto, 1914.

RODIGAS, Émile. – *Les Camellia en Portugal*. *L'illustration Horticole*, Vol. XXXVI. Gand, 1889.

RODRIGUES, Manuel M. – *Conde da Silva Monteiro*. *Revista O Ocidente*, 2.º Ano, Volume II, N.º 35. Lisboa: Lallement Frères Typographie, 1 de Fevereiro de 1879.

SAINT-VICTOR, Gabriel de – *Portugal – Souvenirs et impressions de voyage*. Paris: Librairie Blériot, 1891.

SEABRA, Clara Gil de – *Another Big Tree in Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 35. Reino Unido: Ed. International Camellia Society, 2003.

SEQUEIRA, Eduardo – *José Duarte de Oliveira Júnior*. *Revista Horticola*, 1.º Ano, N.º 3. Porto, 1914.

SILVA, Germano – *As camélias e a fortuna*. *Revista Visão – Sete*, 10 de Março de 2011.

SILVA, Luís A. P. – *Camélias Portuenses*. *Jardim Portuense*, 1.ª Série, N.º 7, Porto: Tipografia da Revista, 1844.

SILVA, Luís A. P. – *Retrospecto do mês de Março*. *Jardim Portuense*, 1.ª Série, N.º 7. Porto: Tipografia da Revista, 1844.

SHORT, Herbert – *Death of an old camellia in Portugal*. *International Camellia Journal*, N.º 30. Ed. International Camellia Society, 1998.

SHORT, Herbert – *England's First Camellias. Adapted from Locarno Congress Lecture of Herb Short*. *International Camellia Journal*, N.º 37. Ed. International Camellia Society, 2005.

SIMÕES, João Miguel dos Santos – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho*. Editora Civilização, 1993.

TAIT, Muriel – *Some Old Camellias in Quinta do Meio, Porto*. *International Camellia Journal*, N.º 2. Ed. International Camellia Society, 1964.

TOLLENARE, Louis-François – *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

VELA, Pilar et al – *Morpho-Botanic and Molecular Characterization of the Oldest Camellia Trees in Europe*. In *The International Camellia Journal*. Wimborne: The Minster Press, 2009.

VERSCHAFFELT, Ambroise – *Nouvelle Iconographie des Camellias*, Vol. V. Gand, Bélgica, 1859.

VITERBO, Sousa – *A Jardinagem em Portugal – Apontamentos para a sua História*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1908.

Arquivo Pitoresco, Tomo VI, N.º 8, 1863.

Arquivo Pitoresco, Tomo VII, N.º 1, 1864.

Arquivo Pitoresco, Tomo VIII, N.º 43, 1865.

Arquivo Pitoresco, Tomo VIII, N.º 47, 1865.

Catálogo do Novo Estabelecimento de Horticultura e Jardinagem de Alfredo Moreira da Silva, N.º 1. Porto, 1897-1898.

Catálogo Geral – Mário da Cunha Mota, Horticultor, N.º 3, 1919.

Catálogos do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, N.ºs 1 – 15. Porto, 1865-1879.

Catálogos da Real Companhia Horticolo-Agrícola Portuense, N.ºs 17 – 47. Porto, 1881-1911.

Catálogos da Companhia Horticolo-Agrícola Portuense, N.ºs 48 – 88. Porto, 1911-1949.

Catálogos Gerais do Estabelecimento de Horticultura de Jacinto de Matos, N.ºs 14, 20 e 28. Porto, 1900, 1904 e 1910.

Diário de Coimbra, 3 de Janeiro de 2014.

L'illustration Horticole, Vol. XX. Gand, Bélgica, 1873.

L'illustration Horticole, Vol. XXI. Gand, Bélgica, 1874.

L'illustration Horticole, Vol. XXII. Gand, Bélgica, 1875.

O António Maria, I Série, N.º 263, 12 de Junho de 1884.

O Comércio do Porto, 19 de Setembro de 1865.

O Comércio do Porto, 23 de Novembro de 1860.

O Comércio do Porto, 11 de Março de 1877.

O Comércio do Porto, 14 de Março de 1880.

O Comércio do Porto, 24 de Março de 1889.

O Comércio do Porto, 24 de Março de 1891.

O Comércio do Porto, 5 de Maio de 1896.

O Tripeiro, Ano V, N.º 1, Maio de 1949.

O Tripeiro, Ano V, N.º 10, 1950.

O Tripeiro, Ano V, N.º 4, Agosto de 1949.

Revista Horticola, N.º 6, 1.º ano, Dezembro de 1914.

Créditos das imagens

Arquivo Histórico Municipal do Porto

Fig. 49 Palácio de Cristal portuense: exposição internacional portuguesa de 1865. F-NC/CMP/4/33, F-NC/CMP/4/34, F-NC/CMP/4/35, F-C/CMP/8/269(7). Fig. 67 Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense: jardins. F-NV/FG/11/377(376, 374, 343, 338, 337, 335, 332, 329, 327, 322, 306) (à direita). Fig. 71 José Marques Loureiro (Flora): escultura. F-NV/FG-M/9/1037. Fig. 129 Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense: jardins. F-NV/FG/11/377(376, 374, 343, 338, 337, 335, 332, 329, 327, 322, 306). Fig. 209 Planta topográfica da cidade do Porto. D-CDT/A4-51, folhas 255 e 256. Fig. 211 Veduta a mezzogiorno della Villa Entre-Quintas. D-PST/2392(3). Fig. 212 Porto: Jardim de São Lázaro e Avenida Rodrigues de Freitas. D-PST/332. Fig. 213 Antigas quintas da paróquia de Campanhã: casa e capela da quinta da China. F-NP/CMP/7/2212; F-P/CMP/10/354(1).

Biblioteca Nacional de Portugal

Fig. 7 In BOCARRO, António – *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, 1635, pp. 401-402. BPE-COD-CXV-2-1. Fig. 167 S. M. I. o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança. E-61-V. Fig. 168 Dona Maria II, Rainha de Portugal e dos Algarves. E-234-A. Fig. 171 Marquês de Fronteira e de Alorna. E-109-A. Fig. 172 Passos Manuel. E. 6 A. Fig. 173 Almeida Garrett. E-4472-P.

Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia

Fig. 76 In Catálogo N.º 6 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1869, capa.

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Fig. 36 In *Jardim Portuense*, N.º 1, 1843, capa. P-A-1323. Fig. 37 In *Jardim Portuense*, N.º 1, 1843. P-A-1323. Fig. 80 In Catálogo N.º 88 da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1949. R1-9-32. Fig. 175 In *O Tripeiro*, Ano V, N.º 1, 1949, p. 8. P-B-5061. Fig. 207 In *O Tripeiro*, Ano V, N.º 4, 1949,

p. 80. P-B-5061. Fig. 208 In VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória - *Edifícios do Porto em 1833*. N.º 103. Ms. 1479.

Centro Português de Fotografia

Fig. 1 Quinta da Revolta: José Duarte d'Oliveira, Marques Loureiro [junto à queda de água]. Fundo de Fotografia Aurélio da Paz dos Reis, PT/CPF/APR/001-001/006161.

Cleveland Museum of Art

Fig. 176 Terpsichore Lyran (Muse of Lyric Poetry), de Antonio Canova, 1816. Creative Commons (CCo 1.0). Fig. 177 Calliope, Muse of Epic Poetry, de Charles Meynier, 1798. Creative Commons (CCo 1.0).

Direção-Geral do Património Cultural/Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)

• Museu Nacional de Soares dos Reis

Fig. 6 Biombo Namban, de autor desconhecido/Japão. Fotografia de Carlos Monteiro (em cima) e panela, pormenores, de autor desconhecido/Portugal. Fotografia de Jorge Coutinho (em baixo). Fig. 18 Gomil, de autor desconhecido/Portugal. Fotografia de Arnaldo Soares. Fig. 23 Retrato de D. Luísa de Gusmão, de autor desconhecido. Fotografia de Jorge Coutinho. Fig. 187 Quadro bordado, de Maria Amália Silva Guimarães/Portugal. Fotografia de Jorge Coutinho. Fig. 190 Vaso com camélias, de António José da Costa. Fotografia de José Pessoa. Fig. 194 Flores, de Henrique César de Araújo Pousão. Fotografia de Carlos Monteiro. Fig. 195 Jarro com camélias, de José de Almeida e Silva. Fotografia de José Pessoa. Fig. 197 Flores, de Alice Grilo Lima. Fotografia de Jorge Coutinho.

• Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Fig. 188 Retrato da Viscondessa de Menezes, do Visconde de Menezes, Luís de Miranda Pereira Henriques Menezes. Fotografia de Manuel Palma.

• Museu Nacional dos Coches

Fig. 189 D. Maria Amélia Princesa do Brasil, de autor desconhecido. Fotografia de Henrique Ruas.

• Palácio Nacional da Ajuda

Fig. 185 Álbum de aguarelas com motivos florais – Ramo de flores, atribuído à Rainha D. Maria Pia/Italiana. Fotografias de José Paulo Ruas. Fig. 192 Ramo de camélias, de Virginia Panizzarda Vassalli. Fotografia de Luísa Oliveira.

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Fig. 48 In *Arquivo Pitoresco*, Tomo VI, N.º 8, 1863, p. 64. Fig. 50 In *Arquivo Pitoresco*, Tomo VII, N.º 1, 1864, p. 1. Fig. 52 In *Arquivo Pitoresco*, Tomo VIII, N.º 43, 1865, p. 337. Fig. 59 In *O António Maria*, I Série, N.º 263, 1884, p. 192. Fig. 118 In *O Ocidente*, 2.º Ano, Volume II, N.º 35, 1879, p. 81. Fig. 149 In RODRIGUES, Manuel M. – *Conde da Silva Monteiro*. Revista *O Ocidente*, 8.º Ano, Vol. VIII, N.º 220, 1885, p. 25. Fig. 199 In *Arquivo Pitoresco*, Tomo VIII, N.º 47, 1865, p. 369.

Museu de Arte Sacra e Arqueologia – Igreja dos Grilos

Figs. 19, 20, 22 (fotografias de João Almeida).

Universidade de Coimbra

Fig. 183 Retrato de Júlio Henriques. Arquivo de Botânica, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Portugal.

Wellcome Collection

Fig. 46 Joseph James Forrester. Photograph. Attribution 4.0 International (CC BY 4.0). Fig. 178 Caserta Royal Palace, Naples, Italy: Acteon attacked by his dogs: sculptures in front of a waterfall in the palace gardens. Photograph, ca. 1870, of marble sculptures, ca. 1750. Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

Arquivo da família de Gustavo M. B. Andresen

Figs. 55, 69, 170.

Arquivo da Quinta da Aveleda

Fig. 53.

Arquivo da Quinta de Fiães

Figs. 43, 44, 45, 51, 64, 70, 116, 119, 147, 158, 159, 161, 179, 181.

Arquivo VERITAS Art Auctioneers

Fig. 127 Catálogo Leilão 57, Julho de 2016.

Cortesias

Ana Sofia Andresen Castro Henriques Fig. 196. **António Assunção** Figs. 85, 124, 155. **Armando de Castro Oliveira** Figs. 40, 72, 86, 91, 97, 160, 166, 221. **Casimiro Alves** Figs. 90, 157. **Clara Gil de Seabra** Figs. 9, 139. **Colecção particular** Fig. 193 (fotografia de João Almeida). **Francisco R. V. Olazábal** Fig. 154. **Francisco Xavier Olazábal** Fig. 180. **Gonçalo de Vasconcelos e Sousa** Fig. 169. **José Alberto e Isaura Allen (HAAGA)** Figs. 42, 47, 115 (fotografia de João Almeida), 151, 153. **José da Costa Reis** Fig. 143. **José Horácio Garcia** Fig. 229. **Luís Braga da Cruz** Fig. 93. **Maria do Carmo Andresen** Fig. 117 (fotografia de João Almeida). **Miguel Costa** Fig. 140. **Nuno Guedes de Almeida** Fig. 198 (fotografia de João Almeida).

Joana Andresen Guedes

Capa e dedicatória (aguarelas da autora), Figs. 4, 5, 8, 10, 11, 17, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 30, 33, 35, 38, 39, 41, 58, 61, 74, 88, 89, 92, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 122, 123, 125, 126, 130, 135, 141, 144, 148, 164, 174, 184, 202, 203, 205, 206, 219, 220, 222, 228, 230, 231, 232.

João Almeida

Abertura, Índice, Figs. 2, 3, 34, 82, 104, 131, 152, 186, 200, 204, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227.

Livros

Fig. 12 In CLEYER, Andreas – *Miscellania Curiosa*, Decuria II, Annus VII, 1689, fig. 34, p. 132. Fig. 13 In KAEMPFER, Engelbert – *Amoenitatum exoticarum*, 1712, pp. 850-851. Fig. 14 In FIGANIÈRE, Jorge César de – *Bibliographia Historica Portugueza*. 1850, p. 271. Fig. 15 In EDWARDS, George E. – *A Natural History of Uncommon Birds and of Some Other Rare and Undescribed Animals*, 1743-1751, p. 67. Fig. 16 In EDWARDS, Sydenham – *The Botanical Register*, Vol. I, 1815, estampa 12. Fig. 65 In VERSCHAFFELT, Ambroise – *Nouvelle Iconographie des Camellias*, Vol. V, 1859, estampa IV. Figs. 79, 81, 163, 201 In MEYER, Frederick G. – *Plant explorations: ornamentals in Italy, southern France, Spain, Portugal, England, and Scotland*, 1959, fig. 47, p. 63; fig. 45, p. 62; fig. 44, p. 61; Teófilo Rego, fig. 49, p. 64. Fig. 94 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *O Jardim na Sala*, 1876. Fig. 110 In *Ibid.*, capa. Fig. 111 In KARR, Alphonse; DELORD, Taxile – *A Vida das Flores*, Vol. I, 1883, capa. Fig. 112 In *Ibid.*, estampa “Camélia”. Fig. 113 In GRANDVILLE, J. J.; KARR, Alphonse; DELORD, Taxile; FÉLIX, Cte – *Les Fleurs Animées*. Tome premier, 1867, estampa “Camélia”. Fig. 165 In LEMOS,

António de – *Amadores Portuenses* – D. Joana Andresen Silva. In *Notas d'Arte*, 1906, p. 97.

Jornal de Horticultura Prática

Fig. 62 In Vol. I, 1870, capa. Fig. 66 In Vol. XV, 1884, p. 88. Fig. 68 In Vol. XXII, 1891, fig. 63, p. 173. Fig. 83 In Vol. XV, 1884 (à esquerda) e Vol. II, 1871 (à direita). Fig. 84 In Vol. II, 1871, capa (à esquerda) e Vol. XXIII, 1892, capa (à direita). Fig. 87 In Vol. VI, 1875, figs. 23 e 24, p. 111. Fig. 103 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *O meu jardim*. Vol. V, 1874, fig. 9, p. 41. Fig. 105 In Vol. XXI, 1890, fig. 51, p. 260. Fig. 106 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Sombrinha e Colhedor Dubois*. Vol. XVII, 1886, fig. 77, p. 210. Fig. 107 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Colhedor Dubois*. Vol. XV, 1884, figs. 85 e 86, p. 151. Fig. 108 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Crónica Hortícola-Agrícola*. Vol. XVI, 1885, fig. 67, p. 167. Fig. 109 In Vol. XXII, 1891, fig. 61, p. 169. Fig. 114 In AURELIANO, Camilo – *Dálias Portuguesas*. Vol. VI, 1875, fig. 1, p. 1. Fig. 120 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Exposição Hortícola*. Vol. VII, 1876, fig. 33, p. 181. Fig. 121 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Exposição Hortícola*. Vol. VII, 1876, fig. 31, p. 169. Fig. 142 In Vol. XV, 1884. Fig. 145 In Vol. VI, 1875, fig. 3, p. 1. Fig. 146 In Vol. VII, 1876, fig. 3, p. 5. Fig. 150 In Vol. XIV, 1883. Fig. 156 In Vol. XXII, 1891, p. 97. Fig. 182 In Vol. IV, 1873, p. 1.

Outros Jornais e Revistas

Fig. 56 In *L'illustration Horticole*, Vol. XXI, 1874, estampa CLVI. Fig. 57 In *L'illustration Horticole*, Vol. XX, 1873, estampa CXIX. Fig. 60 In OLIVEIRA JÚNIOR, Duarte de – *Homenagem a Marques Loureiro*. *Jornal Hortícola-Agrícola*, 1898. Fig. 132 In *O Tripeiro*, Ano V, N.º 10, 1950, p. 231. Fig. 162 In *Revista Hortícola*, N.º 6, 1.º ano, 1914, p. 81. Fig. 191 In *L'illustration Horticole*, Vol. XXII, 1875, estampa CCVIII.

Catálogos

Fig. 54 In Cat. N.º 6 do Estabelecimento de Horticultura de José Marques Loureiro, 1869, capa. Fig. 63 In Cat. N.º 41 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1907, capa. Fig. 67 In Cat. N.º 41 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1907, contra-capas (à esquerda). Fig. 73 In Cat. N.º 50 da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1914. Fig. 75 In Cat. N.º 1 do Estabelecimento

de Horticultura de José Marques Loureiro, 1865, capa. Fig. 77 In Cat. N.º 31 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1897, capa e contra-capas. Fig. 78 In Cat. N.º 50 da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1914, p. 70. Fig. 128 In Catálogo Geral N.º 3 de Mário da Cunha Mota, 1919, capa (em cima, à esquerda), Catálogo N.º 28 de Jacinto de Matos, 1910, capa (em cima, à direita), Suplemento ao Catálogo N.º 16 de Alfredo Moreira da Silva & Filhos, 1909, capa (em baixo, à esquerda) e Catálogo N.º 27 da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1892, capa (em baixo, à direita). Fig. 133 In Cat. N.º 28 de Jacinto de Matos, 1910. Fig. 134 In Cat. N.º 28 de Jacinto de Matos, 1910. Fig. 136 In Cat. N.º 4 do Estabelecimento de Horticultura Costa & Costa, 1889, capa. Fig. 137 In Cat. N.º 50 da Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, 1914. Fig. 138 In suplemento ao Cat. Geral de Alfredo Moreira da Silva, 1908-1909.

Anexo II

Joana Andresen Guedes, com excepção de:

António Assunção – Barão de Villar; Broteria; Esmaltada; Fada do Mirante; Heteroclita Coccinea; Jeronymo Monteiro da Costa; Linda, a Pastora; Lusitaniae Regina; Paeonia Coccinea; Stellata; Theodoria; Villar d'Allen. **Armando de Castro Oliveira** – Alcione, o Gigante; Anagoa de Venus; Anemona Alba (Paolet); Antonio Bernardo Ferreira; Belfortia; Bella de Fiaes; Candida Plenissima; Carneria; Conde d'Arrochella; Conde das Devezas; Dama do Paço; Dom Luiz I, Rei de Portugal; Dr. Balthazar de Mello; Duqueza de Palmella; Duriensis; Eduardia; Egas Moniz; Endymião; Fronteiro de Beja; Independencia de Portugal; Infanta Dona Isabel Maria; Japonica Portuensis, fol. aur. var.; José Marques Loureiro; Marqueza d'Alorna; Michaelina; Paço de Santo Antonio; Pérola de Villar d'Allen; Princeza Real; Tedinia; Vanzelleria. **Casimiro Alves** – Helianthus; Marquez de Ficalho. **João Almeida** – Alfredo Allen; Conde do Bomfim; Dona Leonor de Sá; Edmond Goeze; Imperador e Rei Dom Pedro IV; Imperatriz Dona Leopoldina; Madame Jules Mechlynch. **José Alberto Allen** – Viscondessa de Villar d'Allen.

